



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RENATA SILVA PAMPLONA

**O KIT ANTI-HOMOFOBIA E OS DISCURSOS SOBRE
DIVERSIDADE SEXUAL**

**SÃO CARLOS - SP
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O KIT ANTI-HOMOFOBIA E OS DISCURSOS SOBRE
DIVERSIDADE SEXUAL**

RENATA SILVA PAMPLONA

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de São Carlos para
obtenção do Título de Mestre em Educação**

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

**SÃO CARLOS - SP
2012**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P186ka Pamplona, Renata Silva.
O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual / Renata Silva Pamplona. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
147 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Diversidade sexual. 3. Homofobia. 4. Normalização. 5. Dispositivo (Filosofia). I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

Profª. Drª. Sandra Aparecida Riscal

Profª. Drª. Anete Abramowicz

Profª. Drª. Débora Cristina Fonseca



Handwritten signatures of the examiners, written over horizontal lines. The signatures are in black ink and appear to be cursive or semi-cursive. The first signature is the most prominent and matches the name Nilson Fernandes Dinis. Below it are two more signatures, one of which appears to be Sandra Aparecida Riscal.

Dedicatória

*Os imorais
Falam de nós
Do nosso gosto
Nosso encontro
Da nossa voz
Os imorais
se chocam
por nós
Por nosso brilho
Nosso estilo
Nossos lençóis
Mas um dia, eu sei
A casa cai
E então
A moral da história
Vai estar sempre na glória
De fazermos o que nos satisfaz.
Os imorais
Falam de nós
Do nosso gosto
Nosso encontro
Da nossa voz
Os imorais
sorriram pra nós
Fingiram trégua
Fizeram média
Venderam paz.
Mas um dia, eu sei
A casa cai
E então
A moral da história
Vai estar sempre na glória
De fazermos o que nos satisfaz.*

(Christiaan Oyens - Zélia Duncan, Os imorais, 1998).

Às travestis, transexuais, transgêneros, lésbicas e gays, dedico.

Por ousarem subverter uma cultura heteronormativa e homofóbica. E pela coragem em fazer de suas vidas uma arte da existência.

Agradecimentos

Ao professor Nilson, por quem me encantei em diferentes momentos, como: no encontro com sua produção e a cada nova conversa. Tê-lo como orientador desta pesquisa é uma grande alegria e honra.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Às professoras Anete Abramowicz e Sandra Riscal, pela rica e precisa contribuição no exame de qualificação e defesa.

À professora Débora Cristina Fonseca pelas reflexões e contribuições no exame de defesa.

Às professoras e professores da linha *Educação, Cultura e Subjetividade*, pelas aulas que muito contribuíram nesse processo de amadurecimento da escrita.

À professora Vanice Sargentini, por ter me acolhido tão gentilmente no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar.

À Maria Helena Franco, Margarita Díaz, Carmen Pereira e Toni Reis, pela gentileza e prontidão em oferecer informações sobre o projeto *Escola Sem Homofobia* e o material *Kit anti-homofobia*.

Às/aos colegas do PPGE, Monique, Mayara, Ana, Marisa, Welson, pelos momentos compartilhados e especialmente pelo carinho de Reginaldo e Edmacy.

Aos alunos e alunas (Educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) com quem tive a oportunidade de experimentar de diferentes formas a condição da docência, por terem me feito ver de modos diferentes e certamente por fazerem parte desse trabalho.

À amiga Rosana, por todos os momentos compartilhados nesses anos de amizade, por seu carinho e presença insubstituível.

Ao pequeno e forte Victor Emmanuel, por esse carinho tão grande que se torna sem palavras.

À amiga Cristiane Borzuk, por todo carinho, amizade e, sem dúvida, incentivo para meu ingresso no mestrado, assim como pelo apoio na construção do projeto de pesquisa.

Ao amigo Wanderley Divino, por toda a beleza dessa amizade, por sempre ver-me maior do que “sou”.

Ao amigo Dimas Peixinho, por sua amizade e aspiração em sempre me ver bem.

Ao amigo Ney Bruno, por sua amizade e alegria cativante.

Ao casal de amigos Cibele e Antônio Carlos e às crianças Gabriel e Ana Paula, por ter tornado nossos dias em São Carlos mais prazerosos, divertidos. Pelo apoio dado em todos os momentos.

À amiga Luciene Lima, pelo carinho, rigor e incentivo para que eu pudesse ir sempre além.

À querida Suely Lima, por seu carinho, confiança e sempre torcida.

Às/aos colegas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí, em especial pelo carinho e torcida das amigas Karem Nacostielle, Débora, Isabella e do amigo Elton.

À Maria e ao Luiz, pelo apoio dado em toda trajetória de meu ingresso no mestrado, e de José Sílvio, no doutorado.

A minhas irmãs Reyla e Rúbia pela torcida, carinho, amor e elo que nos une.

Às amadas sobrinhas, Brenda, Alanis e Alícia, por tornarem minha vida mais leve, colorida e feliz.

À minha mãe, mulher forte, determinada, guerreira, amável, amiga, que desde cedo me inspirou a lutar por meus sonhos e não esperar nada gratuitamente.

A meu pai (*in memoriam*), na certeza de que se ainda estivesse por aqui, partilharíamos algumas xícaras de café, regadas com seus questionamentos e jeito introspectivo.

Ao companheiro José Sílvio, pela experiência partilhada nesses anos, pelas alegrias e tensões diante das incertezas. Por todos os cafés da tarde e apoio nesse momento de escrita, pela atenção dada às crianças. Por seu amor.

A Pétria e Amadeus, filha amada, filho amado. Por vocês alegrarem, encherem meus dias de vida, em especial quando vejo vocês brincarem, inventarem coisas. E não acreditarem em todas as bobagens da televisão e da escola. Quando, por exemplo, produzem uns vídeos pirados, como: o senhor prefeito RAGABÁ, e a Repórter Maluca. (risos).

À Poesia, amiga, companheira de todos os momentos, que me inspirou a olhar para outras direções, a pensar, sentir, desejar o novo, o desconhecido.

Inalcançável

*As receitas são constantes.
Dizem por onde andar
Em que direção verter o olhar.
Como comer, vestir, amar.*

*Dizem como se tratar, quando mais
Não conseguir se guiar.
Os pensamentos todos ordenados.
Por itinerários bem, bem fixados.*

*O certo, o normal, o adequado.
O estranho tornou-se aceitável,
Suportável...
Palatável.*

*Despiram-no, para recebê-lo,
Nas portas douradas desse “céu”.
Melhor endireitá-lo, que refutá-lo.
Ao alcance das mãos, mais fácil
Mantê-lo naquela direção.*

*Tome seu descaminho.
Melhor seguir “sozinho”.
Inventar-se, e a seu lugar.
Reinventar, perder.
Nunca esse ser, ser.
Você incógnita do próprio querer.
O que não ousam
Percorrer.*

*Estranheza
É toda sua beleza.*

Renata Pamplona

O E não é um nem o outro, é sempre entre os dois, é a fronteira, sempre há uma fronteira, uma linha de fuga ou de fluxo, mas que não se vê, porque ela é o menos perceptível. E no entanto é sobre essa linha de fuga que as coisas se passam, os devires se fazem, as revoluções se esboçam. ‘As pessoas fortes não são as que ocupam um campo ou outro, é a fronteira que é potente’.

Gilles Deleuze

RESUMO

Objetiva-se analisar, com esta pesquisa, os diferentes discursos propagados na mídia brasileira referentes à repercussão da possibilidade de aprovação do material educacional: *kit anti-homofobia*, produzido e elaborado pelo MEC/SECADI a partir do projeto *Escola Sem Homofobia*, entre os anos de 2008 a 2010. Esse material destina-se a apoiar o trabalho pedagógico no enfrentamento do preconceito contra a diversidade sexual e combate à homofobia na escola. Como opção metodológica, trabalhar-se-á com a arqueogenealogia foucaultiana, uma vez que esse acontecimento se insere numa ordem de saber e poder. Nesse sentido, partilha-se do entendimento de que o discurso é complexo, transitório, móvel, marcado pelas relações históricas e práticas que estão vivas no próprio discurso. Esse não se resume a um conjunto de signos e significantes; tampouco é causal. Antes, é submetido à lei do devir. Nesse viés, e na compreensão de que a sexualidade é historicamente produzida, funcionando como dispositivo da sexualidade, procede-se em um primeiro momento às análises dos seguintes materiais audiovisuais: *Encontrando Bianca*, *Probabilidade e Torpedo*. Posteriormente, analisam-se os discursos propagados sobre o material educativo e sobre as diversidades sexuais. Toda a trajetória discursiva e seu esmiuçar oferece ferramentas para que se possa compreender o *kit anti-homofobia* como um dispositivo de poder. Assim, ao caminhar nos emaranhados discursivos e destrinçar as minúcias produzidas pelos discursos, vê-se que esses se arquitetam de forma a produzir verdades sobre as diversidades sexuais, e a engendrar formas de assujeitamento das diferenças. Especificamente, percebem-se estratégias para esvaziar ou tornar palatável qualquer expressão de estranheza das/dos: travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros. O dispositivo *kit anti-homofobia* reafirma tradicionais modelos da heteronormatividade, ainda que os discursos sutilmente se construam em defesa dos sujeitos que se quer normalizar.

Palavras chave: *Kit anti-homofobia*, diversidade sexual, dispositivo, normalização.

ABSTRACT

With this research the aim is to analyze the different discourses propagated in the Brazilian media, referring to the repercussion of the possibility of the approval of the educational material: the *Anti-homophobia kit*, produced and developed by MEC / SECADI, based on the project, *A Homophobia-free School*, between 2008 and 2010. This material is intended to support the educational task in tackling prejudice against sexual diversity and combat homophobia in schools. As methodological option, we will work with Foucaultian Archeogenealogy, given that this event falls within the domain of knowledge and power. In this sense, it is allied to the understanding that the discourse is complex, transient, mobile, marked by historical relationships and practices that are actually alive within the discourse itself. This cannot be reduced to a set of signs and signifiers; nor is it causal. Before, it is subject to the law of becoming. In this slant, and in the understanding that sexuality is historically produced, functioning as a device of sexuality, we proceed in the first instance to analyses of the following audiovisual materials: *Finding Bianca*, *Probability and Torpedo*. Subsequently, we analyze the discourses propagated on the educational material and on sexual diversities. The entire discursive trajectory and its detailed examination offers tools which make it possible to understand the *Anti-homophobia kit* as a device of power. Thus, as we proceed through the discursive tangle and begin to unravel the minutiae produced by the discourses, it can be seen that these construct themselves in such a manner as to produce truth about sexual diversities, and to engender forms of subjectification of the differences. Specifically, strategies are perceived to purge or make palatable any expression of strangeness concerning: transvestites, transsexuals, lesbians, gays, bisexuals or transgender individuals. The *Anti-homophobia kit* resource reaffirms traditional models of heteronormativity, even though the discourses subtly construct themselves in defense of the subjects one wishes to normalize.

Keywords: Anti-homophobia kit, sexual diversity, resource, normalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – UM CAMINHAR POR ENTRE OS EMARANHADOS DISCURSIVOS DO MATERIAL EDUCATIVO “KIT ANTI-HOMOFOBIA”	21
1.1- “Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo da travesti em um vídeo educativo	29
1.2- Probabilidade	44
1.3- Torpedo	59
CAPÍTULO 2 – O KIT ANTI-HOMOFOBIA E O ZIGUEZAGUEAR DISCURSIVO SOBRE AS DIVERSIDADES SEXUAIS	77
2.1- O discurso religioso	83
2.2- O discurso psicológico	104
2.3- O discurso pedagógico	108
2.4- O discurso jurídico	115
2.5- O discurso biológico	119
2.6- O discurso leigo	123
TRAÇADOS FINAIS: DE <i>TSUNAMI</i> A ONDAS CALMAS?	131
REFERÊNCIAS	139

INTRODUÇÃO

Um trabalho acadêmico parece, antes mesmo de seu iniciar, fazer parte das inacabadas e constantes trajetórias de buscas, interesses, investigações ou desvios de outros percursos de quem o realiza. Rotas de encontros e desencontros teóricos, intercalados por diálogos produtores de sentidos ou simplesmente ausência desses. Ao percorrer por alguns itinerários teóricos, certas paisagens trouxeram inquietude diante de suas cores, sombreados e tessituras. Impregnaram o olhar com marcas que produziram novos olhares rumo a outras direções, como os estudos sobre as diferenças ou diversidades sexuais no contexto educacional, temática na qual se situa a elaboração desta dissertação, que tem seu objeto de estudo inscrito a partir de um acontecimento específico: o *kit anti-homofobia*.

Esse acontecimento se refere à polêmica em torno da possibilidade de aprovação de um material educacional, o *kit anti-homofobia*, proposto pelo Ministério da Educação/MEC como ferramenta de combate à homofobia em instituições escolares públicas.

Toda a discussão que envolveu esse material se concretizou no espaço das mídias brasileiras, em jornais televisivos, programas de auditório e de entretenimento, rádios, diversos *sites* da Internet, englobando desde jornais, páginas pessoais de políticos, *sites* de divulgação de vídeos. No final do ano de 2010 alguns programas televisivos começavam a noticiar o fato e no primeiro semestre de 2011 acentuou-se a divulgação do assunto *kit anti-homofobia*, pois se aguardava nesse momento a liberação do governo federal para a possível utilização do material em escolas públicas. O que não ocorreu, já que em maio de 2011 a presidenta Dilma Rousseff vetou o material por considerá-lo inadequado para o objetivo ao qual se propunha, além de avaliá-lo como uma propaganda de opções sexuais, que alega não admitir em seu governo.

O que motivou a visibilidade e o início de uma explosão discursiva em torno do material educacional foi a divulgação extraoficial, na Internet e em outras mídias, de alguns audiovisuais que compõem parte do material educativo. O conteúdo desses vídeos versa sobre a lesbianidade, bissexualidade e travestilidade, o que se constituiu substancialmente como o pivô da polêmica, gerando diferentes discursos sobre o teor da discussão expressa nos vídeos, ou seja, sobre as diversidades sexuais e o questionamento da necessidade de se trabalhar a temática no espaço escolar.

Estiveram envolvidas/os em declarações a respeito desse material: professoras/es, mães, pais, estudantes, psicólogas/os, advogadas/os, promotoras/es, psicopedagogas/os, diferentes profissionais da área de educação, populares, senadoras/res, deputados/as e a presidenta da República: Dilma Rousseff.

O encontro com esse dinamitar discursivo no exato momento das lapidações para possíveis propostas da efetivação de uma pesquisa sobre as diversidades sexuais no contexto educacional, inevitavelmente fez emergir uma questão. O que todo esse emaranhado discursivo diz sobre a produção da diversidade sexual no Brasil, em especial nos espaços escolares? Ou ainda, esses discursos se constituem enquanto produtores de verdades sobre as diversidades sexuais? Quais os jogos de poder e saber que perpassam esses enunciados?

Essas questões permitiram definir como objeto de estudo desta pesquisa os diferentes discursos expressos na mídia brasileira, referentes à repercussão da possibilidade de aprovação do material educativo *kit anti-homofobia*, elaborado pelo MEC. Essa pesquisa tem o intuito de analisar os discursos engendrados a partir desse acontecimento.

O material *kit anti-homofobia* é um dos produtos do projeto *Escola Sem Homofobia*, que surge dando continuidade às políticas públicas contra a homofobia, iniciadas no governo Lula (2003), especificamente com o lançamento em maio de 2004 do programa federal *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB¹ e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Esse programa foi lançado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos e se originou a partir de um longo processo de diálogos com o movimento LGBTTT² e o governo federal. As principais reivindicações que possibilitaram a existência do programa centravam-se na busca por políticas públicas que contribuíssem, em especial, para a redução da discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de *gays*, lésbicas, transexuais, transgêneros e bissexuais.

O programa federal *Brasil Sem Homofobia* previu entre seus objetivos pleitear a produção de conhecimentos, com estudos e pesquisas que pudessem contribuir com o combate à violência e à discriminação por orientação sexual. O combate à homofobia e a promoção dos direitos humanos de homossexuais constituiu-se por meio desse

¹ GLTB é a sigla utilizada pelo Programa Brasil Sem Homofobia, que faz referência a *gays*, lésbicas, travestis e bissexuais.

² Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

programa em um compromisso do Estado. Entre outras ações, no âmbito da educação foram traçadas metas específicas, como:

- o combate à violência, ao preconceito e à discriminação contra a população GLBTT, dentro e fora da escola;
- a promoção da unidade na diversidade no âmbito da escola e na sociedade;
- o reconhecimento da diversidade como um recurso social e pedagógico;
- os direitos e o respeito às diferenças de orientação afetivo-sexual e de identidade de gênero;
- linguagem, discurso e representação social da orientação sexual e da identidade de gênero;
- a desconstrução de representações sociais naturalizantes, estereotipadas e hierarquizantes acerca das práticas e das identidades sociais;
- a reflexão crítica acerca do currículo e de seus significados em termos do estudo da sexualidade, das orientações afetivo-sexuais e das identidades de gênero;
- a crítica do material didático e paradidático sobre diversidade de orientação afetivo-sexual e identidade de gênero;
- a escola como espaço social de produção e de superação de preconceitos;
- a auto-estima dos(das) profissionais da educação em face das questões relacionadas a sexualidade, gênero e orientação sexual;
- os efeitos da violência e discriminação de gênero, identidade de gênero e de orientação sexual no rendimento e na exclusão escolar. [...]
- a discussão acerca de formas inovadoras de abordagem social e pedagógica com vistas à construção de um espaço escolar democrático, pluralista, multicultural e que respeite as diferentes identidades sexuais e de gênero, bem como as orientações afetivo-sexuais (BRASIL, 2012, p. 12-13).

Dentre essas metas previstas pelo programa poucas foram efetivadas ou tiveram evidência nacional na esfera educacional, o que contribuiu substancialmente para o surgimento do projeto *Escola Sem homofobia*, o qual tem por principal objetivo cumprir partes dos objetivos alçados anteriormente.

Em síntese, torna-se pertinente afirmar que o material educacional *kit anti-homofobia* é um produto do projeto *Escola Sem homofobia*, o qual foi planejado para subsidiar, no sentido de continuidade, o programa *Brasil Sem Homofobia*.

Todo o delineamento e ações de efetivação do projeto *Escola Sem Homofobia* foi concretizado conjuntamente pela rede internacional Global Alliance for LGBT Education (GALE), a Comunicação em Sexualidade (ECOS), a organização não governamental Pathfinder do Brasil, a Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva (Reprolatina) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), em constante diálogo, participação e intervenção do MEC/SECADI. Especificamente, a produção do material educativo *kit anti-homofobia* ficou sob responsabilidade da organização não-governamental – Comunicação em Sexualidade (ECOS).

O projeto *Escola Sem Homofobia* começou a ser desenvolvido em 2008 com a realização de seminários nas diferentes regiões do país, os quais contaram com a presença de profissionais da educação, gestores/ras e representantes da sociedade civil, diante do objetivo de conhecer as interfaces da homofobia nos espaços escolares, a partir das experiências cotidianas dos sujeitos envolvidos. Foi também realizada uma pesquisa qualitativa em 11 capitais do país, em suas diferentes regiões, contando com 1406 participantes, entre professores/as, estudantes, gestores/as de escolas, secretários/as de saúde, e pessoas de alguma forma envolvidas em atividades nas instituições escolares.

A última versão do material educativo foi concluída em setembro de 2010, data que a ONG ECOS, responsável pela elaboração, o entregou para o MEC. A finalização foi alcançada depois de vários diálogos realizados entre as ONGs envolvidas no projeto *Escola Sem Homofobia*, sempre com o acompanhamento, apreciação e avaliação do MEC. A data para a conclusão e entrega foi fixada por comum acordo entre a ONG ECOS e o MEC.

É importante sublinhar o fato de ter sido veiculado nas mídias brasileiras como sendo o material educativo *kit anti-homofobia* os audiovisuais: *Encontrando Bianca*, *Probabilidade e Torpedo*, o que gerou confusões e distorções em relação ao que de fato é o material, pois esses vídeos divulgados são apenas parte do *kit*, que em sua totalidade é composto por um caderno, uma série de seis boletins (Boleshs), três audiovisuais com seus respectivos guias, um cartaz e cartas de apresentação para o/a gestor/ra e para a/o educadora/o.

O *Caderno Escola sem homofobia* é caracterizado como uma peça-chave do *kit*, pois se relaciona com todos os outros componentes do material educativo. Apresenta referenciais teóricos, conceitos, propostas de dinâmicas e oficinas, com objetivo de oferecer sugestões que possam contribuir para o trabalho da/o educadora/o com o tema da homofobia no contexto escolar.

Os *Boletins Escola sem homofobia* compõem-se de seis exemplares, destinam-se às/aos estudantes, e trazem o tema da sexualidade, diversidade sexual e homofobia. Esse conteúdo objetiva trazer uma discussão histórica e cultural da sexualidade, estabelecer uma diferenciação entre sexualidade e sexo, debater a reprodução dos estereótipos relacionados com a manutenção de mecanismos de discriminação.

Os audiovisuais são três, sendo o primeiro o DVD *Boneca na Mochila*, que possui versão em libras, e de acordo com a ONG ECOS, responsável pela elaboração do material, trata-se de uma:

Ficção que promove a reflexão crítica sobre como as expectativas de gênero propagadas na sociedade influenciam a educação formal e informal de crianças, através de situações que, se não aconteceram em alguma escola, com certeza já foram vivenciadas por famílias no mesmo contexto ou em outros. Ao longo do audiovisual, são apresentados momentos que revelam o quanto de preconceito existe em relação às pessoas não heterossexuais (NOTA OFICIAL..., 2011, p. 3).

O segundo audiovisual é o DVD *Medo de quê?* Trata-se de um desenho animado, que de acordo com a ONG Ecos, tem como objetivo promover:

... uma reflexão crítica sobre como as expectativas que a sociedade tem em relação ao gênero influenciam a vivência de cada pessoa com seus desejos, mostrando o cotidiano de personagens comuns na vida real. O formato desenho animado, sem falas, facilita sua exibição para pessoas de diferentes contextos culturais, independente do nível de alfabetização dos/das espectadores(as) (NOTA OFICIAL..., 2011, p. 3).

O terceiro audiovisual é o *Torpedo*, que concentra três histórias protagonizadas no espaço escolar: *Torpedo* (que é o mesmo título do conjunto do audiovisual), *Encontrando Bianca e Probabilidade*. *Torpedo*, uma animação com fotos, busca apresentar perspectivas da lesbianidade, por meio da história de um suposto início de namoro entre duas garotas, Ana Paula e Vanessa, que estudam na mesma escola. *Encontrando Bianca* é uma narrativa ficcional em primeira pessoa, em que José Ricardo/Bianca revela a descoberta e a busca de sua identidade de travesti. *Probabilidade*, de acordo com a produção do material, é uma história descontraída que discorre sobre a vida amorosa de alguns/mas adolescentes, mas com destaque à temática da bissexualidade, que na trama é vivida por Leonardo.

A partir desse contexto, no qual as mídias brasileiras consideraram apenas as três histórias que compõem o audiovisual *Torpedo* como sendo o *kit anti-homofobia*, criou-se um entendimento de que todo o projeto a eles se restringia, possibilitando, dessa forma, que os discursos se concentrassem em apreciar se esses vídeos deveriam ou não ser trabalhados ou assistidos por alunas/os das escolas públicas brasileiras.

Essa explosão discursiva em torno do acontecimento *kit anti-homofobia* constituiu-se como ferramenta capaz de delimitar o recorte do objeto de estudo

proposto, e caracterizar metodologicamente essa investigação em uma análise do discurso a partir da arqueogenealogia foucaultiana.

A orientação dessa pesquisa não visa o alcance do universal e invariante, mas antes, almeja-se “analisar o que possibilitou que algo fosse dito em um recorte de saber, que ideias ou teorias surgiram em determinado espaço de saber” (ARAÚJO, 2008, p. 97). Também não há um interesse “por quem teve tal ou tal idéia, nem qual foi sua intenção e as influências que sofreu [...], mas sim que essas idéias tenham podido aparecer como um acontecimento na ordem do saber, que elas aí tenham um dia sido produzidas” (idem).

Procura-se analisar as práticas discursivas entrelaçadas a saberes e poderes, mas não as proposições científicas ou o questionamento de suas verdades ou falsidades. Antes, volta-se para os jogos de forças que são travados ao longo de todo o acontecimento em estudo, sem preocupar-se com o detrás, com a origem e lugar de destino, mas antes com o hiato, o aberto, o inacabado, já que essa é a busca do genealogista. O olhar dirige-se para as minúcias, recortes, pormenores, para o esquecido, despercebido, ou não considerado na ordem das científicidades. Parte-se de uma compreensão que “o sentido encontra-se na superfície” (ARAÚJO, 2008, p. 101).

Os caminhos empreendidos na análise dos discursos propagados em função do acontecimento *kit anti-homofobia* se pautam na arqueogenealogia, a partir da perspectiva de Araújo:

Cabe ao arqueogenealogista interpretar ou fazer a história do presente, mostrando que transformações históricas foram as responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e dotados de uma subjetividade através da invenção de uma ciência sobre o sexo (ARAÚJO, 2008, p. 103).

Trilha-se por vias que concebem o discurso em sentido oposto aos das conceituações pontuais, fechadas e causais, e volta-se para as condições de possibilidade do surgimento de discursos constituídos por mobilidade, plasticidade, não tidos como um conjunto de signos e significantes, mas antes envoltos por uma complexidade marcada pelas relações históricas e práticas que estão vivas no próprio discurso. Partilha-se das considerações de Michel Foucault, para quem “O discurso é submetido à lei do devir e se estabelece em uma intemporalidade descontínua. Imobiliza-se por fragmentos: estilhaços precários de eternidade.” (FOUCAULT, 2009, p. 188).

Busca-se também compreender o discurso a partir de sua raridade, do entrecruzamento do conjunto de coisas ditas, que não são regulares, capturáveis, tampouco passível de encontrar o sujeito do enunciado, já que esse não é o dono do discurso, e esse não o pertence. O discurso, “é o lugar da multiplicação dos discursos, bem como o lugar da multiplicação dos sujeitos” (FISCHER, 2001, p. 206).

Entre tantas ferramentas oferecidas na obra de Michel Foucault, o conceito de dispositivo, que ocupa centralidade na mesma, possibilitou a partir de toda sua complexidade, compreender o material educativo *kit anti-homofobia* enquanto um dispositivo, no sentido que se constitui como um produtor de verdades sobre as diversidades sexuais.

No entanto, diante da consideração do *kit anti-homofobia* como um dispositivo, questões emergem na tentativa de compreensão do funcionamento desse dispositivo, ou seja, qual seria a função desse dispositivo, a quem ele quer governar? Antes, porém, é necessário retomar a compreensão do conceito de dispositivo na perspectiva foucaultiana.

Foucault afirma demarcar com esse termo, entre outras considerações:

...um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1985, p. 244).

Ainda, segundo o filósofo, a relação existente entre os elementos do dispositivo, sejam eles discursivos ou não, é constituída por um tenso jogo que a cada instante se reconfigura, ocasionando diferentes mudanças de posições e modificações de funções. Afirma entender o dispositivo como “...um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (idem).

Para o filósofo Gilles Deleuze, o conceito de dispositivo foucaultiano se refere, entre outras distinções, a “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 2012, p. 1), e essas linhas não se referem a sistemas homogêneos, mas estão sempre em desequilíbrio, ora se aproximam, ora se afastam, linhas que podem ser quebradas e bifurcadas. Deleuze destaca que para Foucault “Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores”, (idem), por isso as três

grandes instâncias trabalhadas por Foucault, ou seja, Saber, Poder e Subjetividade não apresentam delineamentos definitivos, fechados, mas funcionam como cadeias de variáveis que se desprendem entre si.

Pensar o *kit anti-homofobia* como dispositivo é considerar as muitas linhas que o entrelaçam e opõem-se em muitos momentos, ou bifurcam-se. Ao mesmo tempo, o próprio objeto de estudo desta pesquisa pode ser considerado como outra linha desse dispositivo, pois vê-se que embora tenha se constituído uma ampla controvérsia em relação ao conteúdo do material educativo, considerado de caráter chocante, imoral, indevido para o espaço escolar, essa linha se bifurca para outras direções, para outras fronteiras, o que pode ser registrado quando essa linha - os discursos propagados sobre o material educacional - é quebrada, estilhaçada, deixando assim outros possíveis traçados serem tangenciáveis.

A análise proposta do dispositivo *kit anti-homofobia* busca situar-se a partir da concepção de Gilles Deleuze, ao afirmar que para desenredar as linhas de um dispositivo é preciso:

...construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas [...] instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de leste a oeste, em diagonal (DELEUZE, 2012, p. 1).

Nesse viés, ao se proceder a análise do dispositivo *kit anti-homofobia*, as estratégias utilizadas são pautadas em um projeto cartográfico que busca mapear os contornos desse dispositivo, considerando aquilo que se evidencia, mas também o que escapa, de maneira às vezes quase imperceptível.

Busca-se, ainda, visualizar o *kit anti-homofobia* enquanto um dispositivo produtor de verdades sobre a diversidade sexual, sobre os corpos, sobre o estranho, a partir dos delineamentos de Deleuze a propósito das duas dimensões do conceito dispositivo trabalhadas por Foucault, ou seja, as “curvas de visibilidade” e “as curvas de enunciação” (DELEUZE, 2012, p. 1), que funcionam como máquinas de fazer ver e de fazer falar. O olhar passa a ser governado diante do que é produzido, a luz se incide não em uma verdade a ser descoberta, visualizada, mas antes, naquilo que se arquiteta, ou que o dispositivo propaga pelo seu próprio “regime de luz” (idem).

Esses apontamentos deleuzeanos permitem compreender a existência de diferentes alianças discursivas constituídas pelo dispositivo *kit anti-homofobia*, flechas que são disparadas pelos discursos religioso, psicológico, pedagógico, jurídico,

biológico, leigo, as quais transitam no território das disputas do poder e saber, e não cessam de se reorganizar, recompor em novas vertentes, pois para Foucault “É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de poder e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1985, p. 246).

Da dimensão do poder, segundo Deleuze (2012), surgem linhas de subjetivação, as quais funcionam num processo de produção de subjetividade que se constitui em “linhas de fuga”, entendidas na dimensão do “si próprio”, capazes de dobrar sobre si mesmo como estratégia de não assujeitamento, mas não o “si” do sujeito como pessoa ou identidade, mas em termos de processos, ou de individuação, pois de acordo com Deleuze:

A subjetivação como processo é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários. Ora, existem muitos tipos de individuação. Há individuações do tipo “sujeito” (é você..., sou eu...), mas há também individuações do tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha (DELEUZE, 1992, p. 143).

Caminhando por essa vertente, é pertinente interrogar pelas linhas de subjetivação que se desalinham e entrecruzam no dispositivo *kit anti-homofobia*. Se por um lado, parece que muitas dessas linhas tentam fabricar jeitos de ser, corpos docilizados, palatáveis, regras para o exercício das diferenças nos espaços escolares, por outras vias, por outras encruzilhadas, talvez seja possível pensar que esse dispositivo pode funcionar como uma espécie de fuga ao suposto aprisionamento, assujeitamento das diferenças que nele se anunciam, numa tentativa de não se deixar capturar por um discurso da homogeneidade das diferenças. Para isso, como aponta Deleuze (2012), seria preciso estar sempre em alerta ao desconhecido que bate à porta, ou ainda, que a subjetivação possa constituir-se como “produção de modos de existência ou estilos de vida” (DELEUZE, 1992, p. 142).

É necessário, porém, considerar sobretudo toda a rede que entrelaça os elementos do *kit anti-homofobia*, pois apresenta uma série de ramificações que vão desde os discursos engendrados a partir da visibilidade desse acontecimento, dos saberes apresentados pelos enunciados científicos, das enunciações leigas e das conjecturas morais elucidadas. E, principalmente, vem a se constituir na função estratégica do material educativo que o compõe, ao passar a cumprir funções contraditórias situadas no território dos jogos de poder, que buscam produzir verdades sobre a diversidade sexual.

Sem deixar de considerar o objetivo primeiro que impulsiona a elaboração desse material, ou seja, a iniciativa de buscar possibilidades para o enfrentamento da homofobia nas escolas, e a relevância dessa iniciativa, faz-se necessário, por outra vertente de análise, observar que esse material ao se constituir enquanto dispositivo, passa a funcionar também como uma faceta da heteronormatividade, em que apenas a expressão da heterossexualidade é admitida como única, legítima e possível orientação sexual.

No transcurso da análise dos vídeos *Encontrando Bianca*, *Probabilidade e Torpedo*, percebe-se que as diferenças sexuais, ou antes, o diferente é silenciado, é ausente, parece haver uma sutil estratégia para esvaziar o estranho, ou antes, torná-lo palatável.

Vê-se uma diversidade sexual revestida numa estratégica película que busca garantir a normalidade, apaziguar os choques e preparar o olhar para habitar na luz já conhecida, ainda que tenha que operar num jogo de luz e sombra, pois as diferenças, se expressas em sua maior autenticidade, ressoariam como o olhar que fita o sol e arrisca-se à cegueira, ou à desorientação, a qual obrigaria esse olhar a um recolocar de posicionamentos que as instituições escolares brasileiras parecem não suportar, de acordo com os alinhavos desenhados pelo próprio dispositivo *kit anti-homofobia*.

Essa perspectiva pauta-se no entendimento de Foucault quando discorre sobre a possível natureza da relação entre os elementos heterogêneos do dispositivo:

... tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade (FOUCAULT, 1985, p. 244).

A partir dessa proposição, o *kit anti-homofobia* certamente pode ser considerado como um elemento capaz de produzir um novo campo de racionalidade para as diferenças sexuais, em especial para suas experiências no contexto educacional, que estariam condicionadas a uma regulamentação, a um enquadramento da própria diferença ou, em outras palavras, a uma homogeneização de toda estranheza. Nesse viés, as práticas discriminatórias e homofóbicas certamente permaneceriam intocadas, ou ainda, essas seriam incitadas por meio de novas roupagens.

A explosão discursiva em torno do acontecimento *kit anti-homofobia* expressa o ziguezaguear das curvas de enunciação engendradas por esse dispositivo; os

enunciados remetem a saberes específicos, alinhavados sutilmente. Nesse contexto buscar-se-á analisar os discursos em suas diferentes ramificações.

No que se refere ao conteúdo do *kit anti-homofobia*, realizar-se-á a análise dos vídeos motivadores da polêmica: *Torpedo*, *Encontrando Bianca e Probabilidade*. As demais partes do material educativo não serão tomadas como *corpus*³ de análise, por dois principais motivos: primeiro, por não terem sido disponibilizadas, ainda que extraoficialmente, como foram os audiovisuais tomados aqui como recorte de estudo. Segundo, porque a repercussão do acontecimento iniciou-se a partir da divulgação dos audiovisuais, e toda a rede discursiva engendrada pautou-se neles substancialmente.

Nesse ínterim, a delimitação do *corpus* de análise se desenvolveu a partir de um arrolamento de materiais divulgados nas mídias brasileiras (imprensa, Internet, ou outros veículos).

De forma específica, a organização dos procedimentos metodológicos norteadores desta dissertação realizou-se em dois diferentes momentos.

O primeiro momento consistiu em um levantamento bibliográfico, visando compreender melhor o tema e o objeto de pesquisa investigados e munir-se de subsídios para reflexão e discussão do tema. Paralelamente, realizou-se a construção de um arquivo referente aos discursos emitidos sobre o acontecimento *kit anti-homofobia*. Foram selecionados materiais, como: os três audiovisuais do *Torpedo* que compõem o *kit*, reportagens de jornais impressos e *online*, televisivos, *sites* pessoais, vídeos com profissionais de diferentes áreas comentando o material educativo, políticos em pronunciamento público no congresso, *sites* pessoais de políticos, diversas notas publicadas em páginas da Internet, como comentários de internautas referentes às publicações sobre o *kit*.

O segundo momento da pesquisa centrou-se na elaboração do primeiro e segundo capítulo da dissertação, intitulados respectivamente de: (1) Um caminhar por entre os emaranhados discursivos do material educativo “kit anti-homofobia”, (2) O kit anti-homofobia e o ziguezaguear discursivo sobre as diversidades sexuais.

O primeiro capítulo consistiu em realizar a análise dos audiovisuais *Encontrando Bianca*, *Probabilidade*, *Torpedo*. Nessas análises a estratégia se organizou de forma que se pudesse interrogar por aquilo que estava mais explícito nos vídeos, no entanto produzido sutilmente de maneira a governar os olhares a certas direções.

³ “(...) *corpus* como discurso efetivamente pronunciado” (BARBOSA, 2004, p. 110).

Buscou-se ainda trilhar pelos traçados das particularidades fugidias, às vezes quase imperceptíveis.

Algumas questões foram levantadas: quais as discussões realizadas, quais os discursos que ali circulam, do que falam, calam? O que é mostrado, ocultado, ou ainda, o que é produzido nesses vídeos a respeito da diversidade sexual? Mas, também, buscou-se interrogar por aquilo que não se evidenciava ou que foi silenciado nos vídeos. Quais jogos de poder e saber ali transitam? Quais as verdades produzidas? Os vídeos alcançam seu propósito de se constituírem enquanto ferramenta de combate à homofobia nas instituições escolares?

Essas questões nortearam a análise dos vídeos motivadores da visibilidade e existência de um material educacional proposto para auxiliar o combate da homofobia nas escolas públicas brasileiras.

O segundo capítulo objetivou aproximar-se mais especificamente do objeto de estudo proposto, ao proceder à análise da trajetória discursiva da repercussão da possibilidade de aprovação do material educativo *kit anti-homofobia*. A escolha do *corpus* de análise realizou-se a partir de uma busca no arquivo construído no primeiro momento da pesquisa. O *corpus* foi selecionado a partir de um recorte por categorias discursivas, como: o discurso religioso, o discurso leigo e os discursos técnicos (psicológicos, jurídicos, biológicos, educacionais).

A leitora e o leitor certamente não encontrarão apreciações valorativas sobre o caráter intrínseco do material educacional *kit anti-homofobia*, mas sim um velejar nas dobras do discurso que se armam e arquitetam, nas particularidades de cada detalhe dos audiovisuais *Encontrando Bianca, probabilidade e torpedo*. Percorrerão pelas tessituras das alianças discursivas, que não apenas proclamaram uma polêmica, mas a produziram, a partir de um território marcado pelos jogos de poder e de saber.

CAPÍTULO 1 – UM CAMINHAR POR ENTRE OS EMARANHADOS DISCURSIVOS DO MATERIAL EDUCATIVO “KIT ANTI-HOMOFOBIA”

Propor-se a realizar um estudo sobre temáticas vinculadas à sexualidade humana é adentrar num território marcado por criações, valorações e acessos recortados pelas instâncias conceituais da linguagem e do complexo poder do discurso, que engendram determinados entendimentos sobre a sexualidade, os quais não são neutros, naturais, intrínsecos ao sujeito. Ao contrário, são produzidos, fabricados, em constantes movimentos por toda uma textura social, cultural e institucional. Segundo Michel Foucault:

O que se diz sobre o sexo não deve ser analisado como a simples tela da projeção desses mecanismos de poder. É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável (FOUCAULT, 2010a, p. 111).

Quando a proposta se refere a pensar a temática - diversidade sexual e sua relação com o contexto educacional – são visíveis as muitas influências dos discursos que concebem e constituem compreensões a respeito da sexualidade. Crenças, valores, normas são responsáveis por um jeito de ser e compreender a si mesmo e ao outro, em que o outro, quando não possui a orientação de seu desejo sexual ou afetivo voltado para o sexo oposto, geralmente é tido como o estranho, como pessoa inferior, que se distancia da hegemônica normatização heterossexual. E usualmente é acometido por ações preconceituosas e violentas em diversos espaços sociais, entre eles, os espaços escolares. Para a historiadora Guacira Lopes Louro (2003) o sexismo⁴ e a homofobia⁵

⁴ Por sexismo entendemos a concepção androcêntrica que toma o ser masculino como uma identidade principal de referência presente tanto na linguagem, como nas práticas sociais, tal como aponta a pesquisadora espanhola Monserrat Moreno (1999).

⁵ A homofobia [...] transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (JUNQUEIRA, 2009, p.375)

estão densamente presentes na prática educativa e a fabricação dos sujeitos sexuais é um processo continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível, porém efetivo.

No Brasil, em diferentes espaços sociais e institucionais, têm sido ininterruptos os episódios de extrema violência endereçados a homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais, que chocam aquelas/es que se sentem juntamente agredidas/dos por práticas que desqualificam as diferenças. Não é incomum notícias sobre ridicularizações, discriminações, retaliações, maus tratos, espancamentos e até mesmo mortes, tendo essas pessoas como vítima. Tais fatos vêm ocorrendo intensamente em ambientes públicos, privados, locais de lazer, de trabalho e, fortemente, em escolas.

A partir desse contexto, e por considerar que um dos objetivos primeiros da escola pública é oferecer uma educação que alcance substancialmente a todas e todos, e repudie qualquer ato que possa margear uma pessoa em sua singularidade, o governo federal por meio da Secretaria Especial de Direitos Humanos lançou em 2004 o Programa *Brasil Sem Homofobia*, com o objetivo de promover políticas públicas e ações capazes de enfrentar situações de preconceito e violência sofrida por pessoas LGBTTT e garantir seu direito de usufruírem uma educação pública de qualidade, sem com isso serem estigmatizadas e forçadas a abandonarem seu processo escolar.

De forma específica, o Programa *Brasil Sem Homofobia* juntamente com o Ministério da Educação (MEC) e Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), numa tentativa de concretizar ações que promovam espaços políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e integração das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro, propôs o projeto: *Escola Sem Homofobia*.

Para efetivar institucionalmente estratégias de comunicação do combate à homofobia, o projeto conta com a elaboração de um *kit* de material educativo que busca discorrer sobre a homo-lesbo-transfobia no ambiente escolar. Esse material se destina à gestoras/es, educadoras/es e estudantes. E prevê o desenvolvimento da capacitação de professoras e professores, assim como, de todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar para uma utilização adequada do *kit* educativo.

Após a conclusão do material, realizada em setembro de 2010, este foi encaminhado ao MEC/SECADI, para o parecer da comissão responsável, e posteriormente liberação e distribuição para as instituições escolares públicas do Brasil. No entanto, isso não ocorreu, já que partes do *kit anti-homofobia* foram veiculadas,

extraoficialmente, na Internet e outras mídias, criando uma nova história para o material educativo e projeto *Escola Sem Homofobia*.

Logo após essa publicação, não oficial, de alguns dos audiovisuais que compõem o *kit anti-homofobia*, iniciou-se uma grande controvérsia, produzida em diferentes espaços da mídia brasileira, perante a presumível distribuição e uso do material em escolas públicas. Muitas foram as repercussões, várias opiniões foram emitidas por políticos/as, religiosos/as, professoras/res, psicólogas/os, populares. Por meio desses posicionamentos, propagaram-se múltiplos enunciados a respeito do entendimento sobre a diversidade sexual e as experiências vivenciadas por indivíduos LGBTTT em instituições escolares, assim como em outros setores sociais. As manifestações indicam uma heterogeneidade discursiva dada a partir das dispersões dos enunciados em torno do *kit anti-homofobia*.

O material divulgado na mídia, motivador da polêmica que teve seu auge entre dezembro de 2010 e maio de 2011, foi o audiovisual *Torpedo*, composto por três breves histórias que acontecem no ambiente escolar: *Encontrando Bianca*, com duração de 3 minutos e 41 segundos; *Probabilidade*, de duração de sete minutos e 37 segundos; *Torpedo*, com duração de 3 minutos 58 segundos.

Esses três vídeos foram tomados como individuais, de acordo com a maioria das divulgações realizadas pela mídia. No entanto, segundo a ONG ECOS, produtora do material, as três histórias compõem um único vídeo nomeado *Torpedo* (o mesmo nome de um dos três curtas que o integram), sendo que haveria dois outros audiovisuais: *Medo de quê?* (produzido em 2005) e *Boneca na mochila* (produzido em 1995, com versão em libras), que também foram incluídos no *kit* de material educativo, por entendimento de toda a equipe responsável de que eram compatíveis com os objetivos almejados.

O projeto *Escola Sem Homofobia*, bem como todo o material educativo produzido, foi impossibilitado de chegar às instituições escolares públicas do Brasil, mediante um veto da presidenta Dilma Rousseff, que mandou suspender no dia 25 de maio de 2011 o *kit anti-homofobia* do MEC/SECADI, pressionada por políticos da bancada religiosa do Congresso Nacional. A não aprovação foi influenciada ou determinada por demandas lideradas por grupos religiosos (católicos e evangélicos) contrários a criminalização da homofobia e a Educação Sexual nas escolas, bem como por utilização do veto do material, enquanto barganha ou moeda de troca em favorecimento e defesa do então ministro da Casa Civil, Antônio Palocci, que na época

estava à mercê de parlamentares evangélicos que ameaçavam endossar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), para investigá-lo em seu enriquecimento financeiro.

Esse material foi apelidado de *kit gay* pela imprensa, o que remete a um sentido contrário a que se destina, ou seja, ter por função contribuir para oportunizar reflexões sobre a diversidade sexual. Já o nome *kit gay* parece sugerir uma aula referente a como ser homossexual, o que contraria as motivações da elaboração do material didático de se destinarem ao enfretamento do preconceito e das práticas homofóbicas nas escolas. A palavra *kit* tem origem inglesa e entre outras definições, significa o “Conjunto de elementos vendidos com um esquema de montar e que o próprio comprador pode armar: *kit* de aeromodelo. Jogo de elementos ou peças: *kit* de ferramentas” (DICIONÁRIO..., 2012, s. p.), o que sugere uma flexibilidade discursiva oferecida pela palavra *kit*. Da mesma forma que o utensílio, a palavra *kit* pode ser armada e utilizada a partir de um jogo minucioso de interesses.

O projeto que se inicia com o nome *Escola sem homofobia* transforma-se em *kit anti-homofobia* e posteriormente ganha na mídia o apelido de *kit gay*. Visto pela definição anterior, o *kit* é um conjunto de material vendido para ser facilmente armado e montado; nesse sentido, não parece indevido pensar a expressão *kit gay* como uma estratégia de venda pejorativa do projeto *Escola sem homofobia* e do material didático produzido, como materiais de qualidade duvidosa, ou antes, impróprios. Com o nome *kit gay* constrói-se um discurso maléfico, demonizando o material educativo, bem como, os sujeitos ali apresentados. Assim arquitetam-se percepções, entendimentos e julgamentos a respeito do *kit*, cria-se um arsenal de discursos em torno do acontecimento *Escola sem Homofobia*, os quais engendram novos saberes sobre a pluralidade sexual nas escolas, ao mesmo tempo em que restauram antigos entendimentos. Ou seja, “em determinado momento histórico, a partir de contextos específicos, surgem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais” (MADLENER; DINIS, 2007, p. 50).

Em entrevistas coletivas concedidas à imprensa, a presidenta Dilma Rousseff explica seu veto ao material educativo, justificando que em seu governo não se fará propaganda de opções sexuais. O jornal Estado de São Paulo destacou a seguinte declaração da presidenta:



FONTE: MONTEIRO; MOURA, 2011, p. A18.

O governo defende a educação e também a luta contra práticas homofóbicas, no entanto, não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais, nem de nenhuma forma nós podemos interferir na vida privada das pessoas. Agora, o governo pode, sim, fazer uma educação de que é necessário respeitar a diferença e você não pode exercer práticas violentas contra aqueles que são diferentes de você. Eu não assisti aos vídeos. Mas não concordo com um pedaço que eu vi na televisão, passado por vocês, eu não concordo. É uma questão que o governo vai revisar. Não haverá autorização para esse tipo de política, de defesa de A, B, C ou D. Agora, nós lutamos contra a homofobia (MONTEIRO; MOURA, 2011, p. A18).

Os enunciados presentes no discurso da presidenta são: defesa e luta contra práticas homofóbicas, respeito às diferenças, à opção sexual, defesa da não intervenção na vida privada das pessoas.

Compreende que esse é o autêntico discurso do ziguezaguear, o pleno exercício do poder, não porque o discurso emane de uma autoridade, pois de acordo com Araújo:

O discurso não é 'possuído' por certo grupo poderoso, como insistem erradamente alguns teóricos. Os discursos são práticas que constituem modos de arranjar objetos para o saber, dispor de temas e conceitos, reservar uma posição a quem pode ou deve ocupar o lugar vazio de sujeito do enunciado. Não deturpam, não enganam; não são ideológicos, ilusórios; seu efeito é produtivo, criador de saber sobre o comportamento de indivíduos (disciplinarização), populações (biopoder), sexualidade (normalidade), doença e loucura (medicalização), e, por, isso mesmo, dotados de poder (ARAÚJO, 2004, p. 238-239).

A sutileza se deve à forma como o discurso transita entre a defesa da luta contra práticas homofóbicas e a tentativa de justificar o veto de um material educativo proposto para combater a homofobia. Entre o respeito com as diferenças e a atribuição à diversidade sexual numa condição de opção sexual. Mas o que esse discurso silencia,

oculta, é que toda essa polêmica já é fruto de uma intervenção na vida privada das pessoas, uma intervenção histórica, pois de acordo com Altmann:

A sexualidade é um ‘negócio de Estado’, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade (ALTMANN, 2001, p. 576).

Quando o discurso sobre a opção sexual ressurgiu nesse enunciado pode-se entendê-lo como faíscas reluzidas da pluridiscursividade do acontecimento. Ele se instaura como tática política, como resposta aos discursos presentes nas mídias, emitidos por pessoas leigas, deputados/as, senadores/ras. Não significa um parecer de convicção, mas uma tentativa estratégica de sair da roda dos discursos para se situar numa orla mais tranquila, confortável, que o zigzaguear de certa maneira permite. Ora, o discurso se encontra numa linha discursiva, ora noutra, num jogo de sobrevivência na tensa arena onde o poder não é linear.

Mas, convicta ou não, essa concepção das homossexualidades como opção sexual tem se construído com fim de atribuir ou justificar as práticas homofóbicas como decorrência da opção sexual das pessoas homossexuais.

É notório que escolhas são feitas quando o indivíduo assume um desejo homossexual. Mas a escolha é pela vivência desse desejo e não necessariamente pelo desejo em si. Não existe uma racionalidade perante a qual se escolhe desejar A, B, C ou D.

Em relevo, permanece nesse enunciado uma tentativa de mais uma vez enaltecer a heterossexualidade, como o Sexo da Nação, essa sim propagandeada na sociedade contemporânea, de diversas maneiras, via comerciais de televisão, músicas, novelas, teatros, cinema, diferentes tipos de *marketing*, profissões etc. Nesse discurso é silenciado o fato de quê, “Quer se trate de uma escolha de vida sexual, quer se trate de uma característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto a heterossexualidade”. (BORRILLO, 2009, p. 16).

Outra possível vertente de análise dos enunciados sutilmente colocados pela presidenta Dilma Rousseff, e do próprio veto do *Kit*, pode ser empreendida pela consideração da existência de uma tentativa em defesa da candidatura do ex- ministro da Educação Fernando Haddad, - foi em seu ministério que o *kit anti-homofobia* ganhou

existência - que deixou o MEC para disputar a prefeitura de São Paulo nas eleições municipais de 2012. A reação negativa ao material e o bombardear da oposição liderada pela bancada religiosa no Congresso Nacional poderia antecipadamente constituir-se como forte ameaça contra o candidato, análoga à perseguição sofrida pela presidenta durante a disputa presidencial, quando foi acusada de ser lésbica, entre outras profanações, como ser defensora do aborto. O que os discursos vêm corroborando, como mostra a reportagem da Folha de São Paulo em 15 de fevereiro de 2012:

A polêmica sobre o chamado kit anti-homofobia, encomendado pelo Ministério da Educação durante a gestão de Fernando Haddad, fará o petista ‘sofrer’ na eleição municipal de São Paulo. A previsão é de Marcos Pereira, bispo da Igreja Universal e presidente nacional do PRB, partido aliado ao PT no governo Dilma Rousseff. [...] O dirigente afirma que o material, conhecido entre os evangélicos como ‘kit gay’, será usado contra Haddad na campanha e vai fazê-lo perder votos neste segmento, estimado em cerca de 20% do eleitorado paulistano. "Vai ser difícil tirar essa mancha do Haddad. Ele vai sofrer muito com isso", diz. [...] Em 2011, a TV Record, controlada pela Universal, levou ao ar reportagens de mais de dez minutos sobre o kit, em tom crítico contra Haddad. Os petistas temem uma reprise da cruzada contra Dilma Rousseff na eleição presidencial de 2010, quando ela foi acusada de defender o aborto e ser contra a família. Na semana passada, o pastor Silas Malafaia e o senador Magno Malta (PR-ES) usaram o kit para atacar Haddad (FRANCO, 2012, s. p).

Essa perspectiva parece pertinente, pois se mesmo com o veto do material o candidato Haddad está sendo fortemente perseguido, rotulado de ser “O candidato do kit gay” (‘HADDAD É O CANDIDATO...’, 2011, s.p), como mostra (abaixo) o cartaz divulgado pelo deputado Jair Bolsonaro, do Partido Progressista (PP), tudo indica que se o *kit* tivesse sido aprovado o estilhaçar resoaria ainda pior.



FONTE: ‘HADDAD É O CANDIDATO...’, 2011, s. p.

Diante desse cenário, vê-se que o *kit anti-homofobia*, a diversidade sexual, a sexualidade são manejados como ferramentas, como peças de um imperioso aparelho político, social, cultural que define regras, normas, jeitos de ser e de viver. As verdades anunciadas são construídas dentro de uma lógica que, ao mesmo tempo, “... os conhecimentos que a mídia apresenta como ‘verdadeiros’ também são modificados de acordo com interesses econômicos, políticos e sociais” (ANDRADE, 2008, p. 120).

Esse conjunto de enunciados e discursos mostra que “A sexualidade, portanto, é uma via de acesso tanto a aspectos privados quanto públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber” (ALTMANN, 2001, p. 576), o poder não emana de um governo estatal, mas de instâncias micropolíticas, capilares, de forma que o poder passa pelos indivíduos e uns conduzem os outros.

No trânsito dos discursos emitidos nas diferentes mídias sobre o *kit anti-homofobia* vê-se o funcionar dos eficazes sistemas de controles produtores de verdade e da constituição de sujeitos. No entanto, nem sempre é fácil captar os dizeres, ainda que esses se desnudem diante dos olhos que o fixam, pois o sentido não está nos objetos, nos sujeitos, ele é transitório, contraditório, se desloca, escapa por entre os dedos como grãos de areia seca. De acordo com Araújo:

Os sistemas de controle mais eficazes são aqueles baseados nos modos de produzir conhecimento e verdade acerca do indivíduo, de constituir um certo tipo de subjetividade, através de discursos produzidos pela vontade de verdade e legitimados por instituições. Nesse sentido, os macropoderes do Estado, da mídia, da economia são reconduzidos através de micropoderes das disciplinas, até a mais ínfima e tênue das relações sociais (ARAÚJO, 2004, p. 237).

Visando conhecer mais proximamente o material motivador dessa polêmica, realizar-se-á neste primeiro capítulo a análise do vídeo: *Torpedo*, composto por três histórias: *Encontrando Bianca*, *Probabilidade e Torpedo*. A opção pelo recorte desse *corpus* de análise se justifica devido ter sido esse o material divulgado na mídia e causador de toda a polêmica.

Os outros audiovisuais encontram-se disponíveis à venda, uma vez que a ONG ECOS os produziu antes mesmo do início do projeto, e detém assim os direitos autorais. As demais partes do *kit* permanecem sob a tutela do MEC, que diante do veto da presidenta da república, reforçou a vigilância para que não houvesse qualquer aproximação do material, mesmo com o objetivo de realizar uma pesquisa acadêmica

como essa, pois o contato foi realizado com a SECADI, que informou a impossibilidade do acesso.

De acordo com o MEC, a divulgação e utilização do *kit anti-homofobia* só ocorrerá se houver a aprovação do Governo Dilma Rousseff. Em pronunciamentos públicos a presidenta informa que o projeto está sendo avaliado por uma comissão, que fará uma reestruturação do *kit*.

1.1- “ENCONTRANDO BIANCA”: DISCURSOS SOBRE O CORPO DA TRAVESTI EM UM VÍDEO EDUCATIVO

O corpo e a maneira como este se apresenta não são dados por uma essência do sujeito, nem tampouco é definido estritamente por uma constituição biológica e genética, ainda que evidentemente essas últimas o componham; o corpo não é simplesmente consolidado pelo nascimento e desenvolvimento natural da idade cronológica, tampouco estável, pronto e evidente, suas atribuições não são de ordem natural, mas sim construídas social e culturalmente, como expõe a historiadora Guacira Lopes Louro:

Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo (LOURO, 2010, p. 14).

Ao partir dessa idéia inicial do corpo construído ao longo de toda a existência humana, em um contexto histórico, social e cultural, por meio de atravessamentos de relações de poder e discursos que o empreendem e, partilhando de um viés teórico foucaultiano, o primeiro momento desse capítulo propõe-se a realizar uma breve análise a respeito de como o corpo produz o dizer e como o dizer produz o corpo. Tomar-se-á como *corpus* de estudo o vídeo que narra uma história fictícia sobre os dilemas enfrentados por uma travesti na escola que estuda.

O vídeo: *Encontrando Bianca* conta a história de uma travesti adolescente, que decide, no período escolar se apresentar em sua escola não mais como José Ricardo, e sim como Bianca. Para maior clareza do *corpus* de estudo, optar-se-á por apresentar, a

partir do próximo parágrafo, a transcrição do vídeo, o qual apresenta como narradora a protagonista, ou seja, a travesti Bianca, vista na seguinte imagem:



FONTE: VÍDEO KIT – GAY..., 2011, s. p.

Quando eu nasci, meu pai e minha mãe me deram o nome de José Ricardo, é o nome de um grande jogador de futebol, artilheiro em um campeonato que eu não lembro qual. O sonho do meu pai era que eu fosse jogador. Eu chutava bem, sabia driblar, mas era complicado, que quando eu errava um lance sempre sobrava uma piadinha a mais para mim, não tinha jeito. Eu continuo gostando de futebol, mas hoje prefiro ficar na torcida, adoro assistir uma partida bem jogada.

Eu me lembro do primeiro dia que fui à escola de unhas pintadas de vermelho, zoaram tanto comigo que não fui à escola no dia seguinte, inventei para minha mãe que eu estava com gripe. Mas não tinha como, aquelas roupas de meninos, aquele cabelo, não tinham nada haver comigo, me sinto bem assim, como sou hoje, sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos) Bianca.

Quem me vê aqui hoje pode achar que tudo foi fácil, mas não foi não, sofri muito preconceito, e demorou muito para as pessoas começarem a me aceitar, meu pai e minha mãe ficaram sem falar comigo quase um ano, demorou um pouco, mas acabaram entendendo que eu me sentia mulher e que continuava sendo a filha deles.

Sendo a Bianca eu deveria usar o banheiro feminino, mas geralmente não me deixam. Por que não, se eu me sinto mulher? Aliás, esse lance de banheiro já deveria estar superado.

Às vezes não me chamam de Bianca, apesar de saber que eu quero ser tratada assim, me tratam pelo nome que está no diário de classe. Será que é tão complicado simplesmente anotar o outro nome ao lado do que está na chamada? Mas alguns professores e professoras já entenderam quem eu sou. Bianca.

Eu sou diferente da maioria, mas pensando bem, todo mundo é diferente de todo mundo, cada um tem seu jeito, seus gostos, cada um tem uma maneira diferente de viver a vida.

Eu gosto de estudar e sou boa aluna, fiquei só uma vez de recuperação. Mas tem dias em que vir para escola é um castigo, tem horas que eu fico com medo de ser agredida, uma vez quase me bateram, diziam que gente como eu não deveria estar aqui. Às vezes eu acho que não vou conseguir acabar a escola, eu quero me formar e poder trabalhar, eu quero ser professora, mas como vou conseguir ensinar os outros se eu não estudar?

Tem muita gente que me apoia aqui na escola, inclusive professores e professoras, e são essas pessoas que me ajudam ter a força de continuar estudando, de continuar vivendo a minha vida do jeito que eu quero, respeitando e lutando para ser respeitada sendo quem eu sou. Bianca. É. Bianca. (VÍDEOS DO KIT..., 2011a, s. p.).

Ao tomar nota desse material e da riqueza de elementos para possíveis análises, percebem-se distintas alianças discursivas no texto do vídeo, entre as quais, destacam-se: a caracterização do futebol enquanto lugar predominantemente masculino, em que qualquer traço feminino é rechaçado ou ridicularizado; o desejo do pai que o filho siga a carreira de futebol, confirmando o ideário que perpassa nesse universo símbolo da masculinidade bem sucedida; a não correspondência entre identidade de gênero e orientação sexual; a discriminação, desrespeito e violência a que as travestis são expostas no cotidiano escolar; a não, ou difícil aceitação da família diante de diversidade sexual de seus filhos ou filhas; a sutil discriminação nos espaços escolares sofridas por travestis; a eminência do abandono dos estudos e da escola por parte de quem vive uma sexualidade distinta da heterossexual, em decorrência da forte homofobia praticada; a constituição das subjetividades e das diferenças. Esses são

alguns dos discursos encontrados no *corpus*, e todos eles comportam o eixo de discussão central desse capítulo que é pensar o corpo e o dizer influenciando ou engendrando um ao outro.

No entanto, antes de adentrar na especificidade do objeto de análise, ou seja, o vídeo *Encontrando Bianca*, e pensar as alianças discursivas ali presentes, faz-se necessário indagar pelas condições de existência e emergência do conjunto de enunciados e discursos que possibilitaram a elaboração do vídeo. Tanto no sentido do que fez emergir sua construção, no formato apresentado, como da polêmica travada em consequência da divulgação, extraoficial, já que o vídeo vazou na internet e em outros veículos da mídia. O que esse acontecimento revela ou diz em especial sobre a relação discurso/corpo?

Ao se propor a pensar essa questão, os estudos de Michel Foucault, em sua rica e densa produção sobre sua *História da Sexualidade* (2010a) se mostram como caminho e ferramentas fundamentais para análise, uma vez que comportam, entre outras, a temática da diversidade sexual, sexualidades, identidade sexual, corpo. Categorias essas minuciosamente exploradas pelo filósofo, em que a busca realizada não é de um traçar do percurso histórico e linear da constituição da sexualidade, mas sim de uma genealogia dos discursos sobre essa, pois para Foucault “... a cultura ocidental foi surpreendida por uma espécie de desenvolvimento, de hiperdesenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade” (FOUCAULT, 2006, p. 58). Partilhando dessa concepção e da noção de “dispositivo da sexualidade”⁶, não se apresentarão aqui considerações históricas visando um mapeamento ou cartografia da sexualidade, datada e emoldurada, mas sim, como Foucault analisou, o questionar, em diferentes épocas, da construção de alianças discursivas sobre a sexualidade, que ainda marcam, constroem e desconstroem discursos sobre a sexualidade e sobre o corpo na contemporaneidade, a exemplo do vídeo *Encontrando Bianca*.

Na concepção foucaultiana, a sexualidade não se configurou sob a égide da repressão e censura, ao contrário, possui ampla produção discursiva, sendo que para Foucault, “... a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez

⁶ A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 2010a, p. 116-117).

de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação...” (2010a, p. 19). Foucault também afirma que os discursos sobre o sexo sofreram “uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII” (ibid., p. 24) e, referindo-se à igreja católica e seu sacramento da confissão, Foucault diz ter havido “uma multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (idem). O século XVIII também protagonizou interesses sobre o sexo nas esferas econômicas, política e técnicas. O sexo passa a ser de interesse do Estado, que atua como controlador, fazendo uso do seu poder para interferir em uma disputa pública com o indivíduo, a partir de interesses específicos e contextuais. A categorização da sexualidade das crianças, mulheres, o controle da natalidade e das perversões sexuais enquanto patologias são estratégias e técnicas de poder utilizadas, conforme aponta Jeffrey Weeks:

Essas estratégias produziram, ao longo do século XIX, quatro figuras submetidas à observação e ao controle social, inventadas no interior de discursos reguladores: a mulher histérica, a criança masturbadora; o casal que utiliza formas artificiais de controle de natalidade e o “pervertido”, especialmente o homossexual (WEEKS, 2010a, p. 52).

As alianças discursivas do século XVIII e XIX constituíram como norma, a monogamia heterossexual, e passaram a se preocupar com o controle das sexualidades fugazes a esse padrão, aquelas dignas de estimas, consideradas como aberração, loucura, desequilíbrio, como a homossexualidade. Foucault considera que “Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas” (FOUCAULT, 2010a, p. 46). Surge no século XIX um forte interesse não apenas pela sexualidade heterossexual e conjugal, mas pelas múltiplas sexualidades e diferentes busca de prazeres, surge uma forte tecnologia médica do sexo. O poder exercido sobre o sexo e sobre os corpos não é o poder da repressão da fixação de barreiras, mas da produção das mesmas, assim Foucault afirma que “O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual” (FOUCAULT, 2010a, p. 52).

O século XX traz consigo uma explosão de inovações das tecnologias médicas, da genética corporal, da reprodução assistida, do mercado de implantes e de estéticas diversas, a multiplicação das academias e aparelhos de ginásticas, a revolução dos

métodos contraceptivos que dão liberdade e nova condição de exercício para a sexualidade da mulher. O sujeito do século XX e seu corpo são marcados pelas normalizações das ciências humanas, da medicina, da psicanálise e pedagogia; não reprimidos, mas constituídos pelo poder e saber que gera e cria relações por meio de discursos descontínuos e instáveis, pois para Foucault (2010a, p. 112) “O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Já para Corbin, Courtine e Vigarello (2008, p. 7), “O século XX é que inventou teoricamente o corpo”, e também de acordo com os linguistas “... jamais o corpo humano conheceu as transformações de uma grandeza e de uma profundidade semelhantes às encontradas no decurso do século que acaba de terminar” (ibid., p. 10).

Percebe-se que ao longo de diferentes períodos históricos essas características de falar e fazer falar sobre a sexualidade, sexo e sobre o corpo se manifestam numa intrincada rede de intenções, objetivos e razões que aspiram por uma regulação social, uma vigilância, um controle. Novamente é preciso sublinhar não uma repressão, mas um governo do que o sujeito faz do seu próprio corpo, ou ainda, mais importante, como esse o faz, ou o constitui. As observações, catalogações e os controles sociais exercidos ao longo do século XIX, em relação ao sexo e ao corpo, deixaram um legado para as ciências humanas e biológicas, para a economia, a pedagogia e o Estado do século seguinte. Também para sua forma de fazer valer os saberes de outrora e a invenção de posteriores, ainda mais sofisticados, confeccionando discursos capazes de produzir subjetividades à luz do complexo jogo de poder instalado. Em relação às influências exercidas pelo discurso médico-científico do século XX a propósito dos estudos sobre a sexualidade e o ideal higiênico deixado pelo século XIX, comenta Ribeiro:

Estudos sobre a sexualidade se intensificaram e o discurso médico - científico da época se colocou como responsável pela profilaxia, classificação e estudo das doenças sexualmente transmissíveis e do comportamento sexual desviante. Sem abandonar a moral religiosa que norteava as questões envolvendo o sexo, os médicos deram uma cientificidade a uma temática que recebia fortes influências da Igreja. O ideal higiênico do século XIX – preocupado com a profilaxia das doenças em geral, voltando-se para as famílias, para a intimidade dos lares – teve sua esfera de influência ampliada para questões da vida amorosa (RIBEIRO, 2002, p. 11).

No entanto, precisa-se salientar que mesmo oscilando entre altos e baixos, as estratégias de resistência e subversão sempre se fizeram presentes diante dos processos de engendramento e produção de subjetividades, sexualidades e seus corpos. A subversão à ordem está onde se encontra o poder ou, nas palavras de Foucault (2010a, p.

105-106), “- que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente ‘no’ poder, que dele não se ‘escapa’...”. Resistências contra as muitas tentativas de cooptação foram densamente organizadas na década de 1960: os diferentes movimentos sociais dando vida à tessitura subversiva, como os movimentos anti-racismo, o feminismo, as militâncias homossexuais, que reivindicam demandas de múltiplas ordens, sejam sociais, jurídicas, econômicas, assim como o direito de exhibir seus corpos e sua sexualidade, sem os conhecidos preconceitos, exclusões e anulações que lhes eram ou ainda são expostos.

Contudo, toda essa proliferação discursiva que se apresenta como subversão não se processa sem o retorno de uma forte reação de controle, interessado em guiar e produzir jeitos de ser. Para Weeks:

Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um complexo aumento do controle sobre os indivíduos; controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade (WEEKS, 2010, p. 51).

Outro aspecto que requer destaque para se pensar o *corpus* de análise é a invenção e categorização do conceito de homossexualidade, que ocorreu no final do século XIX. Segundo Foucault (1985, p. 233), “Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos”. Essa elaboração configurou uma mudança importante para a significação da homossexualidade, pois a partir do momento em que é criada a idéia de homossexualidade, rompe-se com o modelo grego, em que a atividade homossexual se vincula à arte erótica⁷, para qual o homem ativo representava sinal de virilidade, só merecendo estigmas o homem adulto passivo.

Entretanto, com a invenção conceitual da homossexualidade, um modelo fortemente baseado na homossexualidade masculina, torna-se possível a atribuição de identidade, ou seja, o/a homossexual passa a se reconhecer e ser reconhecido/da como pertencente a um grupo que se configura por características comuns, semelhanças. Em certa medida se configura como um ardil, pois, se por um lado, a identidade oferece a

⁷ Encontra-se, em muitas sociedades orientais, assim como em Roma ou na Grécia antiga, toda uma série de discursos muito numerosos sobre essa possibilidade, ou em todo caso sobre a busca de métodos por meio dos quais se poderá intensificar o prazer sexual. O discurso que encontramos no Ocidente, pelo menos desde a Idade Média, é completamente diferente deste (FOUCAULT, 2006, p. 61).

possibilidade de organização social e visibilidade, favorecendo, por exemplo, a busca de reconhecimento e direitos, por outro lado essa construção de identidade pode se constituir como aprisionamento ou enredamento, que encerra o sujeito numa condição fixa, de maneira que a construção de uma identidade homossexual, seja masculina ou feminina, retira o sentido da complexidade das sexualidades. Judith Butler referindo-se ao texto de Foucault: *Os diários de Herculine*, em que narra a história de um hermafrodita do século XIX, afirma que “ele quer sugerir implicitamente que os contextos homossexuais produzem a não identidade – a saber, que a homossexualidade é um instrumento para derrubar a categoria do sexo” (BUTLER, 2010, p. 148). No entanto, com a categorização do conceito homossexualidade, passa a se atribuir uma identidade ao/à homossexual, pois para o Weeks (2010, p. 65), “...antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não”. Têm-se acesso aos incontínuos da trajetória histórica dos/das homossexuais no texto: *O corpo sexuado* de Anne-Marie Sohn. Suas considerações são de quê:

... a trajetória histórica dos homossexuais não é, no entanto, linear, pois alterna avanços e recuo [...] A partir dos anos de 1929, começa uma primeira idade de ouro que confere à homossexualidade uma visibilidade até então desconhecida [...] cada país, todavia, tem sua própria cultura homossexual [...]. Na Grã-Bretanha, a homossexualidade chega mesmo a estar na moda em 1920[...]. depois da segunda Guerra Mundial, a discriminação passa a ser científica. Na classificação da OMS, oficialmente adotada pela França em 1968, a homossexualidade é definida como uma doença que os psiquiatras procuraram curar recorrendo aos meios mais brutais: eletrochoque, e mesmo lobotomia (SOHN, 2009, p. 148-149).

A partir dessa consolidação da identidade homossexual, em especial definida como doença, e da necessidade que essa seja curada, acentuam-se as molduras, rótulos e entendimentos generalizados e esvaziados do sentido e compreensão sobre as homossexualidades, diversidades sexuais e seus corpos. Prevalece um forte senso comum e sentimento de repúdio diante de subjetividades já constituídas de maneira caricaturada no ideário social e cultural: têm-se, como exemplo, os rótulos: viadinho, bichinha, sapatão, caminhoneira, bicha-boy, traveco. Aqui se pode aproximar do *corpus* de análise em apreço o vídeo *Encontrando Bianca*, como também do material educativo *Kit anti-homofobia*, em seu todo. Surge em meio a reivindicações da comunidade LGBTTT, educadores/as e grupos de políticos, defensores/as do combate à homofobia em instituições escolares brasileiras, uma vez que práticas discriminatórias envolvendo atos de extrema violência se endereçam rotineiramente a pessoas que vivem ou assumem uma sexualidade diferente da heterossexual. Pessoas que se distanciam da

normatização heterossexista e da visão essencialista (correlata à ideia de essencialismo⁸), que associa gênero a identidade social e identidade sexual são estigmatizadas e perseguidas de diferentes formas em instituições escolares. Também é admissível considerar que a própria elaboração do material (ainda que vise o combate à homofobia) e possíveis formatações dadas pelo MEC, podem constituir-se como armadilhas, formas de policiamento em relação aos corpos apresentados, e ainda formas de produção de sexualidades, mais uma vez aprisionadas ao dispositivo da sexualidade. Podem se apresentar como resposta do próprio poder. Como afirmam Madlener e Dinis:

... Se o corpo e a sexualidade revoltam-se a partir de sua própria exposição, intensificando os dizeres sobre o sexo e saturando a sociedade com uma sexualidade desmedida, o poder ressurgue e torna a adequar esta resistência aos seus discursos... (MADLENER; DINIS 2007, p. 51).

O próprio *kit anti-homofobia* pode ser considerado como um estratégico dispositivo que comporta linhas de força, situadas em territórios de saber e poder.

Os discursos que envolvem o vídeo *Encontrando Bianca* mostram largos paradoxos, pois, se por um lado, tem-se retratado no vídeo uma travesti, em certa medida, pode-se dizer beneficiada, como tantas outras, pelos avanços legados pela sofisticada revolução tecnológica dos séculos XX e XXI, que trouxeram novas tecnologias médicas, farmacêuticas, estéticas, indispensáveis para a construção de um corpo novo, que oferecem vastos recursos para a refinada transformação desse corpo, inclusive alterando fortemente traços corporais biológicos, como parece ser o caso de Bianca, que tem seu corpo moldado, uma vez que “É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos” (BENEDETTI, 2005, p. 55), por outro lado, Bianca tem seu corpo convidado a não se mostrar, a não se exhibir, sob pena de protestos, violências e punições.

Apesar de seu corpo visivelmente feminino, é ordenada a não frequentar o banheiro feminino, situação a qual a personagem Bianca assim se manifesta: “- Essa é uma questão que já deveria estar superada” (VÍDEOS DO KIT..., 2011a, s.p). Essa violência, de não poder utilizar o banheiro feminino, ser perseguida no espaço escolar, é caracterizada por um forte abalo psicológico, um abalo ininterrupto para as travestis, pois de acordo com Benedetti, “... É no corpo que elas localizam os principais símbolos

⁸ O “essencialismo” é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos (WEEKS, 2010, p. 43).

do masculino e do feminino; e investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar, sentir e exibir um corpo diferente, um novo corpo ...” (BENEDETTI, 2005, p. 55). Como então querer que esse corpo não se mostre na escola, em especial quando se vive a adolescência, período de descoberta de sentimentos, desejos e afetos? O vídeo indica um discurso da necessidade e demanda por respeito e aceitação desse corpo constituído nos limites entre masculino e feminino, um corpo de uma pessoa que se sente feminina e assim deseja ser reconhecida.

Por uma vertente é possível levantar algumas indagações: como construir um discurso sobre o corpo da travesti, como arquitetar-lo em um vídeo, em especial quando se pretende combater a discriminação sofrida em relação a esse corpo? Essas questões emergem diante da consideração de que o discurso, ao ser elaborado, não é isento de uma gama de intenções, estratégias e jogos de poder-saber, entendidos como focos locais, segundo a definição de Foucault:

Partir-se-á, portanto, do que se poderia chamar de “focos locais” de poder-saber: por exemplo, as relações que se estabelecem entre penitente e confessor, ou fiel e diretor de consciência; aí, e sob o signo da “carne” a ser dominada, diferentes formas de discurso – exame de si mesmo, interrogatórios, confissões, interpretações, entrevistas – veiculam formas de sujeição e esquemas de conhecimentos, numa espécie de vaivém incessante. Da mesma forma o corpo da criança vigiada, cercada em seu berço, leito ou quarto por toda uma ronda de parentes, babás, serviçais, pedagogos e médicos, todos atentos às mínimas manifestações de seu sexo, constituiu, sobretudo a partir do século XVIII, outro “foco local” de poder-saber (FOUCAULT, 2010a, p. 109).

Por um itinerário pode-se considerar que o vídeo, mais que buscar ressaltar a diferença da travesti *Bianca*, enaltece a necessidade de respeito. No entanto, essa ideia de respeito pode se constituir em uma armadilha, e merece assim ser problematizada, a partir da perspectiva da pesquisadora Jimena Furlani:

... os trabalhos de educação sexual –sobretudo eles – em vez de “respeitar” a diferença do outro, deveriam [...] discutir como as marcas identitárias, atribuídas aos sujeitos, tornam alguns mais (ou menos) subordinados aos mecanismos de exclusão, sexismo, homofobia, discriminação e preconceito (FURLANI, 2008, p. 80).

Para além da discussão sobre o respeito, faz-se indispensável questionar se é possível falar de um único corpo das travestis, ou antes, se os discursos criam-lhes um corpo ideal? Benedetti em seu estudo etnográfico sobre um grupo de travestis em Porto Alegre, afirma que “as alterações corporais são muitas e vivenciadas de diferentes formas” (2005, p. 55). Nesse caso, o vídeo não deixa, em ampla medida, de constituir

um discurso que condiciona o corpo das travestis. Ou ainda, por outra vertente, poder-se-á indagar ou considerar que a imagem do corpo retratado, sua vestimenta, gestos, sonhos, desejos, assim são concebidos, pois os corpos das travestis, suas semelhanças preponderantes forneceram atributos para que o discurso assim as representasse. Nessa consideração pode-se pensar o corpo como moldando o discurso?

Essas e outras muitas ponderações são possíveis. Entretanto, ao considerar o *kit anti-homofobia* como um dispositivo, uma questão imprescindível deve ser levantada, ou seja: qual o função estratégica do material ao produzir determinado corpo de uma travesti?

Seguindo uma linha de análise tradicional, que considera a identidade de gênero feminina como aquela atribuída à mulher feminina, doce, passiva, torna-se pertinente considerar que o vídeo produz menos uma travesti, e mais uma mulher angelical, meiga em sua vestimenta, de roupas discretas, presilha no cabelo, cachecol no pescoço, parecendo mesclar uma feminilidade discreta, juvenil com a presilhinha posta ao lado dos cabelos e certa elegância de uma mulher mais sofisticada com um cachecol no pescoço, em que a pouca extravagância estaria restrita às unhas pintadas de vermelho (no entanto curtas, contrariando o desejo de uma grande maioria de travestis que apreciam unhas compridas, ainda que postiças).

Essa constituição da travesti Bianca poderia ser pensada como uma forma de se afirmar um corpo ideal da travesti, que mais se assemelharia ao corpo feminino ideal. O dispositivo atua em toda sua potência, para destituir esse corpo de tudo o que foge à normalidade e aprisioná-lo aos padrões da heterossexualidade. Assim, constitui-se certo dizer: esse corpo é o corpo de uma travesti que não incomoda, não perturba tanto, não é extravagante, vulgar, chamativo, agressivo, não apresenta traços de sexualidade protuberante, não desconcerta aqueles que não se sentem bem ao lado das diferenças. Para ser aceita em sua travestilidade, Bianca tem seu corpo construído na pureza daquilo que já se constituiu nos discursos hegemônicos como o esperado para uma mulher, aquilo que é o benquisto, o correto. Ela é uma boa moça, gosta e quer estudar, só ficou de recuperação uma vez, vai bem nos estudos, quer se formar professora, trabalhar, é uma moça tranqüila, delicada, cordata, respeita os outros. É apresentada de forma convergente com os valores e padrões estabelecidos por uma cultura ocidental, branca, burguesa e heterossexista. Bianca até pode ser aceita, já que é o protótipo do bem. É quase a visão de uma mulher imaculada, um corpo que não tumultuária tanto o espaço escolar e, portanto merece ser acolhido. A travesti está presa ao discurso sexista. Suas

roupas são discretas, de tons neutros, predominantemente pretos, inclusive o tênis, apenas uma blusa possui um tom avermelhado, mas pouco se mostra por estar sob o casaco, seu cachecol possui um tom leve entre rosa e lilás, e de certa forma impossibilita identificar a presença de seios, tão desejados pelas travestis, seja por uso de hormônios ou implantes de silicone. Com relação a essa modificação dos corpos das travestis, Benedetti assim relata:

Uma das primeiras resoluções importantes na vida de uma travesti é iniciar o uso de hormônios. Se até então as interferências com o objetivo de construção do feminino sobre o corpo se reduziam a eventuais *montagens* ou pequenos detalhes, como um brilho nas unhas ou uma modelagem nas sobrancelhas, com o tratamento hormonal as mudanças corporais se mostram mais visíveis e mais definitivas: os seios se desenvolvem, a silhueta se arredonda, os pêlos do corpo e da barba diminuem em quantidade e tamanho. Submeter-se a tratamento hormonal parece identificar-se com a própria decisão de incorporar a identidade travesti (BENEDETTI, 2005, p. 73).

Pode-se dizer que Bianca apresenta indícios de que se submeteu ao desejo de ter um corpo mais feminino, fazendo assim uso de hormônios. Sua voz possui um timbre mais agudo, aproximando-se da voz feminina, que pode ser pelo hábito de forçar a voz, ou porque, como acreditam algumas travestis, de acordo com Benedetti, “... o hormônio tem ação sobre as cordas vocais, afinando a voz” (2005, p. 63). Ela não possui pelos na face, sua pele é lisa e sem marcas, o que costumeiramente é adquirido pelas travestis com o uso de hormônios, além da refinada maquiagem. Esses pequenos sinais no corpo de Bianca são indicadores de que ela faz uso de hormônios, mas, se faz, porque seu corpo não apresenta formas arredondadas, porque não apresenta os seios, ou antes, é porque qualquer traço e evidência de sexualidade foram apagados desse corpo? Uma travesti que faz uso de hormônios, mas não habita um corpo sexualizado? Um paradoxo, não sem intenções. Louro, ao se referir a uma fala da personagem Agrado, do filme: *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, menciona que “a travesti afirma que o que tem de mais autêntico é exatamente o silicone, ou seja, aquilo que diz, do modo mais material possível, de sua intervenção sobre seu próprio corpo” (LOURO, 2004, p. 22), mas a travesti do *kit anti-homofobia* é pura, não tem um corpo sexualizado, ou antes o esconde sob seu cachecol.

Bianca também não está utilizando acessórios, como jóias ou bijuterias, tão apreciados pelas travestis, não está usando anéis, colares, brincos (ainda que o cachecol e os cabelos cubram as orelhas, num momento é possível ver que ela não os usa). Em algumas de suas colegas de sala é possível ver o uso desses acessórios, muito embora,

em relação à vestimenta de todas as garotas que aparecem nas imagens, parece que, de acordo com a visão de Maio (2011, p.183), “Há uma aparente dessexualização no espaço escolar, [...] A escola acaba disciplinando e escolarizando os corpos”. Mesmo não usando uniformes, as roupas que todas as meninas usam impossibilitam uma visualização de suas curvas corporais, o que também parece contrariar a realidade subversiva comumente praticada por adolescentes nos espaços escolares contra essas normas.

Se por um lado a travesti do vídeo pode apontar para traços encontrados em muitas travestis da sociedade contemporânea, em especial no que se refere ao desejo de ser reconhecida como feminina, em sua construção e montagem desse novo corpo, por outro, cria-se uma caricatura um tanto distante ao apresentar uma travesti quase virginal (com seu cachecol rosado), o que rompe com aquilo que é percebido no corpo de muitas travestis, ou seja, a forte marca de ostentação dos traços femininos, em especial no que diz respeito à sensualidade, o desejo de ser vista, admirada, desejada como feminina.

Tecendo um paralelo da travesti Bianca com a travesti Agrado do filme: *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, é possível perceber, tomando as considerações apontadas por Oliveira (2005), que Agrado produz um diferente conceito de autenticidade na construção da imagem de seu corpo, uma autenticidade não de um corpo natural, mas sim construído, mas enquanto Agrado, como menciona Oliveira (2005, p.62), tem sua “... autenticidade [...] quanto mais se parece com o que sonhou de si mesma”, a imagem de Bianca parece contrariar suas palavras, quando diz: “me sinto bem assim, como sou hoje, sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos) Bianca” (VÍDEOS DO KIT..., 2011a, s. p.). Seu corpo, no lugar de mostrar uma autenticidade sonhada e produzida, como a de Agrado, parece antes aprisionado a certa hesitação de mostrar as construções desse corpo, que longe de convidar os olhares a conhecerem (ou imaginarem) outros corpos de travestis, formata o olhar para um corpo encerrado num determinado discurso-corpo, que acentua a feminilidade pueril e se distancia de uma imagem mais sexualizada desse corpo. Também descarta o encontro com outros possíveis corpos de travestis, como, por exemplo, o corpo das pessoas transexuais⁹ que se encontra num processo de transição e cuja estética não se aproxima da ideia de feminilidade. Perspectiva que parece sustentar a consideração de que os discursos presentes no vídeo estão repletos de intencionalidades ao que se refere à

⁹ As transexuais são pessoas com demandas de cirurgias de mudança de sexo e de identidade civil, demandas que não encontramos nas reivindicações emancipatórias das travestis (PERES, 2009, p. 236).

lapidação de olhares diante da imagem corporal de Bianca, corroborando com as palavras de Oliveira:

É importante lembrar que essas imagens corporais internalizadas como nossos modelos acabam por impregnar nossos corpos, legando-nos jeitos, formas, expressões faciais, gestos, ainda que o tempo de convivência de nossos corpos com esses modelos tenha sido breve (OLIVEIRA, 2005, p. 61).

A partir desse entendimento, um vídeo que se destina a ser ferramenta educativa contra a homofobia, em certa medida sugestiona pensar um corpo modelo que possivelmente poderia ser tolerado, e um modelo a ser incorporado por outras travestis que frequentam o espaço escolar.

Por outras vias de análise, poder-se-á considerar que em função do ambiente escolar a travesti Bianca se apresenta de uma forma mais recatada, discreta, ou que ainda existem muitas travestis próximas à imagem ali apresentada, o que não deixa de ser argumentos e considerações razoáveis, comportando admissíveis sentidos. Mas como no campo discursivo nada escapa às relações de poder, não é função imaginar que a travesti do vídeo assim foi composta por uma ingênua e imparcial escolha, ou ainda, e mais uma vez, porque é a imagem mais fiel do corpo das travestis. Não uma escolha de sujeitos no sentido individual, mas de escolhas no sentido das influências do próprio discurso, uma vez que, segundo Barbosa, “... O discurso não é fruto de um sujeito que pensa e sabe o que quer. É o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas” (2004, p. 113).

Poder-se-ia considerar que certo corpo da travesti perpassa nas experiências ou ideários comuns, o que pode ter contribuído na construção e imagem da travesti Bianca, mas, sem dúvida, existem discursos e práticas discursivas clamando por uma imagem que seja a mais adequada para compor um material educativo destinado a instituições escolares. Em outras palavras, uma imagem mais suave, que não agrida ou choque os olhares historicamente construídos e governados a ver os gêneros, o corpo e a sexualidade de forma quase naturalizada, inata e essencializada. O que sinaliza para a necessidade de percorrer e esmiuçar no próprio vídeo esses discursos enraizados no dispositivo da sexualidade, pois a escola retratada no vídeo parece estar mais que nunca submetida a um poder. Ou seja, a idéia de Foucault, quando considera que “O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca de verdade, profissionaliza-a e a recompensa. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas...” (FOUCAULT, 1985, p. 180), o que é percebido por alguns dos

estereótipos já mencionados e até mesmo por certa artificialidade quando se tenta criar uma atmosfera de naturalidade nas cenas. Antes, parece conseguir mais um ar de inexpressividade das/dos demais personagens frente à travestilidade de Bianca, como se dissessem: não estamos aqui para darmos a nossa opinião, estamos participando de um comercial para mostrarmos que não somos preconceituosos/as. Esse ar fabricado também é percebido nos gestos comedidos da protagonista, seu comportamento ao andar é calculado e as palavras são ditas de forma contida, com um toque de eufemismo.

Se o vídeo é bom ou ruim, ao apresentar o corpo da travesti da forma como o apresenta, essa talvez seja uma questão desnecessária no que interessa a discussão aqui realizada, pois, ainda que a qualidade do vídeo e demais partes do material *kit Anti-homofobia* devam ser questionadas, apesar do empenho e esmero da equipe de profissionais que elaboraram o material, a questão que aqui se indaga sobre a produção do vídeo, como dito anteriormente, não é de cunho pessoal, já que para Foucault, “... as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas” (2010a, p. 105), mas sim, de como escapar às produções discursivas que possibilitam construir um determinado corpo da travesti Bianca e não outro. O vídeo se propõe a combater a homofobia sofrida por travestis no ambiente escolar e é preciso pensar se a própria produção não se deixa esbarrar nas normatizações, em desencontro com os objetivos traçados pelo projeto *Escola sem homofobia*.

Para além das imagens e discursos expressos no vídeo é preciso utilizá-lo como destaque daquilo que ali não é dito, ou apenas feito alusão, por exemplo, aprofundar sobre os reflexos que os preconceitos, violências e dilemas enfrentados na família, comunidade, ou as diferentes e fortes agressividades enfrentadas na escola deixam na vida das travestis. Faz-se urgente, mais que o tom rosado, destacar o sombrio tom da violência que marca a vida das travestis nas escolas, pois segundo Peres:

É importante lembrar que quando uma travesti chega à escola, ela já viveu alguns transtornos na esfera familiar e comunitária, apresentando uma base emocional fragilizada que a impede de encontrar forças para enfrentar os processos de estigmatização e a discriminação que a própria escola, com seus alunos, professores, funcionários e dirigentes, exerce, dada a desinformação a respeito do convívio com a diferença e suas singularidades. A intensidade da discriminação e do desrespeito aos quais as travestis são expostas nas escolas em que desejam estudar leva, na maioria das vezes, a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos ou a expulsão da escola, o que conseqüentemente contribui para a marginalização, pois bem sabemos da importância dada aos estudos e à profissionalização em nossa sociedade (PERES, 2009, p. 245).

O vídeo estando em mãos de professoras/es, se aprovado, e disponível em escolas, talvez devesse seguir um caminho de polemizar o porquê de ser preciso criar o material, e especificamente em relação ao vídeo *Encontrando Bianca*, o/a professor/a devesse se questionar e levantar o questionamento junto aos/as alunos/as em relação às próprias alianças discursivas ali presentes, ou ainda, talvez um caminho mais profícuo de combate à homofobia nas escolas, não é tomar o vídeo como mero material didático, mas como uma produção discursiva, que pode e deve ser analisada em conjunto por professoras/es e alunas/os.

Questionar os discursos que formataram o corpo da travesti Bianca da forma como está apresentado e pelo corpo que engendrou os discursos presentes no vídeo talvez seja uma forma de resistência mais frutífera do que simplesmente adotar o material como veículo de combate à homofobia, pois o vídeo pode conter marcas de um poder ressurgido.

Enfim, questionar essa relação discurso/corpo considerando-a como social e culturalmente construída a partir de sutis jogos de poder-saber constituídos pelo dispositivo da sexualidade é uma tentativa de fuga do aprisionamento do corpo a um discurso ideal, para isso também é preciso ponderar se o discurso do vídeo *Encontrando Bianca* não cria um corpo idealizado para as travestis. Ao olhar o vídeo e a travestilidade de Bianca ali expressa é preciso não esquecer as palavras de Foucault:

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 1985, p. 183).

1.2- PROBABILIDADE

O segundo vídeo tomado como *corpus* de análise foi nomeado pelos produtores do *kit anti-homofobia* de *Probabilidade*, palavra comumente reconhecida por seu pertencimento à linguagem matemática. O vídeo narrado em terceira pessoa, conta a história de Leonardo, um garoto que está num processo de mudança de sua cidade natal e vive os dilemas próprios dessa transição e da separação dos/das amigos/as, e da namorada. Mas o maior enfoque pretendido pelo vídeo é a descoberta por *Leonardo* de

sua bissexualidade e como ele reage frente a essa novidade em sua vida e como os colegas de escola se relacionam com a diversidade sexual no ambiente escolar.

Ao se propor a realizar a análise desse vídeo, assim como dos outros, partilha-se do entendimento de Araújo, para quem analisar o discurso “não é interpretá-lo para chegar a seu âmago, isto é, o que ‘realmente se quis dizer’ (sentido literal). Os discursos não possuem âmago, não são um conjunto de significações.” (ARAÚJO, 2004, p. 236), de forma que não se pretende uma ancoragem que busque desvelar cada sentido engendrado pela produção do vídeo, mas sim buscar “...pelos séries de acontecimentos que a ordem do saber produz e controla” (idem), o intuito é antes olhar para os emaranhados e pequenas minúcias daquilo que o acontecimento discursivo pronuncia e produz.

Visando o conhecimento do leitor com o esse material, transcrever-se-á a partir do próximo parágrafo o vídeo *Probabilidade*. Na imagem seguinte vê-se o protagonista Leonardo à esquerda e Rafael à direita, por quem Leonardo sentirá uma forte atração e descobrirá que também sente afeto e desejo por garotos.



FONTE: VÍDEO KIT – GAY..., 2011, s. p.

Este é Leonardo e este é seu quarto, pelo menos por enquanto, pois Leonardo precisa se mudar, ele sempre morou na mesma casa, e de repente vai ter que ir para outra cidade. Dentro dessas caixas Leonardo está guardando suas coisas mais preciosas, discos, livros, fotos, mas a única coisa que ele realmente quer levar não pode ser guardada numa caixa. Leonardo precisa se separar de Carla e isso o deixa muito triste, ele nunca tinha ficado com uma garota antes, e agora que eles se encontraram ele precisa ir para longe.

Leonardo tem medo de nunca mais gostar de alguém como gosta de Carla, ele também tem medo de não conseguir encontrar novos amigos e não sabe nada sobre a escola em que irá estudar.

Quando o diretor da escola apresentou Leonardo para a sua nova turma ele ficou envergonhado, os alunos estavam fazendo um trabalho em grupo e não pareciam interessados em saber quem ele era. Ainda bem que apareceu Mateus. Mateus foi muito legal com Leonardo e o chamou para entrar no seu grupo. Mateus apresentou Leonardo aos seus amigos. Quanto mais Leonardo conhecia Mateus mais gostava dele. Os dois foram descobrindo que tinham diversas coisas em comum, e o que parecia incrível, Mateus também colecionava discos de vinil.

Enquanto Leonardo contava para o novo amigo sobre sua antiga escola e as coisas que tinha feito, Mateus apresentava para Leonardo sua nova cidade, e felizmente Mateus conhecia muitos lugares e pessoas legais.

Um dia Leonardo estava andando na escola com Mateus e alguns garotos começaram a apontar para eles e rir. Os garotos gritavam e ridicularizavam os dois, chamando-os de namoradinhos. Leonardo pensou em reagir, mas Mateus o impediu.

Depois Mateus contou para Leonardo uma coisa que nunca tinha tido coragem de dizer para nenhum outro amigo, Mateus contou que era gay. A princípio Leonardo ficou chocado com a revelação de Mateus, porque Mateus tinha demorado tanto para contar, afinal eles não eram amigos? Depois Leonardo lembrou dos garotos no corredor, seus dedos apontados, e entendeu os motivos de Mateus, entendeu os motivos do amigo, percebeu que o amigo confiava nele. Leonardo teve vontade de fazer mais perguntas, mas ficou com vergonha, acabou agindo como se nada tivesse acontecido, e os dois continuaram tão amigos quanto antes. Um dia durante o recreio Mateus convidou os colegas para a festa de despedida de um primo. Leonardo gostou da idéia, pois ainda não tinha ido a nenhuma festa desde que se mudara.

Quando Leonardo chegou à festa ficou um pouco tímido, pois não conhecia ninguém além de Mateus, mas logo Mateus apresentou Leonardo para seu primo Rafael. Mateus contou para Leonardo que Rafael também iria mudar de cidade e que estava triste por deixar a escola e os amigos. Leonardo achou engraçado quando se viu dando conselhos para Rafael. Rafael achou legal

conhecer alguém que tinha acabado de passar por uma situação como a sua, vendo como Leonardo já tinha feito amigos e estava gostando de sua nova cidade, Rafael se sentiu mais confiante com a mudança e pela primeira vez pensou que coisas boas também poderiam surgir, que iria conhecer pessoas e lugares diferentes.

O fato é que os dois conversaram a noite inteira e gostaram muito um do outro. No fim da noite Leonardo ficou triste, pensando que no dia seguinte Rafael iria se mudar. E quando foram se despedir Leonardo sentiu uma coisa que nem ele mesmo esperava, depois de um longo abraço ele teve vontade de beijar Rafael. Leonardo saiu da festa muito confuso.

Nessa noite Leonardo não conseguiu dormir, tamanha sua surpresa, será que ele era *gay*?! Nunca tinha sentido vontade de ficar com um menino antes, mas tinha gostado de Rafael e inegavelmente sentiu atração por ele, mas e Carla? Ele também tinha sentido a mesma coisa por ela, o que estava acontecendo?

No dia seguinte Leonardo mal conseguia prestar atenção à aula de matemática, pois estava cheio de dúvidas: será que Mateus poderia ajudá-lo? Leonardo olhou para o lado e viu Bia, que também estava olhando para ele, fazia tempo que os dois estavam numa troca de olhares animadora. Leonardo teve certeza que se tivesse oportunidade também ficaria com Bia. E foi copiando a lição de probabilidade, que Leonardo teve um estalo. Porque precisaria decidir entre ficar só com garotas ou com garotos, se ele se interessava pelos dois? E ele não era de se interessar por qualquer um, pelo contrário, era difícil ele querer ficar com alguém, mas, quando ele gostava, não importava se era garoto ou garota, e gostando dos dois a probabilidade de encontrar alguém por quem sentisse atração era quase cinquenta por cento maior, tinha duas vezes mais chances de encontrar alguém. Leonardo sabia que não seria aceito por todos, que assim como Mateus teria que lidar com o preconceito, mas também tinha certeza de que valia a pena enfrentar essas dificuldades para ficar do lado das pessoas de quem gostasse e esperava ainda ter a chance de conhecer muitas pessoas especiais (VÍDEOS DO KIT..., 2011b, s. p.).

O nome *probabilidade*, próprio do universo matemático, racional, chama a atenção ao ser escolhido para intitular um vídeo educativo que trata sobre

bissexualidade e se propõe a combater a homofobia nas escolas. A probabilidade em apreço se refere à chance que o protagonista Leonardo tem de encontrar duas vezes mais um companheiro ou uma companheira, ou seja, de acordo com a narrativa do vídeo, “cinquenta por cento a mais de chances do que heterossexuais ou homossexuais teriam para estabelecer um relacionamento afetivo” (VÍDEOS DO KIT..., 2011b, s. p.). Os argumentos exploradores dessa dimensão quantitativa são enfáticos ao amarrar e concluir a exibição do vídeo e do desfecho da questão apresentada, priorizando essa gama da vantagem lucrativa, quase consumista.

Segundo o dicionário Aurélio a etimologia da palavra probabilidade possui os seguintes significados:

[Do lat. *probabilitate*] *s.f.* 1. Qualidade de provável. 2. Motivo ou indício que deixa presumir a verdade ou a possibilidade dum fato; verossimilhança. 3. *Mat.* Número positivo e menor que a unidade, que se associa a um evento aleatório, e que se mede pela frequência relativa da sua ocorrência numa longa sucessão de eventos (FERREIRA, 1999, 1640, s.p).

A partir dessa compreensão percebe-se pela segunda definição que a probabilidade alude a uma razão que propõe uma suposta verdade, sendo esse o discurso norteador e condutor do vídeo para falar de bissexualidades. Já no *Vocabulário de Foucault* de Edgardo Castro, a palavra bissexualidade (*Bisexualité*) é definida como: “a propósito dos gregos, pode-se falar em bissexualidade, apenas se com isso se quer fazer referência ao fato de que se podia amar simultaneamente a um jovem ou a uma jovem. Mas, nisso, não se reconheciam duas espécies de desejo ou pulsão” (CASTRO, 2009, p. 60). Essa concepção vincula a bissexualidade ao amor simultâneo por homens e mulheres, ou seja, o afeto é posto em destaque.

Em um sentido contrário, é difícil deixar de reconhecer que nos termos evidenciados no vídeo *Probabilidade*, a afetividade e subjetividade são substituídas por uma loteria numérica, a intenção parece ser antes apresentar a bissexualidade num enfoque de ganhos quantitativos, essa passa a ser bem vista à medida que se torna merecedora de aceitação diante de uma visão que apela para o prisma de um discurso valorizador da soma, da racionalidade, da vantagem de se ter mais opções de encontro com um/uma parceiro/ra. Em outras palavras, menos que olhar para os muitos dilemas vivenciados por bissexuais e os preconceitos por eles/elas enfrentados, o vídeo parece querer convencer aquelas/es que repudiam a bissexualidade com um discurso de exaltação quantitativa, em que os ganhos adquiridos diante da facilitação de um

encontro, que seria praticamente provável - já que não encontrando um garoto poderia se encontrar uma garota, ou vice-versa - compensariam até mesmo os danos de uma aproximação com a homossexualidade. Como se também o fato de ser bissexual fosse uma suposta garantia para o encontro com mais parceiros/as, esquecendo-se que a própria probabilidade pressupõe a chance numérica de se obter o zero, ou seja, assim como Leonardo pode encontrar parceiros ou parceiras, pode não encontrar nenhum/a, da mesma forma que heterossexuais ou homossexuais.

Além disso, é possível considerar a existência de uma estratégia do dispositivo para que a probabilidade em questão não seja a da bissexualidade, mas da própria heterossexualidade, assim, de maneira salvacionista, Leonardo seria reconduzido à hegemônica normalidade.

Entretanto, o enredamento desse discurso racional cria armadilhas para a experiência de uma discussão que priorize versar sobre os muitos enfrentamentos e dilemas vivenciados por bissexuais, e também de ressaltar a afetividade, o desejo que constituem a subjetividade da pessoa bissexual.

Ao analisar esse discurso excessivamente probabilístico, se reconhece um entendimento avesso ao de Foucault quando afirma que “É preciso, insisto, é preciso escapar das duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa das identidades”. (FOUCAULT, 2011, p. 3), pois o vídeo parece querer apostar no lucro ao fazer alusão à dimensão sexual e não afetiva, e ao criar uma apresentação da bissexualidade masculina como à imagem do bem sucedido, por ser privilegiado na probabilidade de ter sucesso nas conquistas amorosas.

Difícil ponderar que houve uma opção por esse argumento quantitativo por mera escolha aleatória, mas sim o avesso disso, ou seja, pode ser entendida justamente como parte de uma trama discursiva interessada em evitar as aleatoriedades, pois de acordo com Foucault:

...em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2010b, p. 8-9).

Por ser objetivo do *kit anti-homofobia* o combate à homofobia e do vídeo *Probabilidade* a discussão da bissexualidade masculina, ao fazer opção por um jogo racional, deixa-se de empreender um discurso que busque problematizar os mitos,

noções satirizadas e enraizadas nas construções discursivas que alimentam e tecem preconceitos, e deixa-se de realizar um esforço que tente, de acordo com Fernando Seffner, ao se referir à masculinidade bissexual, saber que:

Conhecer a masculinidade bissexual passa necessariamente por estabelecer quais as representações a ela associadas, e que posições estas representações desfrutam. A produção das identidades liga-se estreitamente ao processo de construção de representações acerca de grupos sociais e indivíduos, feitas pelos próprios interessados e por outros em seu nome, num processo que tem evidentes implicações com as questões da política e do poder, uma vez que as representações experimentam posições de hierarquias e valorização diferenciada no mundo ocidental (SEFFNER, 2003, p. 77).

Os discursos arquitetados a respeito da bissexualidade perpassam um ideário vasto em que as construções são empreendidas em um contexto de disputas, interesses, jogos. Afirmar-se bissexual é em certa medida se situar ou declarar um pertencimento ao universo das homossexualidades, é caracterizar-se como lésbica ou homossexual/*gay*, em especial diante da visão heterossexista. Mas, por outro lado, é não se situar, por completo, no universo homossexual, uma vez que essa pessoa estabelece relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo e com pessoas do sexo oposto, o que caracteriza na visão de muitos homossexuais um motivo de discriminação ou até mesmo repúdio, fundamentados no argumento de que esses se “escondem no armário¹⁰”, são *bichas* ou *sapatões* enrustidos. O que caracteriza numericamente também - tomando de empréstimo o discurso matemático do vídeo - possibilidades de duplo, ou cinquenta por cento a mais de preconceito, sofrido tanto por homossexuais como por heterossexuais, uma vez que de acordo com Cavalcanti:

Quando se trata de práticas bissexuais, assumir uma identidade é sempre algo polêmico. Isso porque eles recebem críticas tanto dos heterossexuais quanto dos homossexuais, pois ambos acreditam que a bissexualidade é uma fuga da identidade homossexual. Portanto “sair do armário” no caso dos bissexuais, é bem mais complexo do que se pensa (CAVALCANTI, 2012. s. p.).

Percebe-se na fala de Cavalcanti uma realidade muito presente vivenciada por bissexuais, ou seja, serem discriminados tanto por homossexuais como por heterossexuais, devido a não atenderem exclusivamente a nenhuma das categorias. O que as/os constituem como uma forma de ameaça, pois a pessoa não pertencendo a determinado grupo exclusivo, pode não ser tão bem controlada, tem mais possibilidades de fugas, pois se distancia de uma rota conhecida e confiável, o que configura a

¹⁰ O armário é a estrutura definidora da opressão *gay* no século XX (SEDGWICK, 2007, p. 26).

bissexualidade, em certo viés, como a atuação de uma intimidação diante de sua indefinição, uma ameaça à heterossexualidade, assim como ameaça ao discurso identitários das homossexualidades.

Mas, sendo o discurso probabilístico do vídeo merecedor de questionamentos e reflexões, ao se ponderar sobre os possíveis alcances do argumento estabelecido, outra consideração aparece: quais seriam outros possíveis discursos ao se falar de bissexualidade. Ou ainda, o que é ser bissexual? No entanto, essa é uma questão que não conduz essa linha de trabalho, por compreender não ser essa a demanda de interesse deste objeto de estudo. Não interessa apresentar uma resposta, uma definição, uma essência, um aprisionamento das bissexualidades, justamente por entendê-las numa dimensão plural e flexível em relação a condições de existência e performances. Não existe o bissexual, a bissexual, assim como não existe a lésbica, o homossexual, a travesti, o/a transexual, a *drag queen*, existem sim, travestilidades, homossexualidades, lesbianidades, transexualidades e também bissexualidades. Como afirma Foucault:

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é o de descobrir se a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E essa, sem dúvida, é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. É para essa direção que caminham os desenvolvimentos do problema da homossexualidade, para o problema da amizade (FOUCAULT, 2011, p. 1).

As diferentes e possíveis formas de vivências das bissexualidades, assim como das homossexualidades, talvez pudessem ser contempladas numa discussão que objetivasse enfrentar o preconceito e promover posturas e olhares menos governados pela tirania implacável do preconceito e da violência direcionada às pessoas que sentem desejo e afeto por pessoas do mesmo sexo, ou como a situação vivida por Leonardo, protagonista do vídeo *Probabilidade*, que se interessa por ou deseja homens e mulheres. Mas, não lançando substancialmente mão de tentativas de convencimentos por uma estratégia discursiva sedutora que constrói um personagem bissexual como se fosse uma amostra hegemônica da bissexualidade, deixando de contemplar outras muitas formas de bissexualidades e, principalmente, deixando de adentrar no terreno da realidade dos sofrimentos, perseguições, violências que enfrentam aqueles/as que se declaram

bissexuais, ou aquelas/es que não se declaram e por isso mesmo vivem esse dilema de não poder expor e manifestar seus sentimentos por receio da discriminação e exclusões impostas no ambiente em que a heteronormatividade é manifesta, segundo Foucault, por meio de “uma sociedade um pouco destrutiva (que) não pode ceder espaço sem temer que se formem alianças, que se tracem linhas de força imprevistas” (FOUCAULT, 2011, p. 2).

Na contemporaneidade, os discursos sobre a bissexualidade são diversificados, vão desde os discursos leigos, por exemplo, que circulam nas redes sociais e Internet, os discursos médicos, sexológicos, psicológicos, psiquiátricos, biológicos, o próprio discurso homossexual, o discurso literário, o discurso propagado pelas artes em geral, como: músicas, filmes, peças de teatro, e sem dúvida, o discurso afirmado pelas mídias. Falar de bissexualidades é uma tarefa complexa nesses muitos e distintos discursos, assim como da ausência de uma identidade bissexual que se localize facilmente, o que é positivo por um viés, uma vez que as sexualidades não são reconhecíveis por marcas definidas, essencializadas, estáveis; antes são fluidas, em constante devir, compartilhando do entendimento de Seffner ao afirmar o “abandono da busca de leis gerais, de uma verdade absoluta e das relações fixas entre elementos componentes de uma identidade” (SEFFNER, 2003, p. 75), mas, por outro, com a ausência da mesma, inviabilizam-se parcerias, pois segundo Louro “Na construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar da acolhida e do suporte – uma espécie de lar” (LOURO, 2001, p. 543). A ausência de identidade traz consequências importantes para os/as bissexuais, pois esses/essas se tornam vítimas de um forte endereçamento preconceituoso que as/os estigmatizam, e as possíveis identidades que possam ter são construídas atreladas a um processo minucioso de jogos de poder. A respeito da possível identidade bissexual masculina, expõe Seffner:

A identidade que possam ter entre si os homens que mantém relações sexuais e afetivas com homens e mulheres, agrupados nesta particular representação da masculinidade que estamos denominando de masculinidade bissexual, não pode ser entendida como fruto de características imediatamente visíveis, dadas desde sempre, tidas como evidentes ou como atributo natural. Há um processo ativo de exercício de poder por parte de quem nomeia e de quem é nomeado no campo das masculinidades (SEFFNER, 2003, p. 79).

Tem-se uma dupla problemática, a de pertencimento a uma identidade e a de ausência da mesma, o que configuraria em certo sentido com o “estar no armário”, expressão popularizada e matéria-prima de sucesso para piadas homofóbicas que

expõem uma densa realidade na qual indivíduos LGBTTT se veem rotineiramente envolvidos em situações que enredam e convocam para esse ficar no armário, voltar para o armário, um armário circunstancial, que seria indispensável em circunstâncias em que o contexto exigisse o forjar de uma realidade, na tentativa de ganhos imprescindíveis, ou na tentativa de fuga ou esquiva de situações adversas ou mesmos insustentáveis. Pode-se imaginar, por exemplo, a disputa por uma colocação e manutenção de uma oportunidade de trabalho, preservação do afeto, respeito familiar e de amigas/os, proteção da imagem diante de grupos de alta presença homofóbica, como as instituições escolares, tentativa de disputas judiciais - como aquelas que envolvem disputas de guarda de crianças, ainda que as leis venham se tornando mais flexíveis no Brasil nos últimos anos. E ainda, um armário eterno, que obriga o sujeito a praticamente renunciar a vivência de seus desejos ou a não revelação desses, vivendo em constantes sobressaltos e temores. Mesmo homossexuais assumidos não deixam de se ver diante de situações circunstanciais, mas forçadas, que as/os obrigam a adentrar no sofrível espaço do armário. Em seu trabalho *A epistemologia do armário*, Sedgwick afirma que:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em *Peter Pan*, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas *gays*, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa *gay* assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra "terapia", contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário *gay* não é uma característica apenas das vidas de pessoas *gays*. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas *gays*, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p. 22).

O vídeo *Probabilidade* traz especificamente essa discussão, realizada por Sedgwick, quando o personagem Mateus delonga-se para revelar sua homossexualidade para o amigo Leonardo e só o faz quando se vê numa situação constrangedora na qual as/os colegas de escola apontam para os dois e riem, “Os garotos gritavam e

ridicularizavam os dois, chamando-os de namoradinhos” (VÍDEOS DO KIT..., 2011b, s. p.). Irritado, Leonardo quis se manifestar contra o grupo de alunas/os, mas Mateus o impede e revela seu segredo de armário: “contou para Leonardo uma coisa que nunca tinha tido coragem de dizer para nenhum outro amigo, Mateus contou que era *gay*” (idem). Em outras palavras Mateus se vê obrigado a sair do armário para preservar sua amizade por Leonardo.

No entanto, o vídeo é tímido em desenvolver uma discussão que privilegie explorar a penosa realidade que pessoas vivenciam quando se veem obrigadas a ocultar sua homossexualidade ou bissexualidade, um sofrimento afetivo, psíquico, físico, moral. Os desdobramentos de forças para se traçar e seguir itinerários opostos ao que se reconhece sobre si mesma/o é uma violência de proporções inimagináveis, em que a pessoa, segundo Richard Miskolci, precisa:

Dividir-se em dois, manter uma fachada ilusória entre si mesmo e aqueles com quem convive, exige muito esforço e capacidade para suportar o medo de ser descoberto. O temor cria a necessidade de estar sempre alerta para sinais que denunciem sua intimidade e desejos, evitar lugares e pessoas que o associem a uma identidade temida, força para agir contra seus próprios sentimentos e manter o compromisso com a ordem social que o rejeita, controla e poda das mais variadas formas (MISKOLCI, 2007a, p. 58).

Os discursos presentes no vídeo romaneiam a bissexualidade ao apresentar o protagonista Leonardo como uma pessoa privilegiada por ter mais chances de sucesso numa busca amorosa do que pessoas heterossexuais e homossexuais. Mesmo vivendo uma confusão ao descobrir seu desejo por um garoto, Leonardo apazigua sua tormenta no encontro de olhares com Bia – vê-se, novamente, a presença da probabilidade de uma heterossexualidade - e na certeza que também ficaria com ela, ou seja, tudo resolvido, pois ele é um ganhador, não precisa escolher, pode se relacionar com ambos, não precisa viver tormentas, confusões, dilemas. Numa aula de matemática, cujo conteúdo é probabilidade ele tem como que num toque mágico da varinha de uma fada toda a situação resolvida. Ele está bem, resolveu o dilema que há pouco o atormentava, como se dissesse para todas/os as/os colegas de escola: - Estão vendo, sou superior a vocês, sou melhor, posso mais, numa linguagem comumente reconhecida no meio jovem e escolar, - Pego mais que todos/as, sou admirável e invejável. A imagem proposta de Leonardo parece se aproximar da linguagem publicitária e das artimanhas utilizadas para venda de determinados produtos. No caso do vídeo, o produto seria a bissexualidade de Leonardo que, assim como a homossexualidade e heterossexualidade,

estaria submetida a valores culturais específicos, nesse caso o valor quantitativo, de poder ter mais relações afetivo-sexuais, no entanto, de acordo com Sabat:

É importante não esquecer que o discurso publicitário não é autônomo, não tem vida própria: quando a publicidade está inserida na cultura e não fora dela, de modo a observá-la de um lugar distanciado para, aí sim, ser elaborada. O discurso publicitário constitui-se de práticas e é nelas que encontra objetos para construir sua própria materialidade (SABAT, 2008, p. 158).

Partilhando do entendimento de Sabat, vê-se que o discurso da exaltação quantitativa só é possível por ser altamente valorizado na cultura brasileira. Afasta-se das discussões referentes às homossexualidades e bissexualidades e se aproxima de outro discurso, como se pretendesse também criar uma naturalização da bissexualidade próxima do universo promíscuo, com isso o que se tem “é uma certa naturalização dos comportamentos que estão nas imagens, tais como construídas pelos sujeitos sociais” (SABAT, 2008, p. 158).

A construção da imagem da bissexualidade de Leonardo parece contrariar a afirmação: “E ele não era de se interessar por qualquer um, pelo contrário, era difícil ele querer ficar com alguém...” (VÍDEOS DO KIT..., 2011b, s.p), pois essa é edificada a partir das conotações da promiscuidade, muito próxima do que afirma Cavalcanti:

Outra crítica bastante comum aos bissexuais é o que se refere à fidelidade. Os bissexuais são vistos como promíscuos, pessoas que só querem saber de sexo e não se interessam em estabelecer um relacionamento afetivo e emocional. Porém, relacionar-se com ambos os sexos não significa fazer isso, nem é o mesmo que afirmar a falta de compromisso e sentimento que ambos podem depositar no relacionamento (CAVALCANTI, 2012, s. p.).

Esse discurso deixa de considerar que mesmo Leonardo reconhecendo seu desejo afetivo e sexual por homens e mulheres, certamente terá muitos dilemas para enfrentar, diante de uma sociedade altamente homofóbica e heteronormativa, e talvez como muitos/as faça a opção de não se revelar bissexual.

A questão da influência familiar na vida de filhos/filhas homossexuais ou bissexuais é colocada à margem da reflexão realizada. Deixa-se de oportunizar a discussão de um dos fios mais tênues do preconceito, a dificuldade enfrentada nas escolas por toda a equipe pedagógica, ao se trabalhar com a homofobia nesse meio, e a relevante contribuição da família, pois é nessa que o preconceito na maior parte do tempo surge, se mantém, incendeia e mina grupos sociais, como as instituições escolares. A família é forte aliada da manutenção dos preconceitos homofóbicos, sua

intervenção é exercida de maneira determinante. E o vídeo *Probabilidade* em seus discursos não toma por opção priorizar essas influências da família na manutenção do dispositivo do assujeitamento e subordinação. Segundo Daniel Borrillo “O anúncio da orientação dos filhos aos mais próximos, e principalmente aos familiares, constitui a principal fonte de angústia de homossexuais adolescentes” (BORRILLO, 2009, p. 44).

Ao assistir o vídeo *Probabilidade* outra questão iminente se coloca, ou seja, a escolha pela abordagem da bissexualidade masculina e não da bissexualidade feminina. Refletindo a esse respeito muitas prováveis ponderações são pertinentes. Entre elas, uma se refere à manutenção da hegemonia androcêntrica, que no vídeo seria representada por Leonardo, que mesmo vivendo a surpresa da descoberta do desejo por homens, se vê compensado por seu interesse por mulheres. Essa suposição se respalda entre outros pontos na observação da estratégia em que a ordem dos discursos aparece no vídeo. Primeiro, relata-se todo o processo de mudança de cidade vivido por Leonardo e o amor por Carla, depois sua chegada e dilemas enfrentados na cidade nova, o encontro com Mateus e a revelação da homossexualidade do amigo, a qual é bem aceita por Leonardo. Depois sim, aparecerá o tema central da discussão que é o encontro de Leonardo com Rafael e seu desejo por ele, apresentando então a bissexualidade do protagonista. Logo depois, mesmo com toda a confusão e dúvida de Leonardo em não saber se era *gay*, ele se lembra de Carla, e de que havia sentido o mesmo por ela, ou seja, era homem, macho, e no dia seguinte encontra Bia, com quem já estava flertando há algum tempo, e tem certeza que se tivesse oportunidade também ficaria com ela. E então conclui que poderia ficar com ambos, Bia e Rafael, sem se decidir por garotas ou garotos, fazendo-se assim uma breve referência à bissexualidade. A estratégia discursiva do vídeo lança primeiro a heterossexualidade, depois a homossexualidade, e por último a volta da heterossexualidade, por meio da troca de olhares com a colega Bia, criando um efeito de apaziguamento ao ressaltar a masculinidade de Leonardo que, mesmo tendo experiências homossexuais, teria sua macheza assegurada, uma vez que de acordo com Braz, existe uma:

...hiper-valorização da masculinidade ou a criação discursiva do "macho" como objeto de desejo entre esses homens (e de um macho que não perde sua "macheza" ao ser penetrado) pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero e desejo que compõem a matriz heteronormativa culturalmente hegemônica... (BRAZ, 2007, p. 202).

Em outra perspectiva de análise, faz-se plausível a consideração de que a escolha temática da bissexualidade masculina também pode ter sido uma estratégia para não se pensar a bissexualidade feminina como uma espécie de mecanismo excitador para a heterossexualidade masculina, visto que a relação afetivo-sexual entre duas mulheres despertaria menos preconceito. Ou, antes, poderia no lugar de suscitar discussões referentes às práticas discriminatórias endereçadas à bissexualidade feminina, ser um reforçador de práticas misóginas e sexistas, que circunscrevem à mulher uma condição de mero objeto sexual.

Ainda que a temática do vídeo seja a bissexualidade, a possível afetividade, carinho, amor que Leonardo possa sentir por Rafael, parece ser ligeiramente desmantelada no imaginário do espectador ao assistir o vídeo, com esse jogo de intercalar a presença de Carla no início e ao final a presença de Bia. O que é insistentemente afirmado é a probabilidade expressiva de encontros com mais parceiros/as, e não a temática da bissexualidade, sendo que essa expressividade quantitativa pode ocorrer tanto com relacionamentos homossexuais como heterossexuais. O encontro com Rafael é um encontro esporádico e embora tenha existido uma atração física entre os dois é algo passageiro e sem maiores vínculos, até porque no dia seguinte Rafael está mudando de cidade e o protagonista já estará entregue à uma troca de olhares com Bia. Essa produção discursiva lembra as palavras de Foucault quando diz que: “Imaginar um ato sexual que não seja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar: aí está o problema” (FOUCAULT, 2011, p. 2), pois o vídeo acentua a presença de certa efemeridade dos relacionamentos homossexuais ou bissexuais, reforçando novamente a heteronormatividade.

Mesmo não sendo tão explícito no seu discurso, o vídeo abre possibilidades para uma leitura dessa exaltação ao ato sexual e do encontro imediato, fortuito e afugenta o discurso que aprofunda sobre a possibilidade de construção de vínculos em um relacionamento entre dois rapazes, com a presença do carinho, amor, afeto. Como se fosse permitido a Leonardo ter experiências bissexuais, desde que a experiência homossexual fosse restrita ao ato sexual, lembrando as palavras de Foucault:

É uma das concessões que se fazem aos outros de apenas apresentar a homossexualidade sob a forma de um prazer imediato, de dois jovens que se encontram na rua, se seduzam por um olhar, que põem a mão na bunda um do outro e fiquem devaneando por um quarto de hora. Esta é uma imagem comum da homossexualidade que perde toda a sua virtualidade inquietante

por duas razões: ela responde a um cânone tranquilizador da beleza e anula o que pode nesse encontro vir a inquietar no afeto, carinho, amizade, fidelidade, coleguismo, companheirismo... (FOUCAULT, 2011, p. 2).

A formatação desse material oportuniza muitas indagações a respeito do entendimento das pluralidades sexuais e, nesse caso particular, sobre a bissexualidade e como a trama discursiva se constrói, pois essa pode ser pensada em semelhança com a homossexualidade, de acordo com o pensamento de Louro, para quem “A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral.” (LOURO, 2001, p. 542). No entanto, mais que adentrar nessas possibilidades de discussão, o vídeo *Probabilidade* direciona a reflexão para argumentos apelativos do êxtase consumista e concorrencial, deixando de pensar que “... O combate à homofobia – uma meta ainda importante – precisaria avançar” (ibid., p. 550), mas não reforçando os essencialismos de uma cultura androcêntrica, destacando a macheza de Leonardo, tampouco resolvendo problemáticas imperativas enfrentadas por pessoas LGBTTT, como se essas fossem questões simples, reduzíveis a cálculos de ganhos percentuais.

Ao se propor uma situação problematizadora para se pensar a bissexualidade, um caminho possível é o da tentativa de desconstrução das naturalizações postas, numa busca que mostre a necessidade, de acordo com Louro, de “Tornar evidente a heteronormatividade, demonstrando o quanto é necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias a fim de garantir a identidade sexual legitimada” (LOURO, 2001, p. 550-551).

Uma busca que também tente polemizar juntos aos/as alunos/nas sobre essa insistente tentativa de estabelecimento de normas e não simplesmente “... pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos” (ibid., p. 552), numa aula de probabilidade, que faz do ser humano um ser das variáveis possíveis, em que o sentimento, o afeto, o corpo, o desejo se tornam objetos mensuráveis e negociáveis. Assuntos que envolvem o amor, amizade, sexualidade deveriam ser tratados não de maneira açucarada, mas quiçá com mais calor poético e estético, perdem espaço para uma espécie de *merchandising* da bissexualidade.

Talvez um entendimento que abraze janelas para perspectivas de uma produção da bissexualidade menos formatada nas regras da heteronormatividade naturalizante pudessem permitir a visualização de paisagens mais próximas daquilo que bem apresenta Louro:

As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la (LOURO, 2008a, p. 23).

1.3- TORPEDO

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2010, p. 20).

Judith Butler (2010) problematiza a categoria gênero, afirmando não ser mais possível pensar a noção de feminino e a mulher de forma estável, essencialista, naturalizante ou de forma identitária. Ao contrário, a idéia de uma identidade fixa esvazia a possibilidade de elaborações em termos relacionais. Partindo dessa compreensão entende-se que as práticas lesbofóbicas endereçadas às mulheres lésbicas devem ser compreendidas a partir dessa noção de gênero que não se desconecta de muitas outras categorias de análise, como sexo e sexualidade.

Ao se propor realizar reflexões sobre a homossexualidade feminina na contemporaneidade, como a produção da lesbianidade no vídeo *Torpedo*, faz-se antes necessário recorrer à relação entre gênero, sexo e sexualidade, pois as práticas homofóbicas endereçadas às mulheres homossexuais perpassam antes, ou também, pelas práticas sexistas que se pautam em discursos binários, como os pares: feminino/masculino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, passivo/ativo, os quais constantemente são utilizados como suporte no exercício de uma política de exclusão ou submissão das mulheres à cultura androcêntrica. Compreende-se o androcentrismo a partir da definição proposta por Monserrat Moreno:

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único

observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo (MORENO, 1999, p. 23).

A feminilidade parece ainda ser amplamente aclamada e reivindicada enquanto garantia da construção e vivência plena dos papéis atribuídos à mulher e sustentadora desse ideal androcêntrico. Mesmo diante de todas as conquistas adquiridas pelas mulheres, parece ainda persistir, hoje no século XXI, sistemas reivindicatórios opostos ao entendimento de que “... o gênero não está amarrado ao sexo, causal e inexpressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente proliferar-se além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo”. (BUTLER, 2010, p. 163). Um exemplo dessa associação causal da relação sexo/gênero são os muitos mecanismos extensivos criadores de estratégias que garantem uma perpetuação da condição masculina num lugar privilegiado, como a utilização dos modelos linguísticos que “são genericamente ambíguos para a mulher e claros e categóricos para o homem. Este só tem que aplicar a regra de ouro: sempre e em todos os casos usa-se o masculino” (MORENO, 1999, p. 43-44).

Partindo desses pressupostos procede-se à análise do terceiro vídeo tomado como *corpus* de estudo, nomeado pela produção do *kit anti-homofobia* de *Torpedo*. Nesse é apresentada uma breve história sobre o dilema enfrentado por duas adolescentes, que têm revelado o segredo da relação afetiva que estabelecem. Fotos das garotas foram divulgadas na Internet por colegas de escola, quando essas estavam em suposta intimidade ao participarem de uma festa. O tema da lesbianidade e preconceito enfrentado por lésbicas é o objetivo pretendido pelo vídeo.

Transcrever-se-á a partir do próximo parágrafo a narrativa do vídeo, buscando também discorrer a respeito de alguns recursos utilizados, em momentos que a narração cede lugar para exposição das imagens, como as fotos das garotas que foram espalhadas na Internet e a reação das/dos colegas ao verem as fotos e as garotas na escola. Todo o vídeo foi produzido a partir de uma sequência fotográfica. A imagem seguinte é uma das fotografias tiradas na festa: de blusa verde está Vanessa e, de branco, Ana Paula.



FONTE: VÍDEO *KIT – GAY...*, 2011, s. p.

Ana Paula (Aninha) Envia um torpedão para Vanessa (Vam)

Ana Paula: - Me ligue urgente! (torpedão)

Vanessa recebe o torpedão e retorna com uma ligação para Aninha

Vanessa: - Oi aninha! Onde você tá?

Ana Paula: - *Vam* aconteceu uma coisa horrível. Alguém tirou umas fotos da gente na festa e colocou na Internet.

Vanessa: - Não acredito!

Ana Paula: - E ainda por cima colaram uma foto na parede do corredor.

Tá todo mundo vendo. Tô morrendo de vergonha! Vim correndo para o banheiro.

Acontece uma pausa no diálogo para a exibição das fotos tiradas na festa, mostram-se também as/os colegas que estão visualizando, em um computador da escola, as fotos das protagonistas e proferindo comentários.

Vanessa: - Mas, quem fez isso?

Ana Paula: - Não importa.

Vanessa: - A gente tava tão feliz aquele dia, foi tão legal! Eu sei que eu gosto de você.

Ana Paula: - Eu também gosto muito de você.

Ana Paula: - O que a gente faz agora?

Vanessa: - Não sei.

Vanessa: - Vamos enfrentar essa barra juntas?

Ana Paula: - Vamos.

Há novamente uma interrupção no diálogo das garotas para exibição do percurso feito por Ana Paula ao deixar o local em que estava (o banheiro) e ir ao encontro de Vanessa que está no pátio da escola. Nesse momento também são apresentadas imagens das/dos colegas que acompanham o caminhar de Ana Paula até o encontro de Vanessa.

Ao encontrarem, se olham e se abraçam.

Vanessa: - Quer namorar comigo?

Aninha: - Acho que a gente já tá namorando! (VÍDEOS DO KIT, 2011c, s. p.).

Faz-se recorrente o fato de que ao se falar sobre a homossexualidade feminina a relação entre sexo e gênero seja evocada nas pronunciações discursivas, de forma que necessitam ser problematizadas. O entendimento das diferenças entre homens e mulheres encontra-se estreitamente e hegemonicamente relacionado às diferenças do sexo, que são utilizadas como definidoras da noção de gênero, ou mesmo as palavras “sexo e gênero” são utilizadas como sinônimos (STREY, 2003). A idéia de que ao se possuir um pênis é homem e consecutivamente pertence-se ao gênero masculino ou, tendo uma vulva é mulher e logo se pertence ao gênero feminino, são concepções radicadas nas atribuições das características físicas, naturais e imutáveis, pautadas em dualismos para definição dos gêneros, o que limita a compreensão de que as diferenças sexuais não são fixas e essencializadas, mas sim construídas por meio das relações de poder, de acordo com Anne Fausto-Sterling:

Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais claro fica que o “sexo” não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas idéias sobre o gênero (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 19).

Compreender o conceito de gênero requer o entendimento de que “sexo não é gênero. Ser uma fêmea não significa ser uma mulher. Ser macho não significa ser homem” (STREY, 2003, p. 182). De forma que essa noção deve ser contemplada antes enquanto construção social, cultural e política, em concordância com a análise de Marlene Strey:

O gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Cada cultura tem

imagens prevaletentes do que homens e mulheres devem ser. O que significa ser homem? O que significa ser mulher? Como as mulheres e os homens supostamente se relacionam uns com os outros? A construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas (STREY, 2003, p. 183).

As situações de preconceito enfrentadas por mulheres homossexuais devem ser pensadas à luz dessas considerações sobre gênero, considerando que o preconceito sofrido atinge duas extensões: a da lesbofobia e a do sexismo. Essas sofrem o repúdio daqueles/as que rejeitam qualquer forma de homossexualidade e daquelas/es que se inserem numa categoria que compreendem a mulher como subordinada ao homem. Para Gayle Rubin “... não somos oprimidas apenas como mulheres; somos oprimidas por termos que ser mulheres, ou homens, dependendo do caso” (1993, p. 22). Referindo-se ao projeto do movimento feminista, afirma que:

... o movimento feminista deve sonhar com algo mais do que a eliminação da opressão das mulheres. Ele deve sonhar com a eliminação das sexualidades obrigatórias e dos papéis sexuais obrigatórios. O sonho que acho mais fascinante é de uma sociedade andrógina e sem gênero (mas não sem sexo) em que a anatomia de cada um é irrelevante para o que cada um é, faz ou com quem cada um faz amor (RUBIN, 1993, p. 22).

No entanto, esse sonho se apresenta longínquo na contemporaneidade, pois os gêneros ainda definem papéis sociais emoldurados nas dicotomias que atribuem funções masculinas e femininas separadamente e categoricamente. Por mais avanços que as teorias e práticas sociais apresentem, ainda há muito que se desfazer e desconstruir nessa relação pontual entre gênero, papéis sociais e sexuais. Por exemplo, “... a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas, aquelas que marginalizam a mulher e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria...” (MORENO, 1999, p. 17). Essa realidade persiste intensamente e aqui é posta em destaque, uma vez que são ferramentas indispensáveis na contemplação da proposta de análise do vídeo *Torpedo*. Esses entendimentos precisam ser analisados ao se olhar para o relacionamento das garotas, pois antes de serem namoradas, são mulheres e estão inseridas numa cultura fortemente assinalada pelos valores patriarcais¹¹ ressaltados pelas práticas sexistas e androcêntricas. De acordo com Maria Cristina Cavaleiro:

¹¹ O patriarcado é uma forma de hierarquia, em que os homens detêm o poder e as mulheres são subordinadas (STREY, 2003, p. 185).

Diferentemente dos *gays* as lésbicas acumulam discriminações contra o gênero e contra a sexualidade. Assim, o que as caracteriza nas relações sociais fundadas sobre o gênero é o fato de serem invisíveis e silenciosas devido a sua feminilidade (CAVALEIRO, 2009, p. 178).

As discriminações sofridas por lesbofobia e sexismo se dão na não atribuição à singularidade da mulher a autenticidade do exercício pleno dessa condição, que perpassa pela possibilidade de vivência de um desejo sexual e afetivo distinto da norma heterossexista, ou seja: a mulher pode desejar afetiva e sexualmente outra mulher, sem obrigatoriamente deixar de ser mãe, feminina, sensível, emotiva. Ou, o contrário, não sendo mãe, nem feminina, nem excessivamente emotiva, ou sendo mãe e não tão feminina, como qualquer outra pessoa que pode possuir ou não determinada característica, dependendo de sua construção subjetiva adquirida numa dada cultura, uma vez que “A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (LOURO, 2008a, p. 18). No entanto, o que se percebe é um movimento ora explícito, ora ordenado por sutilezas que buscam constantemente afirmar e produzir jeitos de ser. A propósito, Adrienne Rich afirma que:

As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura (RICH, 2010, p. 19).

Partindo do entendimento de que “O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador” (LOURO, 2001, p. 544), é imprescindível o questionamento da escolha discursiva atribuída à lesbianidade no vídeo *Torpedo*. Sem dúvida elegeu-se uma imagem da mulher lésbica entre possíveis outras imagens, ou engendramentos.

No vídeo *Torpedo* as garotas são apresentadas de duas formas bastante distintas, o que pode ser percebido pela construção de dois espaços geográficos, a escola e a festa (embora não seja possível nas imagens reconhecer um ambiente de festa, o que é questionável, e será discutido mais adiante). A diferenciação estético-corporal construída diferentemente, na escola e na festa, não é espantosa, dado o fato de cada ambiente exigir vestuários e posturas próprias, estabelecidas convencionalmente na cultura. Mas como na ordem discursiva nada opera ao acaso, é preciso considerar que as diferenças em questão são em alguns momentos acentuadas, chegando a trazer dúvidas se as garotas vistas na escola são as da festa. Evidente que o intuito do vídeo as

apresenta como sendo, mas, ao se comparar minuciosamente as imagens, a surpresa e a dúvida persistem: são as mesmas garotas? E o que isso tem de relevante?

Talvez sejam as mesmas pessoas, mas o simples fato de aparecerem de forma tão marcadamente diferente precisa ser considerado e analisado. De acordo com Guacira Louro, ao se propor uma análise discursiva é preciso desconstruir e “Desconstruir um discurso implicaria em minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma. Desconstruir não significa destruir...” (LOURO, 2001, p. 548).

No procedimento de esmiuçar a sequência fotográfica que compõe o vídeo, vê-se que na escola as garotas são apresentadas como duas adolescentes com certo ar juvenil, intercalado por feições quase pueris. São morenas, Aninha tem leves traços de uma etnia asiática, cabelos encaracolados, presos num tipo de coque. Vanessa tem cabelos lisos, também presos em um rabo de cavalo, as roupas de ambas são discretas, estão de calça, uma blusinha e casaco. As cores são todas de tons neutros e as vestimentas são soltas, não marcam o corpo. Ambas não usam brincos ou qualquer outro acessório, apenas Vanessa usa uma pulseirinha preta que aparenta ser de tecido, não estão utilizando batom. São apresentadas como garotas não vaidosas, não estão utilizando maquiagem, jóias, nem roupas sensuais. Corroborando as imposições vistas no cotidiano escolar, pois normalmente as escolas não tendem mesmo a valorizar esse vestuário, muito embora existam contestações e fugas diante dessas normas. É possível perceber que outras garotas visualizadas nas imagens estão mais produzidas no sentido do realce estético da feminilidade do que as garotas lésbicas. Por exemplo, quase todas as demais garotas mostradas nas imagens no espaço escolar estão utilizando brincos ou algum acessório. Parece haver um jogo, “um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008a, p. 18) que as produzem, ora pouco femininas (na escola) - por mais difícil que seja precisar o que é ser feminina ou masculina, nesse momento, faz-se referência aos padrões hegemônicos, por compreender que esses aparecem na construção do vídeo - ora mais femininas (na festa), momento em que trajam vestuários que exaltam certa sensualidade, como a blusa verde, decotada nos ombros, de tecido valorizador do contorno dos seios, usada por Vanessa. Ana Paula, por sua vez, veste uma blusa branca, levemente transparente, também realçando seios e ombros. Vanessa utiliza uma calça jeans e Ana Paula parece estar usando uma saia cor cáqui e não é possível visualizar bem esse detalhe, pois a maioria das fotos tiradas na festa é de meio corpo. Os cabelos de ambas estão soltos e brilhantes, e utilizam uma maquiagem que

acentua os traços e ressaltam a beleza. Não é possível ver o uso de brincos, nem demais acessórios, apenas Vanessa continua usando a mesma pulseirinha preta de tecido que usa na escola. As garotas são mulheres sensuais na festa, são apresentadas como sendo bem mais adultas, ao ponto de não parecerem ser as mesmas garotas vistas no cenário escolar. No entanto, também na festa percebe-se a existência do mecanismo da dessexualização, pois as imagens não ultrapassam a exibição de cenas que poderiam, ou antes, são rotineiramente situações vivenciadas entre amigas, o que é passível de ser percebido ao se proceder à análise cuidadosa da sequência das fotografias apresentadas na festa.

Um mecanismo facilitador é observar as imagens sem o recurso sonoro, ou seja, sem ter acesso ao texto e enredo do vídeo. Como seria para a/o espectadora/o assistir ao vídeo sem ter acesso a nenhum som, somente às fotografias?

No intuito de buscar cada detalhe e o que cada imagem diz ao/a espectador/a, realizou-se esse exercício de análise com cada imagem em que Vanessa e Aninha são fotografadas na festa, ocultando, de tal modo, o recurso sonoro do vídeo.

Na primeira foto Vanessa está diante de Aninha, estão próximas, Vanessa está com o braço estendido para o lado e não em direção a suposta namorada. Na segunda fotografia estão mais diretamente frente a frente, cada uma apóia uma das mãos no próprio corpo (utilizando um recurso de espelhamento) e se olham, indicando que estão conversando. Na terceira fotografia Vanessa está com a mão direita na cintura de Aninha, a imagem não é precisa em se perceber se de fato há o toque da mão na cintura, e Aninha segura o braço que supostamente está em sua cintura, sugerindo inclusive uma demarcação de limites do corpo, como se sua mão estivesse indicando certa restrição ao suposto toque íntimo de Vanessa. Na quarta imagem Vanessa está de frente com a cabeça inclinada para o lado, olhando Aninha que está com o corpo bem próximo, trocam olhares e as mãos estão levemente encostadas, e não de mãos dadas. A quinta imagem é um abraço em que é mostrado apenas o rosto de Aninha, de olhos fechados, o que constrói um possível entendimento de que está apreciando o contato, mas também pode ser compreendido como um mero abraço de despedida entre amigas íntimas, que se gostam ou que estejam confortando uma à outra num momento difícil. Por exemplo, poderia ser um abraço caloroso em que Aninha se sente reconfortada, amparada, acolhida, diante do apoio recebido frente a uma situação problemática, que a faz fechar os olhos, como um descanso ao receber o acolhimento da amiga. A sexta fotografia aparece na imagem da tela de um computador (mostrada quando os colegas estão

visualizando as fotos na escola) e Aninha está com o braço estendido nos ombros de Vanessa. Estão bem próximas, numa troca de olhares: essa imagem talvez se aproxime mais de uma referência do possível romance entre elas, mas é também uma cena assistida entre amigas, poderia ser perfeitamente uma situação supostamente assim: uma diria para outra: - Vem aqui, deixa eu te dizer uma coisa muito importante. Você é minha melhor amiga! A sétima fotografia é uma sequência da anterior em que o foco não são as garotas, e sim as pessoas que olham as fotos – o que será discutido posteriormente. A oitava e nona continuam na sequência das duas anteriores, mudando apenas a inclinação da cabeça e proximidade de olhares. Na décima foto elas estão indo embora da festa, lado a lado, conversando, novamente numa imagem espelhada, ambas com suas blusas decotadas nos ombros, de tecido semelhante, com bolsas nos ombros, com as alças mostradas quase proporcionalmente. Os casacos estão carregados na mesma posição e no mesmo lugar dos braços. Na décima primeira imagem, sequência da anterior, Vanessa se aproxima mais de Aninha como se estivesse cochichando algo, cena comum entre amigas adolescentes. A décima segunda reforça a anterior, mas destacando que Aninha, ao escutar, ri muito e se diverte com o que é dito. Na décima terceira fotografia elas estão de frente para uma possível câmera, lado a lado como se estivessem consentidamente pousando para uma fotografia. (E quem seria o/a fotógrafo/a, já que as imagens não mostram, na festa, ninguém além das duas?) A décima quarta é uma foto que novamente apresenta as garotas no interior da festa, e estão conversando, Vanessa está sorridente e olhando para Aninha, que está séria e com ar distante, não correspondendo ao olhar de Vanessa, parecendo estar desatenta. Na décima quinta elas estão se olhando, dessa vez as duas sorridentes, e novamente o recurso de espelhamento é percebido por meio do decote das blusas que se apresentam geometricamente similares. Na próxima fotografia, a décima sexta, Aninha está com uma das mãos estendida no rosto da amiga, o que não configura necessariamente uma carícia, pode ser um gesto facilmente compreendido como: – Ah!, me deixa tirar essa manchinha da sua maquiagem. Na décima sétima imagem, Aninha volta à mão que estava na face da amiga, deslizando rapidamente os dedos por uma mecha de cabelo e Vanessa diz alguma coisa, que poderia supostamente ser: - E aí, ficou melhor, saiu a mancha? Na décima oitava imagem, Aninha segura com suas duas mãos à mão de Vanessa, entrelaçando uma delas, cena também comum entre amigas íntimas e jovens. Na décima nona e última foto da sequência festa, as mãos das garotas se soltam, estão apenas próximas e as cabeças também estão aproximadas e sorriem como se tivessem

novamente compartilhando novidades, possivelmente segredinhos de amigas adolescentes.

Ao observar cuidadosamente essa sequência de fotos, os vários detalhes e informações chamam a atenção. O principal deles refere-se ao intuito de construção de um discurso que afirma serem essas fotos o motivo denunciador da relação afetiva entre as garotas, o que é quase forçado, pois na maioria das imagens o que se visualiza pode ser considerado unicamente uma relação entre amigas, uma vez que na cultura ocidental existe uma flexibilidade em relação ao contato íntimo entre mulheres, principalmente porque, em concordância com Louro,

Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação (LOURO, 2010, p. 27).

Outro aspecto desperta ponderações. O fato de as fotos terem sido tiradas numa festa e ninguém aparecer próximo a elas, o ambiente, o fundo das fotografias, nada em nenhum momento informa ser uma festa, o que reforça à idéia das garotas estarem sozinhas, num lugar reservado e, sendo assim, as fotografias deveriam ter flagrado um momento de maior intimidade entre as possíveis namoradas, ou antes, se isso não foi feito, talvez seja porque o que se pretendeu foi o construir do discurso de uma relação lésbica romanceada e também dessexualizada, suavizada e então pertinente para um material didático escolar.

Estratégia reforçadora de um discurso em que “a ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos...” (RICH, 2010, p. 31), é impregnada insistentemente. Nesse caso, projetando-se para a possível relação homossexual feminina, deixando-se transparecer uma aura de prevalência do clima romântico, do amor em demérito do sexual ou da sexualidade, discurso oposto ao produzido no vídeo *Probabilidade*, que compõe a bissexualidade de Leonardo. Permite mais uma vez presenciar a frequência das atribuições discursivas sexistas e androcêntricas, ainda quando se pretende posicioná-las contrariamente.

Ou ainda, outro possível discurso pode ser considerado por meio desse apagamento das/dos demais participantes da festa, deixando subentender que o estar ou

ser homossexual é o lugar da execração, devendo permanecer em separado dos demais membros *normais* da sociedade. Para isso, essas pessoas homossexuais devem sempre buscar subterfúgios para viverem sua relação amorosa: as garotas lésbicas, ao estarem numa festa sozinhas, isoladas estariam exatamente no lugar determinado a elas, um gueto.

As garotas fabricadas, por meio da sequência de imagens escolhidas para comporem uma relação lésbica não são produzidas como garotas masculinizadas – o que será analisado mais adiante. Já na escola são apresentadas distantes do universo reconhecido como densamente feminino.

Como já foi feita menção anteriormente, é possível considerar a utilização da criação de uma imagem espelhada das garotas tanto na festa como na escola. As semelhanças entre as garotas na escola são tão intensas que numa primeira visualização do vídeo é difícil conseguir diferenciá-las. O formato que compõe o vestuário é o mesmo, as duas estão de tênis, calça, casaco e sob este vestem uma blusinha. Ambas estão de cabelos presos e sem maquiagem e brincos. As fotografias apresentadas e a sequência utilizada, intercalando ora o rosto de uma, ora de outra, dificulta a identificação de quem é quem. Ou seja, um recurso que cria para a percepção da/o espectadora/o uma ilusão que se trata de uma única pessoa, ou dispersa a atenção para a tentativa de assimilação das personagens e não para a temática da lesbianidade, o objetivo do vídeo.

Parece retomar com essa estratégia de espelhamento a construção de um discurso psicologizante que vincula a homossexualidade ao narcisismo¹², pois o discurso psicanalítico freudiano em muitas de suas atribuições à homossexualidade afirma ser essa uma espécie de identificação narcísica, pois para Sigmund Freud:

A escolha objetal homossexual situa-se originalmente mais próxima do narcisismo, do que ocorre com a escolha heterossexual. Quando se trata, pois, de repelir um impulso homossexual indesejavelmente forte, torna-se sobremodo fácil o caminho de regresso ao narcisismo (FREUD, 1996b, p. 426-427).

Essas, que podem ser minúcias, revelam um discurso pautado na exaltação da heterossexualidade situada no âmbito da normalidade, e criador da homossexualidade

¹² O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades (FREUD, 1996a, p. 81).

na condição de doentia, perversa, demoníaca. Portanto, merecedora de ser diagnosticada, analisada, curada, restabelecida ao lugar comum e natural da heterossexualidade. Para alcançar tal objetivo cria-se constantemente, de acordo com Louro, “... estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade ‘normal’ e de todas as formas culturais a ela associada” (LOURO, 2008b, p. 51).

Percebe-se, pensando nas diferenças das construções na escola e na festa, um apontamento da escola enquanto instituição que continua a exercer um papel de controle de qualquer expressão de sexualidade, afirmando constantemente que a “... sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta”, (LOURO, 2010, p. 26) ou para outros espaços em que não se precise interferir. Em se tratando de uma relação homossexual, “As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação” (ibid., p. 27), o que talvez explique a utilização de garotas neutras, nem masculinizadas, nem tão femininas, quase dessexualizadas (na escola), pois a preocupação em construir um apagamento da sexualidade se torna reivindicatório. Parece existir uma intenção de apresentar a mulher lésbica da forma mais neutra possível, não masculinizada, não feminina e sensual. Existe especificamente na escola um apagamento em termos de imagens, uma inexpressividade das duas garotas, como se fossem construídas a partir de certo silenciamento, como aponta Louro:

As memórias e as práticas atuais podem nos contar da produção dos corpos e da construção de uma linguagem da sexualidade; elas nos apontam as estratégias e as táticas constituidoras das identidades sexuais e de gênero. Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras (LOURO, 2010, p. 30-31).

Existe um sutil jogo de fabricação, construção, silenciamento e ocultamento presente no vídeo *Torpedo*. Constroem-se imagens recatadas para as garotas lésbicas na escola, e com isso um apagamento da sensualidade que possuem, que é mostrada na festa, mas, por outro lado, existe um forte silenciamento das outras inúmeras performances possíveis da lesbianidade, por exemplo, aquelas que se distanciam da feição feminina e se aproximam mais da masculina.

Por que não explorar também no vídeo a discussão da feição masculinizada das lésbicas? Essas, por se distanciarem dos padrões sexistas demarcadores dos limites entre feminino e masculino, são as que mais sofrem diretamente ataques homofóbicos, considerando que elas expõem sua homossexualidade de maneira mais explícita, seja em ambientes sociais ou familiares.

Uma ponderação talvez seja a tentativa da produção do vídeo de se afastar de uma discussão aprisionada ao modelo dualista de gênero, que impõe a heterossexualidade como referência absoluta para se pensar a relação entre duas mulheres. Nessa visão, obrigatoriamente uma delas deva ser masculinizada e se apresentar fisicamente dessa forma, e a outra deva ser feminina, usar roupas e demais acessórios exclusivos de mulheres.

As garotas são apresentadas no vídeo (na escola) de forma muito semelhante, na maneira como compõem o vestir, os cabelos, a ausência de maquiagem, sendo mesmo difícil diferenciá-las de imediato, fazendo também pressupor que tal estratégia possa ser parte de uma tentativa de descontração desses discursos entendedores de que no relacionamento entre mulheres uma deve exercer o papel masculino, deve ser o *homem* da relação e, outra, a mulher. Tais concepções estão frequentemente presentes no ambiente escolar, como afirma Cavaleiro:

Para não “trair” o pressuposto universal da heterossexualidade, uma das garotas deve (ou pretende) necessariamente escolher para si o sexo oposto para poder namorar outra garota. Ao dizerem “uma mais feminina”, e a “outra masculina” traduzem que jeitos de ser, perceber e sentir, são policiados na escola, revestidos da insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas (CAVALEIRO, 2009, p. 130).

Mas ocultando a presença da lésbica mais masculinizada, com isso também não se retorna ao mesmo ideário heterossexista compulsório que sequer aceita uma mulher exercendo um papel tido e reconhecido como naturalmente atribuído ao homem? Pois é preciso não esquecer a constante fabricação que é “A via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2010, p. 21).

Também é pertinente considerar esse outro lado da problemática, pois ao ocultar a discussão das lésbicas que se apresentam de maneira mais próxima do universo reconhecido como predominantemente masculino, num vídeo que pretende combater a

homofobia sofrida por mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, deixa-se de enfrentar um forte aspecto da lesbofobia.

Algumas lésbicas se vestem com roupas largas, como: bermudões, calças e camisetas de tons mais fechados, neutros, sem o uso de adereços, como colares de pedras ou brincos grandes e brilhantes, esmaltes, maquiagem, ou mesmo batom, sandálias, saltos altos, priorizam calçados fechados, como tênis ou sapatos mais sisudos. Vestuário que a partir dos códigos binaristas de gênero é associado como pertencentes ao universo masculino e, ao ser ultrapassado, impõe à pessoa ultrajante apontamentos e políticas de cerceamento, que envolvem estratégias de ridicularização impostas a essas mulheres, numa espécie de punição diante da subversiva quebra das barreiras, pois como afirmam Fernando Teixeira Filho e Livia Gonsalves Toledo:

São as *lesbian chic* que têm permissão de aparecer na mídia, enquanto as masculinas – as "feias" para o sistema heteronormativo, as mulheres cuja estética e conduta reproduz aquelas estabelecidas socialmente para o gênero oposto – permanecem invisibilizadas por não estarem de acordo com os modelos exigidos pelo público observador – os homens (TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2010, p. 732-733).

Essas mulheres lésbicas são submetidas a diversos tipos de violência, como estarem expostas a constantes xingamentos, piadinhas, ou mesmo violência física. Os rótulos transitam habitualmente e quase naturalmente entre diversos espaços sociais, como o escolar, sendo ali realizadas fortes práticas homofóbicas. Por exemplo, são apontadas e chamadas por nomes como: caminhoneiras, mulher-macho, sapatão, roçadeira, sapata, sapatona. Esse ataque homofóbico se torna ainda mais violento, pois de acordo com Madlener e Dinis “aquele(a) homossexual que está mais perto da norma é menos discriminado(a) do que aquele(a) que ‘desvia’ dela de forma mais radical” (MADLENER, DINIS, 2009, p. 54).

Esse endereçamento lesbofóbico, sofrido por mulheres que repudiam e contestam as divisões binárias de gênero é inadmissível, pois essas constroem social e culturalmente sua subjetividade a partir de referenciais de poder que lhes são impostos. Como deles não escapam homens, crianças, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, travestis para arquitetarem suas subjetividades, pois “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008a, p. 18).

As demais personagens que aparecem na sequência fotográfica do filme são mostradas em dois momentos: quando olham as fotos das garotas (tiradas na festa) e

quando observam o trajeto feito por Ana Paula ao sair do banheiro e ir ao encontro de Vanessa, momento que acontece o abraço entre elas, desfecho final do vídeo.

De forma geral, a maioria das fotos dos/das colegas mostradas apresenta expressões faciais denunciadoras do preconceito contra o namoro das colegas, reveladoras da prática lesbofóbica. A relação de Vanessa e Ana Paula parece desestabilizar as convicções e certezas dos/das colegas, pois ao divulgarem as fotos na Internet tudo indica que o pretendido era a imposição de ameaças e ridicularização que fizessem as garotas recuarem ainda mais para o profundo do armário, negando convictamente a relação. No entanto, elas assumem o namoro deixando todos e todas perplexos na escola. De acordo com Louro “Se a instabilidade é perturbadora, mais ainda nos parecerá a existência daqueles sujeitos que ousam assumi-la abertamente, ao escolherem a mobilidade e a posição de trânsito com o seu ‘lugar’” (LOURO, 2008b, p. 49). Olhares e gestos se alternam em demonstrações de: reprovação, espanto, desalento, desprezo, ironia, escárnio, surpresa, inconformismo, incompreensão, dúvidas, curiosidade, ou mesmo malícia. As/os colegas parecem exercer por meio de suas feições o papel de inquisidores/as, pois de acordo com Louro “A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos” (LOURO, 2008a, p. 22), demonstram se sentirem incumbidos/as ou autorizados/as a recriminarem, julgarem as garotas, alegando que elas subverteram as normas e devem pagar o preço desse atentado, ainda que seja por meio de sua exposição.

O castigo imposto é a transposição a outro tipo de gueto, se antes era o isolamento na festa, por meio do armário, agora é o isolamento por meio do repúdio frente à certeza da homossexualidade.

Essa é outra questão central que perpassa visivelmente no vídeo *Torpedo*, a clandestinidade das homossexualidades e o dilema enfrentado diante da decisão em assumir ou esconder um relacionamento. No caso das garotas elas têm essa decisão postergada pelos colegas de escola que divulgam as fotos do provável romance na Internet, impossibilitando a escolha de continuarem ocultando a relação.

Mesmo o fato das fotos não mostrarem nada que possa dizer que Vanessa e Ana Paula são namoradas, esse é o discurso que o vídeo quer sustentar. E, sendo assim, elas são violentamente arrancadas do armário.

Ao final do vídeo, isso é destacado quando Vanessa pergunta para Ana Paula: “Quer namorar comigo?” (VÍDEOS DO KIT..., 2010c, s. p.) e Ana Paula responde: “Acho que já estamos namorando!” (idem), pois o detalhe da expressão facial de Ana Paula ao responder o pedido de namoro, expõe um ar de rendição, como se quisesse pronunciar: - Depois de tudo isso, o que mais podemos fazer, acho que já estamos namorando, diante de toda essa exposição!

Com isso há também uma mensagem subentendida, dizendo que se pudesse manteria o segredo do romance, continuaria no armário, para livrar-se dos preconceitos e discriminações, o que é facilmente compreendido, já que “... não é possível cair na simples culpabilização de quem vive no armário, pois o temor da rejeição e da violência tem fontes reais” (MISKOLCI, 2007a, p. 59).

Retomando outros detalhes das imagens, é notório que especificamente algumas expressões parecem informar dizeres pontuais, por exemplo, ao visualizar cuidadosamente duas feições de garotos que são mostrados quando Ana Paula e Vanessa se abraçam. Nesse exato momento é mostrada a expressão maliciosa de um garoto branco de olhos claros, cabelos escuros e lisos: ele exibe um meio sorriso e olhar vidrado nas garotas. O outro rapaz mostrado nas mesmas cenas do abraço é um garoto negro que está usando um boné virado para trás, que esboça um sorriso largo e ao mesmo tempo um olhar malicioso.

Esses recursos utilizados, das faces sorridentes e olhares entusiasmados, não estão postos nas imagens ao acaso, antes parecem pretender trazer em pauta outra discussão referente à realidade frequentemente vista nas práticas de discriminações enfrentadas por mulheres lésbicas. Nesse exemplo os olhares maliciosos dos garotos extasiados com a cena do abraço entre duas mulheres retratam um padrão conhecido na cultura androcêntrica e machista, que só admite o contato íntimo e sexual entre duas mulheres quando essas são tomadas como objetos da satisfação sexual masculina. O que é abundantemente visto em filmes pornográficos, os quais frequentemente exibem atos de cenas sexuais entre mulheres e um homem assistindo, ou ainda relações sexuais entre um homem e duas mulheres, que trocam carícias entre si. Esse tipo de aceitação, ou melhor, de consentimento da relação lésbica, ocorre de maneira transitória e pontual, somente quando essas são objetificadas e disponibilizadas para o contentamento libidinal masculino. Segundo Rich:

A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A

mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado (RICH, 2010, p. 26).

Outro discurso que possivelmente pode emergir ao se analisar a imagem sorridente do garoto negro diante do abraço das garotas lésbicas é a presença da prática discriminatória exercida por um rapaz pertencente a um grupo étnico-racial que historicamente também foi excluído, e que mesmo assim participa como agente ativo de outras exclusões.

A única pessoa adulta exibida na subsequência das imagens é uma auxiliar de limpeza da escola, que está realizando faxina em uma sala de aula e também dirige olhares fortemente reprovadores para o relacionamento das garotas, o que pode ser uma estratégia discursiva - ainda que tímida - utilizada para ressaltar o preconceito na escola exercido e evidenciado por todos os sujeitos envolvidos nessa instituição, devendo ser combatido de forma a envolver aqueles/as que estão presentes direta e indiretamente nessa instituição: alunas/os, professoras/res, técnicos/as administrativos/as, auxiliares de limpeza, mães/pais ou responsáveis, familiares, comunidade do entorno escolar, ou todos e todas envolvidos/as em quaisquer funções na escola. Para Jimena Furlani o momento histórico atual é favorável para que uma Educação Sexual abrangente se realize na escola:

Certamente, a discussão da sexualidade na Escola fascina muitos e apavora outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos. Mas vale registrar que o momento histórico em que vivemos se mostra mais favorável a essa discussão: a política educacional oficial estimula e recomenda; a demanda infanto juvenil “obriga”; pais e mães dividem-se entre a objeção, a indiferença e a manifestação favorável; professoras e professores definem-na como projeto político pessoal e imergem na Educação Sexual. A sexualidade viva, no contexto cultural, é cada vez mais assunto obrigatório na Escola, em todos os seus níveis. Quer queiramos ou não, tudo indica que “o bicho vai pegar” (FURLANI, 2007, p. 283).

Certamente o vídeo *Torpedo* dispõe de estratégias discursivas possibilitadoras do início de explorações sobre a homossexualidade feminina, ainda que silencie outras diferentes performances lésbicas, pois os discursos traduzem-se fundamentalmente em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são muitas vezes assumidas pelos próprios sujeitos. Sendo esses silenciamentos, ocultamentos ou essencialismos que

necessitam ser desmantelados para possibilitar a desconstrução de olhares aprisionados nas dicotomias de gênero, sexo e sexualidade, pois de acordo com Dinis:

Questionar a sexualidade, seja ela hetero ou homossexual é entendê-la como uma construção em constante negociação com o outro e com o social e esse pode ser um passo fundamental para problematizar e pluralizar a sexualidade, compreendendo o processo que leva à formação das diversas identidades e desconstruir os pressupostos da heteronormatividade (DINIS, 2011, p. 48).

As/os professoras/es devem antes utilizar quaisquer materiais educativos destinados ao combate à homofobia, com a visão de que esses também são elaborações discursivas, as quais necessitam serem desfeitas por servirem como ferramentas na construção de olhares perpetuadores da cultura androcêntrica, sexista, misógina. Em concordância com as palavras de Louro:

... para educadoras e educadores importa saber como se produzem o discurso que instituem diferenças, quais os efeitos que o discurso exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instituições pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui (LOURO, 2008b, p. 47).

Após proceder à análise dos audiovisuais *Encontrando Bianca*, *Probabilidade e Torpedo*, que compõem parte do material educativo do projeto *Escola sem homofobia*, lançar-se-á no capítulo seguinte ao encontro da trajetória discursiva constituída em função do acontecimento *kit anti-homofobia*. Pretende-se analisar alguns dos muitos discursos emitidos diante da repercussão da possibilidade de aprovação desse material educativo e discutir como essa trajetória é construída, mantida ou modificada, e como ela resgata e produz verdades e saberes sobre a diversidade sexual no Brasil.

CAPÍTULO 2 – O KIT ANTI-HOMOFOBIA E O ZIGUEZAGUEAR DISCURSIVO SOBRE AS DIVERSIDADES SEXUAIS

Não obstante, a idéia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada. Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a idéia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais. Somos é verdade, mais tolerantes em relação às práticas que transgridem as leis. Mas continuamos a pensar que algumas dentre elas insultam “a verdade”: um homem “passivo”, uma mulher “viril”, pessoas do mesmo sexo se ama... (FOUCAULT, 1982, p. 3-4).

As palavras de Foucault sobre “ter um verdadeiro sexo” estão fortemente vívidas na contemporaneidade, ainda protagonista de palcos de escândalos, surpresas, choques e repúdios diante das diferenças sexuais. O encontro com pessoas que não amam afetiva e sexualmente o sexo oposto de forma exclusiva afronta o diagnóstico do sexo verdadeiro, o qual insiste em ser executado, mesmo que nos disfarces e sutilezas. Como o filósofo afirma, o homem passivo ou a mulher viril, ou ainda, aqueles/as que rompem com as normas e modelos constituídos são insultos à verdade, à normalidade, à cultura heterossexista.

Em um desses muitos palcos, mais uma peça estreou ainda sem data para o fim do espetáculo. Seu nome: *O kit anti-homofobia*. Era apenas para ser mais um material educativo como tantos elaborados pelo MEC e distribuídos para as escolas, sem maiores interessados/das para além daqueles/las que lidam diretamente com a educação, não fosse o conteúdo escandaloso e chocante, o conteúdo que versa sobre sexualidade, sexo, intimidade, corpo. Motivo suficiente para atiçar os ânimos de quem se produziu e foi produzido para lidar com ressalvas em relação à própria sexualidade. Mas o alvoroço se fez ainda mais estrondoso, pois para além de sexualidade o conteúdo trata de sexualidades distintas da heterossexual, o conteúdo fala de *gays*, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais e do fato que essas pessoas são sexuadas e sentem amor e desejo, não necessariamente por companheiros/as do sexo oposto, mas também do mesmo sexo, ou os dois. Essas pessoas, para além de seus desejos, agridem os olhares governados pelas naturalizações de gênero, que compreendem o homem e a mulher a partir dos referenciais macho e fêmea. Quando esses/as flanam pelos espaços sociais subvertendo limites e barreiras que determinam o que é ser homem e mulher e como se deve atuar a partir dessas imposições, causam perplexidade e revoltas.

A propagação de discursos referentes ao material educativo *kit anti-homofobia* se situa nessa ordem dos confrontos sobre as sexualidades e diversidades sexuais. Muitas pessoas foram até veículos midiáticos ou mesmo em instituições que exercem algum vínculo profissional para poderem expressar seu entendimento sobre o então configurado escândalo, ou seja, a polêmica ocasionada por um material educativo que pretende ou pretendia discutir assuntos que confrontam a “verdade sobre o sexo” Foucault (1982).

Com o objetivo de percorrer os variados enunciados emitidos sobre esse acontecimento, elegeu-se um *corpus* pelo qual se pudesse caminhar e realizar certo esmiuçar desses dizeres, mas sempre na busca de percebê-los em sua transitoriedade e inacabamento. Antes de adentrar no esclarecimento da delimitação do *corpus* de estudo, percorrer-se-á alguns dos principais conceitos da análise do discurso, indispensáveis e caros para quem se propõe à árdua tarefa de empreender uma análise dos enunciados discursivos.

Compreende-se que cada enunciado que se difundira nas distintas mídias brasileiras sobre o *kit*, insere-se numa trama de disputas e de poder, pois para Foucault “... o enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2009, p. 119).

Eles, os enunciados, só existem, em primeiro lugar, por terem sido emitidos por determinados sujeitos, pois, “Para que uma série de signos exista, é preciso – segundo o sistema de causalidades - um ‘autor’ ou uma instância produtora” (ibid., p. 104). No caso em apreço as/os muitas/os pronunciadoras/es interessadas/os na discussão realizada sobre a possível aprovação do *kit*, mas “Não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um sujeito, para que haja enunciado -, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo com todo um campo adjacente” (ibid., p.110). Entendem-se como enunciados referentes à possibilidade de aprovação do material educativo aqueles que circulam numa ordem dos ditos e não ditos sobre a diversidade sexual, pois nas palavras de Foucault “...o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele [...] é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2009, p.90). E é pela busca, num olhar de captura do conteúdo desse átomo, que possivelmente pode-se chegar às noções que estão por vezes escancaradas,

mas, por outras, revestidas com a poeira que é própria das tramas discursivas que embaçam a visibilidade, mas não a impossibilitam.

Os dizeres dos sujeitos dos enunciados referentes aos acontecimentos, ou seja, o causados pelo *kit*, só são possíveis porque existe o “lugar”, a condição, o “campo de emergência”, que confere “à proposição seu valor de verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 90), pois “... um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (ibid., p. 110). Quando se enuncia algo sobre diversidade sexual, outros enunciados prontamente aparecem, como: família, normalidade, legalidade, moralidade, religiosidade, política, só para citar alguns exemplos.

São os muitos enunciados proferidos a respeito do *kit anti-homofobia* que permitem se chegar à determinada aliança discursiva sobre a diversidade sexual na contemporaneidade, e especificamente a realidade dessa no Brasil. Partindo da concepção de enunciado é possível uma primeira aproximação das várias definições de discurso cunhadas por Michel Foucault, mote norteador da análise aqui empreendida em relação à imensa gama de enunciados produzidos em função do acontecimento.

Uma tentativa de compreensão e definição sobre o que é o discurso, partindo-se da perspectiva foucaultiana se afasta das conceituações pontuais e fechadas, e se volta para as condições de possibilidade do surgimento de determinados discursos. Esses se constituem por mobilidade e não por causalidade, não se referem a um conjunto de signos e significantes, são antes alinhavados por uma complexidade marcada pelas relações históricas e práticas que estão vivas no próprio discurso. Para Foucault “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 2010b, p. 10), ou ainda:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto de tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2009, p. 132-133).

A partir desse entendimento de discurso, que não é dado de uma vez por todas, pronto e acabado, mas pertencente a uma descontinuidade na própria história, compreende-se que as pronunciações discursivas sobre o *kit anti-homofobia* são pertencentes a discursos variados: o discurso religioso, o discurso psicológico, o discurso político, o discurso educacional, o discurso leigo, o discurso jurídico, o discurso biológico, e que esses se inserem em determinadas alianças discursivas, como: a religiosa, psicológica, política, pedagógica, biológica, leiga, jurídica. Nesse ínterim, é indispensável interrogar por aquilo que o *kit* está em busca de diferir, ou ainda, o que esse dispositivo arquiteta por meios de suas várias linhas, ou evidencia, ao mesmo tempo em que também impede a erupção de determinados discursos.

Nessas alianças discursivas os sujeitos reconhecem seus enunciados, se compreendem, sabem do que se fala, “o que pode e o que deve ser dito, dentro de um determinado campo e de acordo com uma certa posição que se ocupa nesse campo. Ela funcionaria como uma ‘matriz de sentido’, e os falantes nela se reconheceriam...” (FISCHER, 1996, p. 106).

Em outras palavras, um determinado discurso sobre a diversidade sexual é compreendido a partir da observação do pertencimento a uma aliança discursiva na qual este se apóia.

Esses conceitos delineados por Foucault em *A arqueologia do saber* (2009), também o permitiram pensar sobre a prática discursiva. No entendimento do filósofo “Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual o sujeito formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a competência de um sujeito falante...” (FOUCAULT, 2009, p. 133), mas, antes, se deve compreender que exercer uma prática discursiva é estar vinculado a uma ordem de saber e poder, pois “... formalmente o poder, do outro lado, a outra extremidade, o outro limite, seriam os efeitos de verdade que esse poder produz, que esse poder conduz e que, por sua vez, reconduzem esse poder” (FOUCAULT, 2002, p. 28).

Essa compreensão sobre a prática discursiva permite o desfazer de noções essencialistas e referendadas na constituição moral do sujeito, pois o exercer dessa prática não é pertencente a um sujeito que a realiza e a põe em funcionamento, mas a torna possível pelo vínculo, de acordo com Foucault, a:

... um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma

determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Assim, os dizeres sobre a possibilidade de aprovação do *kit anti-homofobia* estão inseridos numa determinada ordem e “dispositivo de poder” (FOUCAULT, 2010a), pois, de acordo com Fischer:

As ‘coisas ditas’, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Daí que o conceito de prática discursiva, para Foucault, não se confunde com a mera expressão de idéias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso... (FISCHER, 1996, p. 106-107).

Faz-se também preciso discorrer sobre a noção de heterogeneidade discursiva, conceito essencial na obra de Michel Foucault para quem pretende trabalhar com a análise do discurso, sendo que para Fischer:

... pluralidade, heterogeneidade discursiva, interdiscurso são algumas palavras ou expressões que se referem à dispersão dos enunciados, e, portanto, dos discursos; referem-se à idéia de que eles são, antes de mais nada, acontecimentos” (FISCHER, 2001, p. 206).

Por aporte a essa compreensão conceitual, compreende-se a viabilidade e necessidade da realização de um mapeamento e descrição dos interdiscursos expressos sobre a temática tratada, com objetivo de efetivar uma discussão a respeito da produtividade dos mesmos.

Essas primeiras considerações apontam para a realização de um trabalho que não parta dos apontamentos dos sujeitos e de suas intenções, sejam os sujeitos que se pronunciaram em relação o *kit*, sejam os sujeitos direta ou indiretamente envolvidos com a produção e elaboração do material educativo. O interesse é, antes, o discurso e seu funcionamento a partir do referencial teórico aqui delineado, pois “não é preciso conhecer o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente” (FOUCAULT, 2009, p. 107). Assim, o objetivo em curso é caminhar pelo próprio emaranhado dos discursos, buscando perceber o que esses dizem sobre a diversidade sexual no Brasil, na contemporaneidade. Corroborando assim o entendimento de Foucault:

Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e

idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso (FOUCAULT, 2009, p. 107).

À luz dessa noção se conduzirá o caminhar pelas muitas enunciações a respeito do objeto de estudo proposto, pois se sabe que as relações de saber e de poder sobre a diversidade sexual têm sido constituídas e permanentemente construídas no cotidiano brasileiro, pois sexo e sexualidade são assuntos constantes em diversos espaços, ainda que revestidos de perspicácias, cerceadas pelas interfaces dos micropoderes. De acordo com Louro, é preciso observar a construção das diferenças, pois esse é um campo político, em que “na instituição das diferenças estão implicadas relações de poder” (LOURO, 2003, p. 84).

Essas construções nem sempre são evidentes e as estratégias que às vezes as edificam são em grande parte naturalizadas, numa condição inata e inquestionável, como a heterossexualidade compulsória. A intenção desse segundo capítulo é o esmiuçar dos diferenciados discursos sobre o dispositivo *kit anti-homofobia*, e suas dobraduras, suas marcas, numa busca que se constitui por um desmantelar dessas enraizadas naturalizações sobre as diferenças sexuais.

Empreender a escolha do *corpus* de análise diante da extensa variedade de materiais espalhados nas diferentes mídias, como: Internet, jornais, televisão, rádios, entre outros, é uma tarefa delicada, não se deve deixar conduzir às cegas pelas próprias artimanhas do discurso, por também ser sujeito que se insere nessa “ordem arriscada” (FOUCAULT, 2010b). Diante dessa complexidade, optou-se por selecionar um *corpus* a partir do recorte por áreas de categorias discursivas: o discurso religioso, o discurso leigo, os discursos técnicos (psicológicos, jurídicos, biológicos, educacionais). O olhar será para os diferentes discursos, em indistinção dos veículos nos quais esses foram pronunciados, por meio de Internet, jornal impresso, televisão. Em outras palavras, o recorte do *corpus* se efetivou por categorias discursivas independentemente do tipo de veículo midiático no qual essa se materializou.

Cada *corpus* será apresentado no espaço do próprio tópico de análise, e ao longo de seu transcurso. Também é preciso esclarecer que não houve uma delimitação sistemática, pontual na quantidade de *corpus* selecionado em cada categoria discursiva, algumas terão maior número de *corpus* do que outras, o que se justifica pela própria forma como se deu a emissão ou propagação desses discursos.

Tomar-se-á como primeiro discurso de análise, o discurso religioso, o qual esteve presente em diversos enunciados, em especial naqueles emitidos por políticos, populares e emissoras de televisão. E seguidamente se procederá à análise dos discursos técnicos e dos discursos leigos.

2.1- O discurso religioso

Será que estão voltando no tempo e juntando Estado e religião no Brasil? Era só o que faltava. De volta para o passado... Quanto retrocesso. É tão ruim que hajam mais *gays* no Brasil? Mas pq ninguém se incomoda que haja violência contra homossexuais. Eu nunca ouvi falar em grupos de homossexuais agredindo heterossexuais, já o inverso é o que mais acontece e vem aumentando no Brasil. Esses são os valores que essa gente cheia de princípios e família quer passar? A sociedade dispensa. [arinalba](#) [...]

Um exemplo disso: ninguém gostaria de matricular seus filhos em uma creche ou escola que o orientador ou professor é gay, nossos filhos cresceram com esses ensinamentos achando totalmente normal e do cotidiano... eu tenho o direito de decidir isso e me impor sem ser punida ou taxada como preconceituosa... Não tenho nada contra a opção sexual de ninguém, mas sou a favor da família e dos preceitos normais de uma base familiar.... Contra kit gay! Apoiado Senador, parabéns pelo trabalho. [academiaprofight1](#) [...]

Uma vergonha, gente morrendo em hospital, gente perdendo a vida e eles discutindo o "kit gay", ministro irresponsável as escolas estão preguias nosso ensino é ridículo, e ele quer colocar um kit que vai incentivar a homossexualidade, leva pro teu filho, respeito a gente a tem, mas não concordamos, as pessoas nascem homens ou mulheres Deus não disse em homossexuais. Somos a favor da família. [JMJonatan](#) [...]

Esse sujeito é repugnante. Ele diz: "nada contra... Nada contra..." Mas está ali fazendo o quê? Eu tiro o chapéu para esse cara. Reelegeu-se em cima dos idiotas que, babando, acreditavam no que dizia. Tacou fogo no país, com o tema "pedofilia". E agora, mais uma vez, apega-se a mais um tema execrado por essa sociedade hipocritamente religiosa, para enrobustecer seu poder. Nem se lhe dá deturpar as intenções do Governo. O que ele quer é mais poder. Deem a ele, otários... [sleimanleide](#) (SENADOR MAGNO..., 2011a, s.p.)

Parabéns Senador Magno Malta, tá na hora de meter a borracha nas costas desses canalhas Gays que querem implantar a putaria nas crianças, usando argumentos nojentos, infames, e eles são de comportamentos sujos, que cometem torpeza sendo maus caráters com suas próprias famílias, e querem socar guela abaixo da sociedade, seus costumes nojentos e canalhas!!! É revoltante saber que tem pessoas daí, que leva esse assunto para ser votado, mesmo sabendo que a sociedade repudia tudo isso! É revoltante até! [Laurindo837](#) (SENADOR MAGNO..., 2011b, s. p.)

Esses são alguns dos enunciados propagados na Internet em resposta ao discurso proferido pelo senador Magno Malta¹³, na tribuna do senado em 24 de maio de 2011,

¹³Pertence ao Partido da República-PR do Estado do Espírito Santo-ES. É Evangélico e pastor.

contra o *kit Anti-homofobia* do Ministério da educação – um dia antes do veto ao material - os quais mostram como os discursos em sua heterogeneidade se dispersam, transitam, multiplicam-se.

Por meio da análise desses enunciados é possível perceber como se conduz o processo de produção discursiva, pois a partir de um determinado discurso, outros são engendrados, seja em confirmação ao primeiro ou em sua discordância; elementos são incorporados e novos enunciados afloram. Por exemplo, em parte da primeira resposta listada acima, vê-se a seguinte afirmação: “ninguém gostaria de matricular seus filhos em uma creche ou escola que o orientador ou professor é gay” (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.), ou seja, a resposta que em princípio se refere à anuência da defesa religiosa contrária ao material educativo, expressa uma homofobia declarada, deixando realçar que a rejeição não é do material em si, mas da própria homossexualidade, que é legitimada de diversas maneiras nos espaços escolares, já que a escola, de acordo com Louro, delimita espaços: “Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesse modelos” (LOURO, 2003, p. 58).

Outras observações dessas respostas serão retomadas oportunamente ao longo deste tópico, que se concentra agora na análise de alguns fragmentos do pronunciamento do senador Magno Malta.

O argumento central utilizado no discurso do senador Malta faz referência à defesa dos valores morais, familiares assegurados pela moral religiosa. O que oportuniza de imediato um emaranhado de propostas de análise. Talvez um ponto inicial diante desse imbricado discursivo seja considerar que as próprias concepções sobre valor, moral, família e religião não são constituídas de maneira universal e unívoca.

Embora não seja intenção desta pesquisa percorrer e explorar as nuances das distintas religiões brasileiras, faz-se necessário lembrar que no Brasil existe uma variedade de religiões, dentre as quais é possível destacar algumas, como: Pentecostais, Neopentecostais, Adventistas, Católicas, Religião Mórmon, Testemunhas de Jeová, Espíritas, Budistas, Judaicas, Islâmicas, Religiões afro-brasileiras como o Candomblé etc. Algumas possuem maior ou menor número de fiéis no interior da cultura brasileira, mas o que se percebe é que a maioria dos discursos que afirmam defender os valores morais e religiosos faz referência quase exclusiva ao cristianismo, seja representado por católicos ou protestantes.

Entende-se a partir dessas considerações ser preciso salientar que as noções de valores morais e ensinamentos e instruções sobrevivendo dessas diferentes religiões não são semelhantes e quando se afirma falar em nome de uma crença religiosa e de valores morais, pode-se compreender em larga medida que se fala em nome do catolicismo e protestantismo. O que faz do terreno das generalizações em nome das religiões algo complexo e passível de questionamentos. No entanto, devido aos enunciados aqui recortados serem advindos desses discursos religiosos específicos, também a análise do discurso religioso, aqui realizada é, antes, uma análise dos discursos religiosos predominantemente cristãos. Mas desde já é preciso trazer duas ressalvas. A primeira é que dentro do próprio cristianismo existem inúmeras configurações de crenças e divergências, por isso, de acordo com Foucault, “Seria totalmente inexato reduzir a moral cristã – dever-se-ia, sem dúvida, dizer ‘as morais cristãs’” (2010c, p. 38). A segunda se refere à própria ambiguidade que a palavra moral comporta, pois também para o filósofo:

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados em uma doutrina coerente e em um ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias (FOUCAULT, 2010c, p. 33).

Essa ambiguidade é vista interna ao próprio exercício de práticas discursivas religiosas que frequentemente fazem uso dessa escapatória, ao se envolverem em atos contrários aos impostos pela moral religiosa cristã. É o caso da quebra do voto celibatário por parte dos padres da igreja católica, por exemplo, inúmeras vezes acusados de praticarem a pedofilia, ou o envolvimento de pastores de diferentes igrejas evangélicas com enriquecimento ilícito, entre outras.

Pode-se dizer que a maneira como o pronunciamento do senador Malta se articula possibilita o encontro com diferentes alianças discursivas, que serão destrinchadas a partir do olhar minucioso em cada enunciado e a dispersão desses no próprio movimento do interdiscurso, ou seja, o que se visualiza explicitamente é um movimento de zigzaguear que faz aflorar uma multiplicação dos dizeres. Para maior clareza e entendimentos do *corpus*, serão transcritos alguns fragmentos da fala do senador. Segue em destaque o primeiro fragmento:

Sr^a Presidente, Srs. Senadores, Sr^{as} senadoras, Senador Walter Pinheiro, Senador Delcídio do Amaral, Senador Blairo Maggi, as razões que me trazem a esta tribuna são algumas considerações absolutamente importantes para o Brasil. Penso que o homem é a sua crença, o homem é aquilo que acredita, o homem é aquilo que ele decide ser (SENADOR MAGNO..., 2011a, s. p.).

Nesse momento é possível observar o discurso religioso, ao se defender a idéia de que o homem é sua crença e este possui liberdade e capacidade de escolha, de decisão. Mas, a escolha que aqui sutilmente se faz referência não trata de uma escolha qualquer, está para além da questão religiosa, embora desta não se desprenda. Refere-se à escolha sexual ou opção sexual, o que fica explícito pelo enunciado: “o homem é aquilo que decide ser” (SENADOR MAGNO..., 2011), proferido em circunstância de um pronunciamento que se propõe a contestar um material educativo contra a homofobia, contra uma proposta de conhecimento da pluralidade sexual.

Certamente um enunciado quase singelo se tomado apressadamente, mas possível de se ancorar em sentidos variados no contexto que se insere. Esse enunciado se dispersa para outros, que discorrem sobre as consequências ocasionadas diante da capacidade de escolha de determinada orientação sexual em detrimento de outra. Sugere que a pessoa livre para escolher deve suportar as consequências de sua escolha, pois ao fazê-la opta-se por determinado caminho e aquilo que nessa trajetória possa encontrar, seja de bom ou ruim, deve ser de responsabilidade do/da autor/a que empreendeu a escolha. E quaisquer consequências possivelmente advindas, ainda que encontre nesse caminho um mundo de violência e discriminação, frequente na vida das pessoas homossexuais.

Esse enunciado deixa transparecer uma possível compreensão de que os/as homossexuais vítimas de violência estariam colhendo os frutos de sua escolha, não restando a essas pessoas nada além da resignação, aceitação diante de sua má opção, ou ainda, outra possível alternativa seria trilhar o percurso de volta, nesse caso, fazer outra escolha, se arrepender - para usar o discurso cristão - deixar de ser homossexual.

A idéia da orientação sexual como eleição, opção, preferência se propaga velozmente por entre vários outros discursos, desde o religioso, jurídico, leigos, alguns segmentos da psicologia, pedagogia etc., o que foi possível se identificar pelo trânsito entre os diferentes *corpus* aqui analisados, a exemplo da segunda resposta atribuída ao discurso do senador Malta: “Não tenho nada contra a opção sexual de ninguém, mas sou

a favor da família e dos preceitos normais de uma base familiar” (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Essa concepção não deixa de ser reducionista, simplória, pois exerce um apagamento do “... fato de que a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 2010, p. 11). Ou seja, ser homossexual não é uma condição naturalmente dada, tampouco intrínseca à capacidade de escolha individual, mas situa-se numa amplitude da sexualidade que “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (idem).

Ou ainda, como compreender o desejo sexual ou mesmo outras escolhas numa cultura que conduz e produz o sujeito em todos os setores de sua vida? De acordo com Louro, por meio de:

Conselhos e palavras de ordem interpelam-nos constantemente, ensinam-nos sobre saúde, comportamento, religião, amor, dizem-nos o que preferir e o que recusar, ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver (LOURO, 2008b, p. 19).

Viver qualquer expressão homossexual numa cultura heterossexista, machista e homofóbica, mais do que o silenciamento do termo opção sugere, é antes uma ousadia, uma subversão, uma reivindicação da vivência do desejo, pois, segundo Deborah Britzman, “A sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade. Podemos insistir que a sexualidade é a própria alteridade”. (BRITZMAN, 2010, p. 89).

Um segundo fragmento recortado do *corpus*:

Ao longo de minha vida tenho lutado pela causa dos menores. Desta Tribuna, tenho dito ao Brasil que são trinta anos recuperando drogados, tirando pessoas da rua, acudindo, enxugando lágrimas, devolvendo pessoas à vida, estendendo uma mão, um braço às famílias, cumprindo um papel com o País. (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Nesse momento do pronunciamento percebe-se a referência a um discurso enaltecido das condutas benevolentes, nesse caso apresentadas pelas ações do cuidado com menores carentes e com moradores de rua. Por meio dessas ações se teria o nobre gesto de enxugar lágrimas e a onipotência - com uma alusão ao próprio Cristo - de “devolver à vida para pessoas” (SENADOR MAGNO..., 2011). O discurso nesse enunciado se centra na questão do amor, do acolhimento e cuidado com pessoas

necessitadas, mas não quaisquer pessoas, apenas algumas, eleitas a partir de uma determinada concepção religiosa, de determinados valores morais.

Mas a contradição se apresenta interna ao próprio discurso, pois em outra extensão configura-se o seguinte enunciado:

Guardando-se as devidas proporções, o Brasil cheira igual, o Brasil fuma igual, o Brasil bebe igual. Nós estamos num País de hipócritas, de bêbados, de fumantes, que querem colocar o dedo na cara da polícia e da classe política para resolver um problema que é de família (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Aqui o tom fraternal do discurso se esvai, cedendo lugar à denúncia, recriminação e responsabilização dos mesmos moradores de rua, que antes tinham suas lágrimas abrandadas. Agora são rotulados como bêbados, fumantes, hipócritas e baderneiros, no mesmo tom pejorativo atribuído aos/às homossexuais.

Ainda é possível extrair outro discurso decorrente desse enunciado, aquele que afirma que algumas pessoas são escolhidas para terem suas lágrimas enxugadas, devendo as incautas se redimir para poderem tornar-se dignas do privilégio do acolhimento, caso contrário continuarão a arder no fogo do sofrimento, sem terem o privilégio de serem “devolvidas à vida” (SENADOR MAGNO..., 2011), pois, de acordo com Borrillo “se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária, e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica” (BORRILLO, 2009, p. 18).

Essa proposição também constrói uma noção, ou antes, uma produção das pessoas homossexuais num cenário de permanente sofrimento e desamparo, o que em parte é verdadeiro, porque ao enfrentarem discriminações, violências e terem seus direitos de cidadãs negados, são entregues a variadas formas de sofrimento. No entanto, os conflitos não são de ordem da condição da própria homossexualidade, uma vez que são pessoas que se realizam, amam e são amadas e estabelecem vínculos, duradouros, ou não, à semelhança das relações heterossexuais.

Percebe-se também um discurso em defesa de alguns direitos humanos, evidentemente necessários, mas ao tecer certo paralelo com a homossexualidade, cria-se um efeito de desqualificação da luta por direitos das pessoas LGBTTT. Por exemplo, a terceira resposta ao pronunciamento do senador, listada no início desse tópico, compõe esse mesmo discurso, quando afirma: “Uma vergonha, gente morrendo em hospital, gente perdendo a vida e eles discutindo o ‘kit gay’” (SENADOR MAGNO..., 2011, s.

p.). Esses discursos ressoam uma ambivalência nas políticas de direitos humanos apontada por Dinis:

A homofobia se tornou, no mundo contemporâneo, um dos últimos preconceitos ainda tolerados. Qualquer brasileiro (a) pode se lembrar facilmente de vários nomes da política nacional ou dos movimentos de defesa dos Direitos Humanos que defendem publicamente o direito das minorias étnico-raciais, das mulheres, das (dos) presidiárias (os), dos (as) sem-terra, das pessoas com necessidades educativas especiais, mas que se escondem quando o assunto em pauta é o combate à violência ou a luta pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (DINIS, 2011, p. 41).

No próximo fragmento do pronunciamento do senador Malta é possível destacar outros discursos, como a afirmação de que as pessoas LGBTTTT são uma minoria no Brasil. Segue o enunciado:

Agora, presidindo a Frente Parlamentar da Família, penso que vivemos um momento absolutamente sofrido, porque uma minoria barulhenta tenta se sobrepor a uma maioria absoluta deste País, uma maioria de famílias que acreditam em princípios de família como Deus assim constituiu, macho e fêmea, homem e mulher, pai e mãe – aliás, viemos do útero de uma mulher, não há qualquer anomalia que possa trazer alguém à luz fora disso -, mas que querem vilipendiar de toda sorte. O homem é sua crença [...] eu acredito em princípios. Sou cristão, acredito na bíblia (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Uma minoria assim constituída deveria atizar os ânimos de uma maioria? A resposta encontra-se no próprio enunciado, não se trata de uma dita minoria inerte, mas barulhenta, que incomoda, perturba aqueles que não conseguem conviver com as diferenças, o que também se configura como uma contradição interna ao próprio discurso cristão.

Outro enunciado que emerge do discurso: minoria homossexual constitui-se de forma a parecer sugerir que os/as homossexuais não possuem família, ou se possuem, essa se encontra à margem dos valores morais, do “homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2010, p. 15), não adentrando no rol dos respeitáveis e dignos de direitos, nos “princípios de família como Deus constituiu” (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

É possível perceber que as relações de gênero nesse enunciado são afirmadas a partir de visões binárias que determinam a condição de ser homem e ser mulher, a partir de uma perspectiva causal: macho e fêmea, discussão realizada no capítulo 1 em oportunidade da análise do vídeo *Torpedo*.

Ainda outro enunciado que sutilmente foi lançado no trecho destacado, se dispersa para o discurso biologicista, sexológico e psiquiátrico, há muito não mais aceito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que outrora compreendia a homossexualidade dentro de uma categoria patológica, fazendo supor assim a presença de uma anomalia. De acordo com Mott:

Há décadas, modernas e sólidas pesquisas multidisciplinares internacionais garantem que “a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão”. Já em 1970 a American Psychology Association, desde 1985 o nosso Conselho Federal de Medicina e desde 1993 a Organização Mundial de Saúde excluíram o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, deixando a homossexualidade de ser considerada “desvio e transtorno sexual”. Em 1999 foi a vez do Conselho Federal de Psicologia promulgar portaria ratificando a normalidade da homossexualidade, em tempo que condenou as teorias e terapias homofóbicas (MOTT, 2006, p. 510).

Quando o senador afirma que não há qualquer anomalia que possa trazer alguém à luz, vê-se o surgimento de uma pluralidade discursiva, pois ao mesmo tempo em que o discurso da anomalia se anuncia, ele margeia outro enunciado: a possibilidade da adoção a que homossexuais têm direito, em especial com a aprovação da união civil, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 5 de maio de 2011. Dada à proximidade entre as datas, fica notório, portanto, que o pronunciamento do senador não é apenas contra o *Kit anti-homofobia*, mas também uma resposta ao STF perante a aprovação da união civil entre homossexuais.

A união civil entre pessoas do mesmo sexo passou a ser permitida e as relações homoafetivas passaram a ser tratadas como um novo tipo de família, o que, adentrando na própria dobra do discurso, permitirá também a colaboração para com a cidadania brasileira, na medida em que a adoção oferece às crianças moradoras de orfanatos, ou aquelas entregues à própria sorte, a possibilidade de habitar um lar. O que também contribui para a retirada de possíveis futuros moradores de rua ou usuários de drogas, não deixando de ser um ato moral, de também permitir o “enxugar de lágrimas” (SENADOR MAGNO..., 2011).

O que se percebe, no entanto, é que o enunciado se constrói de forma a apagar qualquer possibilidade de um/uma homossexual ser pai ou mãe, mesmo diante das conquistas jurídicas, pois de acordo com alguns argumentos religiosos, como o emitido no fragmento em análise, a bíblia não prediz nenhuma ressalva a esse favor.

Essa defesa discursiva se intercruza com o discurso biológico ao estabelecer uma relação obrigatória entre sexualidade e reprodução, ao mesmo tempo em que

desconsidera os avanços tecnológicos das próprias ciências médicas e biológicas: essas, cada vez mais, oferecem diversas reproduções assistidas, comuns na contemporaneidade, como expressa Grossi:

O desenvolvimento, no final do século XX, das ditas “novas tecnologias de reprodução” tem vindo, no entanto, abalar a crença de que a reprodução é um “dom de Deus”, fruto do intercurso sexual entre um homem e uma mulher. Hoje, inúmeros casais e indivíduos isoladamente têm buscado reproduzir-se por inseminação artificial ou fecundação in vitro, desvinculando, portanto, a sexualidade da reprodução (GROSSI, 1998, p. 9).

Segue o próximo *corpus* selecionado para análise do discurso religioso:

Eu estou vindo de uma reunião na câmara, [...] Estavam presentes ateus, a bancada católica, que me autoriza a falar em nome dela, o Deputado Eros Biondini, as bancadas evangélicas e espírita, quem não confessa fé nenhuma, gente de confissão islâmica, pessoas que acreditam em família nos princípios, nos moldes de Deus. O ministro foi levado a se reunir lá na Câmara para falar desse tal kit, que está passando do limite. O que nós queremos discutir com ele – a frente da Família – é esse kit. Não há nada de orientação nesse kit. Pelo contrário. Eu estou olhando para o Brasil para afirmar o seguinte, Senador Ivo Cassol: esse kit homossexual nas escolas fará das escolas verdadeiras academias de homossexuais (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Nessa sequência, os enunciados que ressaltam o valor da religião são especificados, e o enunciado em que se diz que o *kit* fará das escolas verdadeiras academias de homossexuais, traz um discurso sobre o ensinar a ser homossexual, mostrando um temor diante dessa possibilidade. No entanto, não há uma problematização sobre o fato de que as escolas, historicamente, também ensinam de diferentes maneiras a heterossexualidade e as formas tradicionais de ser homem e de ser mulher.

O objetivo dessas supostas academias de homossexuais seria a mobilização, a preparação e o ensinamento de conteúdos e habilidades específicas de como ser *gay*, lésbica, transexual, travesti. Nessa academia, de acordo com o enunciado, as teorias seriam aquelas que induzem as pessoas a serem homossexuais.

Vários outros discursos se propagaram em confirmação a essa tese de que se estaria com o *Kit* antevendo a criação de uma academia homossexual nas escolas, a exemplo de enunciados emitidos por comentaristas/as dessa fala do senador, como: “Ta completamente certo!! Kit gay ensina a ser gay... e realmente não devemos dar nada mais além de respeito!!!!!!!!!!!! TioDani55” (SENADOR MAGNO..., 2011, s.p.), ou ainda outros enunciados, como: “Esses viados querem dominar o mundo! PQP!!!! se

brincar, são os heterossexuais que sofrerão preconceito! Espero que Dilma não entre nessa moda! marinho126” (idem).

Por meio do enunciado expresso nesse momento da fala do senador vê-se a perspicácia e maestria com que o discurso se reverte, mostrando como a ordem discursiva é instável e produtora de inúmeras verdades, pois é interessante o exercício de tentar imaginar uma acadêmica de homossexuais numa cultura que mata o/a homossexual por um repúdio odioso.

O que os estudos sobre sexualidade, gênero, cultura, diferenças vêm demonstrando a partir de uma longa produção teórica é que na cultura ocidental contemporânea se ensina a ser homem, a ser mulher e a ser obrigatoriamente heterossexual, ao produzir valores e saberes, fabricar jeitos de ser, construir identidades masculinas e femininas, regulamentar constituições familiares. Longe está a cultura ocidental de construir uma academia, no sentido educacional, que se ensine a ser homossexual. Nas palavras de Sabat:

A reprodução da diferença se dá socialmente através da representação e tem relação direta com as relações de poder que existem na sociedade. Aprendemos, por exemplo, que masculinidade e heterossexualidade são categorias idênticas, naturais e inquestionáveis. Nesse sentido é que devemos compreender a heterossexualidade também como um significante, e como tal produzida pela linguagem em meio a relações de poder (SABAT, 2001, p. 19).

A completa inversão do discurso é vista pela manobra de tentar criar um temor e pânico ao fazer pressupor que no lugar da conhecida heretossexualidade ensinada desde a mais tenra infância se passará a ensinar nas escolas a ser lésbica, *gay*, travesti, bissexual, transexual. Uma tentativa de criar verdadeiros pânicos morais no sentido de que esses “emergem a partir do medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez, por isso mesmo, ameaçadoras (MISKOLCI, 2007b, p. 103).

Segue o próximo fragmento para análise:

Nada contra! Nada contra, porque Deus deu livre arbítrio ao homem. Quem sou eu? Cada qual segue o seu caminho, e nós precisamos respeitá-los. Agora, nada mais do que o respeito. Estão passando do limite. Senador Blairo Maggi, V. Ex^a é católico praticante e sabe que Deus criou macho e fêmea. Esta Casa não fará um terceiro sexo com uma lei, porque há de esbarrar nos homens e mulheres que acreditam em princípios, e uma minoria barulhenta jamais se sobreporá a uma grande maioria, que é a família neste País (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Por meio desse enunciado percebe-se o discurso da supremacia divina, aquele/a que por se considerar superior/ra respeita a inferioridade do ser inferior, pequeno, que precisa ser suportado nessa condição de inferioridade, mas apenas respeitado, nada mais, pois habita o lugar da inferioridade por escolha própria e, assim sendo, não tem direito a nada além de respeito. Essa idéia de respeito destoa do corpo discursivo quando tomado em seu todo, pois ela mais leva a um entendimento de tolerância, suportar o outro, do que de fato uma noção mais condizente do que seria o respeito. Não se trata de qualquer tipo de respeito, mas apenas aquele digno de ser tolerado na condição marginalizada, posta literalmente em separado, à margem daquelas pessoas dignas, que não fizeram uma escolha infeliz, inferior. No dicionário Aurélio a palavra respeito significa:

[Do lat. *respectu*] *S.m* 1. Ato ou efeito de respeitar- (se). 2. Reverência, veneração. 3. Obediência, deferência, submissão, acatamento. 4. Lado pelo qual se encara uma questão; ponto de vista; aspecto. 5. Razão, motivo, causa. 6. Relação, referência. 7. Consideração, importância. 8. Medo, temor, receio (FERREIRA, 1999, p.1753).

Percebe-se que as definições do termo respeito, como: veneração, acatamento, consideração, importância estão longe de serem condizentes ao enunciado em seu contexto geral. Talvez o enunciado queira se valer da acepção: medo, temor, receio. Já que o receio e temor às homossexualidades parecem iminentes.

Novamente encontra-se a recorrência ao discurso que atribui à homossexualidade uma condição de opção, e a magnitude de determinado discurso religioso que se vê legitimado a falar em nome de um Deus e de uma única família, como se a idéia de família fosse universal, detentora dos princípios de Deus em oposição à “minoría barulhenta” (SENADOR MAGNO..., 2011).

Esse enunciado constrói uma perspectiva de que as famílias homoparentais são desprovidas de quaisquer princípios morais e éticos, o que é despropositado, pois “existem diferentes maneiras de ‘se conduzir’ moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim, como sujeito moral dessa ação” (FOUCAULT, 2010c, p. 34).

Essa perspectiva sobre a família será analisada mais detalhadamente ainda nessa categoria de análise do discurso religioso.

Segue o próximo *corpus* de análise: “Com todo o respeito que tenho à presidente da República, até porque cruzei o segundo turno com V. Ex^a, dentro de um jato, por 26

dias, falando cinco a seis vezes por dia dessatanizando a presidente, para ajudá-la a virar presidente” (SENADOR MAGNO..., 2011, s.p).

Nesse fragmento o discurso central é o da homossexualidade, enquanto o lugar do satanização, ou antes, o/a homossexual é o/a próprio/a satânico/a, demoníaco/a. Discurso sutil, pois o pronunciamento se refere à época da candidatura da presidenta Dilma Rousseff, que no período foi alvo frequente de acusações empreendidas por segmentos conservadores da sociedade brasileira, que a apontavam como defensora do aborto, da homossexualidade, e em alguns momentos a definiam como homossexual. Enfim, acusavam-na de ser satânica, necessitando assim ser purificada por aliados políticos puros, sem mácula com o pecado e com o mal, a exemplo do Senador Magno Malta, de acordo com suas próprias palavras.

Em uma sociedade fortemente conduzida por diferentes preceitos religiosos, esse tipo de discurso autoriza e inflama práticas homofóbicas como se essas fossem naturais e até esperadas, uma vez que todos e todas estariam unidos/as pelo comum ideal de exorcizar os demônios homossexuais e livrar a sociedade de um mal avassalador. Esses discursos religiosos extremistas incitam as diferentes violências e mortes de que homossexuais são vítimas no Brasil, o que de acordo com Dinis significa que:

Embora não empunhem a arma, nem a faca que provoca diariamente o assassinato de pessoas que representam as minorias sexuais no Brasil, eles (as) são os (as) amoladores (as) de facas que colaboram indiretamente para tal genocídio, já que entender a homossexualidade como pecado, profanação do corpo e da sexualidade, como anormalidade e desvio de comportamento – discursos importados da religião, da mídia e das ciências psicológicas – são também as principais justificativas utilizadas por assassinos em série ou grupos de extermínio de travestis, transexuais, bissexuais, gays e lésbicas no Brasil (DINIS, 2011, p. 46-47).

Segue o próximo corpus de análise:

O senhor já ouviu o teor, a linguagem do tal filmete que foi exibido lá agora? Sr ministro Haddad, ponha a mão no juízo! Ponha a mão no juízo! Nós precisamos discutir isso com a Presidente da República [...] e se nós acovardarmos diante desse tema, se nós nos acovardarmos diante da minoria barulhenta, vamos pagar um preço dos mais caros, nos próximos anos, com a degradação da sociedade deste País (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Esse enunciado declara que o conteúdo dos filmes do material educativo é impróprio, de teor e linguagem reprováveis. Também traz insistentemente, por uso da estratégia da repetição, o discurso que versa sobre a degradação dos valores morais e familiares da sociedade brasileira, exercida pelas consideradas demoníacas pessoas

LGBTTT, ou seja, constrói-se uma noção de que a homossexualidade é capaz de degradar toda uma sociedade engendrada numa moral universal.

Mais que confirmar uma realidade, esse discurso parece pretender criá-la, produzi-la, fazendo parecer verídico aquilo que é propagado. O que é facilmente alcançado por meio da estratégia de lançar argumentos reiterados constantemente.

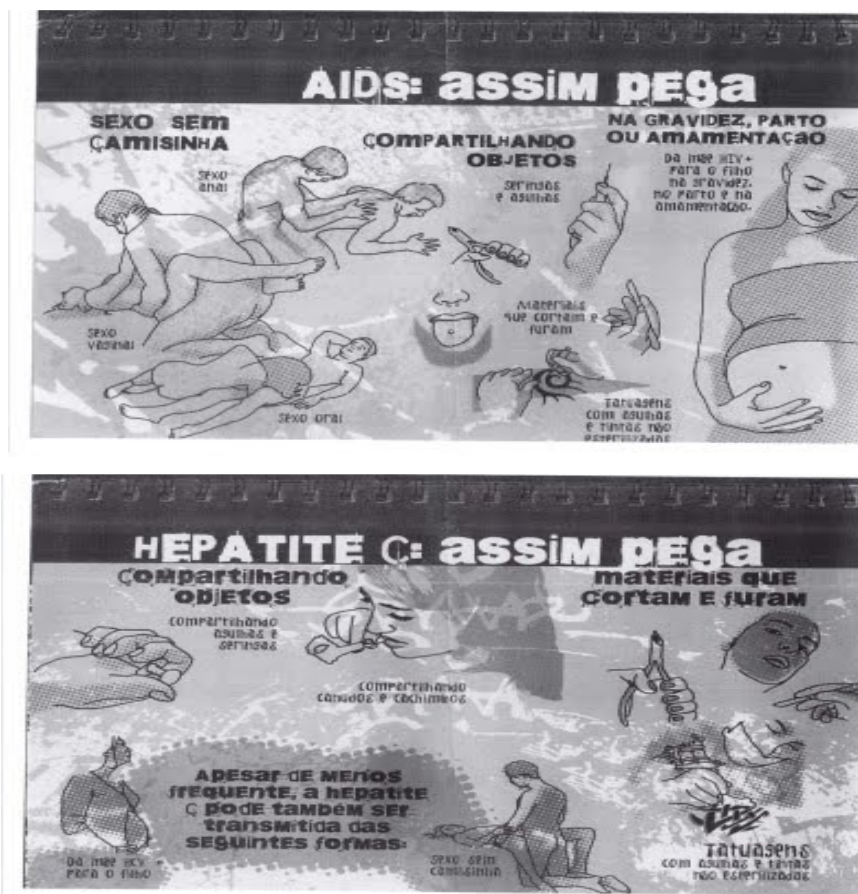
O pronunciamento revela-se enquanto forte tática de pressão contra a aprovação do material educativo. Os enunciados afirmam a necessidade de um urgente diálogo com a presidenta Dilma Rousseff, a respeito do *kit anti-homofobia*, com argumentos que ressaltam a elaboração de uma resistência ao projeto *Escola Sem Homofobia*, fazendo alusão de que aqueles/as que não se manifestarem contrários/as ao material, são covardes e defensores/as da suposta degradação do país empreendida por homossexuais.

O próximo *corpus* de análise refere-se a uma suposta parte do conteúdo do *kit anti-homofobia*:

Estou com a cartilha aqui, que é um pouco pior do que o livro pornô feito pelo Sr. Temporão. Quando Ministro da Saúde, fez uma cartilha pornô que, de relação sexual anal de criança e cachimbo de crack e destilar cocaína para aplicar na veia, ensinava tudo. [...] Agora, essa cartilha aqui, que está na minha mão, também está no Ministério da Saúde (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Esse enunciado faz referência a uma cartilha do Ministério da Saúde e pretende compará-la ao conteúdo do *Kit anti-homofobia*. De acordo com esse discurso, o teor expresso em uma possível cartilha do *kit* (a qual não existe) se aproximaria da polêmica cartilha do Ministério da Saúde, lançada em 2008, com intenção de esclarecer sobre a necessidade do uso de preservativo nas relações sexuais, seja entre heterossexuais ou homossexuais, e o cuidado com o uso de agulhas e seringas, com intuito de reduzir a transmissão do vírus HIV e de outras doenças entre usuários de drogas.

O que mais parece ter chocado os críticos desse material do Ministério da Saúde foram os discursos propagados que afirmavam uma intenção de apologia ao uso de drogas, ao sexo e à homossexualidade. Na época do lançamento desse material muitas críticas se dirigiram às imagens da cartilha, que, entre outras cenas, mostravam relações sexuais, inclusive entre homossexuais (as imagens de relação sexual anal mostravam cenas de adultos e adolescentes e não crianças, conforme o enunciado relata). As imagens que mostravam cenas de sexo entre homens foram as motivadoras do maior alarde e recriminações. Abaixo se apresentam duas dessas imagens:



FONTE: CARTILHAS DO KIT GAY..., 2011, s. p.

O discurso cria novamente o efeito de pânico para quem não conhece o material *kit anti-homofobia* em seu todo, por não ter tido acesso a ele, ou seja, a grande maioria da população brasileira, com exceção daqueles/das que participaram da elaboração do material e das pesquisas e cursos de formação envolvendo o projeto.

A sutileza do discurso é então rememorar o acontecimento da polêmica em torno da cartilha do Ministério da Saúde de 2008 e tentar comparar em termos de conteúdos e imagens com uma possível cartilha do *kit*. No entanto, o discurso se faz nebuloso, pois o enunciado relaciona uma atual cartilha do Ministério da Saúde de 2011 com o *Kit anti-homofobia*. O Senador Malta, ao discursar, está com uma cartilha em suas mãos e não esclarece se é do Ministério da Educação ou Saúde e diz: “Agora, essa cartilha aqui, que está na minha mão, também está no Ministério da Saúde” (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.), e deixa assim subentendido que, quer seja de um ou outro Ministério, o material é pornográfico e danoso.

Com esse discurso construído mediante a comparação com um considerado material pornográfico, tem-se como resultado uma imediata e prévia condenação do

material educativo *kit anti-homofobia*. O que faz do enunciado um recurso poderosíssimo para elaborar uma afirmação que desqualifique previamente o *Kit*, a despeito mesmo de não conhecê-lo.

O próximo *corpus* para análise:

Então, nós temos que resistir ao Governo, nós temos que resistir ao Sr. Haddad com esse kit e chamá-lo às falas, porque eu sou da base do Governo e tenho o maior respeito pela Presidente que ajudei a eleger. Agora, a minha consciência não está a serviço dela, não. A minha consciência não está a serviço do Haddad. A minha consciência não está a serviço de uma minoria que respeito. Agora, valores de família, eu vim para isso. É essa a missão que Deus me deu, a missão que meu Estado me deu!... (SENADOR MAGNO..., 2011, s. p.).

Nesse recorte destacado do pronunciamento do senador percebe-se um discurso de articulação política, o que pode ser percebido frente ao convite ou intimação para uma mobilização de resistência ao *kit* e sua não aprovação pelo governo. O que parece ter sido, entre outras articulações, uma estratégia eficaz, pois o pronunciamento do senador Magno Malta se deu um dia antes do veto da presidenta Dilma Rousseff ao material educativo *kit anti-homofobia*, que ocorreu no dia 25 de maio de 2011.

Outro discurso que aparece nesse fragmento faz referência à noção de boa consciência, ou consciência tranquila, que não é dada pelo mal, mas pelo bem, não pelo satânico, mas sim pelo divino, por Deus. Assim, outro enunciado transcursa, deduzindo que o/a defensor/a de qualquer causa homossexual não poderá ter consciência tranquila, pois não estará a serviço de Deus, mas sim do demônio.

Percebe-se que o discurso do senador representa várias outras práticas discursivas que utilizam os espaços públicos para o exercício e propagação de valores religiosos. De acordo com Fernando Seffner isso não deve ser algo barrado, a partir da fundamentação, ou argumento, de que religião é algo “do âmbito doméstico”, (SEFFNER, 2011), pois ainda, de acordo com o mesmo autor, “Há uma ‘inevitabilidade’ da religião como política, que se dá pelo fato de que muitas pessoas vão entrar na arena política, vão ingressar no espaço público, com sua identidade religiosa como elemento importante” (SEFFNER, 2011 p. 362). Todavia, se a religião é também pertencente à esfera política, isso não significa que se deva utilizar o espaço público como ferramenta de proclamação de fé ou como igrejas que exercem sua vigília religiosa à procura e manutenção de fiéis. De acordo com Seffner:

... a necessidade de estabelecer uma separação com os valores religiosos se coloca em muitos momentos. Desta forma, pedir a alguém, em determinada

situação, que não tome as decisões baseadas em seus valores religiosos não é algo errado, e muitas vezes o esquecimento desta regra traz problemas na constituição do espaço público. Digo isso porque, em muitas situações, hoje em dia, verifico que os indivíduos trazem à cena pública seu pertencimento religioso de modo completamente equivocado, e a melhor posição é lhes dizer que se abstenham desta conduta naquele espaço e naquele momento. Recordo dois conjuntos de cenas, envolvendo o poder legislativo e o poder judiciário no Brasil. O primeiro conjunto envolve parlamentares que, em sessões da Câmara Federal, ao argumentar acerca da viabilidade ou não de alguma proposição, batem a mão sobre a Bíblia, e afirmam: “esta é a minha constituição, esta é a constituição que eu sigo, esta é a verdadeira constituição do Brasil”. Neste momento, a vontade que temos é de dizer ao parlamentar que ele está numa casa legislativa, onde a constituição vigente é outra (SEFFENER, 2011, p. 363).

Outro político, o deputado Federal Jair Bolsonaro, do Partido Progressista (PP), discursou na câmara dos deputados no dia 06 de setembro de 2011 contra o *kit anti-homofobia*, em um dos seus pronunciamentos feitos contra o material educativo.

Desse pronunciamento tomar-se-á um pequeno recorte, referente ao momento em que Jair Bolsonaro também utiliza do discurso religioso para atacar o *kit*. Segue o fragmento:

O kit gay foi recolhido pela Presidente Dilma Rousseff. Ela fez aquela cara de santa, de quem não sabia de nada, muito comum no PT, mas o que acontece agora? [...] É a desconstrução da família. Parece que é um partido que quer apoiar o ateísmo em nosso País e esculhambar a família. É um projeto de poder (KIT GAY II..., 2011, s. p.).

O jogo discursivo aqui se realiza por meio da utilização de algumas palavras pertencentes ao universo religioso e destoante desse. Por exemplo, a palavra santa, que no enunciado expressa o sentido contrário, ou seja, demoníaca, pois se refere ao veto da presidenta Dilma Rousseff ao *kit*, que em uma de suas justificativas para o veto alegou que não tinha conhecimento do material. O deputado a nomeia de santa por ela dizer não conhecer o conteúdo, evidenciando que se ela tivesse conhecimento e assim mesmo aprovasse, estaria do lado demoníaco das pessoas LGBTTT, as quais, de maneira generalizada, a partir daquilo que o enunciado faz pressupor, não possuem religião, são todas ateias e pretendem destruir uma família também única e universal, nesse caso, a família nuclear, patriarcal e cristã.

Fabrica-se também, a exemplo do discurso do senador Magno Malta, a mesma percepção da existência de uma única religião em detrimento de uma variedade de crenças religiosas existentes no Brasil. De acordo com Seffner:

O estado brasileiro é laico e assegura a liberdade de crença religiosa a todos os seus habitantes, e o exercício da função pública não pode ser feito a partir

de pontos de vista particulares em termos religiosos. O que se espera do servidor público é que atenda a lei, e não que utilize seu espaço de poder para forçar o código moral de sua religião aos usuários da justiça (SEFFNER, 2011, p. 364).

Em outro discurso contra o *kit anti-homofobia* proferido em 24 de novembro de 2011, o deputado Jair Bolsonaro traz uma enunciação importante sobre a não aceitação familiar em relação à homossexualidade, quando diz:

Quem tem o prazer de ter um filho *gay*? Agora, podem dizer: "*Oh! Ele está discriminando!*" Eu não tenho prazer e tenho uma tribuna para falar, e vou falar [...] Pelo amor de Deus, não cometam, não deixem que grupos homossexuais cometam essa covardia com as crianças, com as famílias, com a religião e com os bons costumes! (BRASIL, 2011, s. p.).

Sabe-se que esse é um discurso delicado quando se olha para as histórias de vida de uma maioria de pessoas homossexuais, pois muitas delas enfrentam fortes dilemas familiares e religiosos, por não receberem o apoio familiar daquela que se constituiu historicamente uma das instituições mais antigas.

Alguns aspectos desse discurso precisam ser desdobrados em suas implicações.

Primeiramente, é preciso retomar o fato de que culturalmente no Brasil espera-se que a família exerça seu conjecturado papel de acolhedora e perpetuadora de alguns valores posto como os únicos verdadeiros, corretos e aceitáveis, reforçados pelo discurso religioso cristão (em sua maioria). O que contribui, ou mesmo determina extensivamente que as próprias famílias lidem mal com a homossexualidade de seus filhos ou suas filhas.

Faz-se necessário considerar que essa concepção de família nuclear, harmônica e acolhedora é mais uma verdade naturalizada que não se sustenta de forma generalizada, pois a família também é extensivamente lugar de maus-tratos, de abusos, de abandonos, de discriminações, como acontece com muitos/as homossexuais, que são execrados/as por mães, pais, irmãos, irmãs, tios, tias, primos, primas, avós, avôs. E ainda uma terceira e última consideração se refere ao fato que na contemporaneidade não cabe mais falar em famílias nucleares, pois as novas configurações familiares são cada vez mais crescentes e diferenciadas e não facilmente catalogáveis, como querem os discursos que falam em nome da família, como se essa fosse única.

Os discursos reforçadores dessa concepção do modelo familiar parecem querer sustentar uma abstração a partir dessa universalização de um ideal familiar que já há algum tempo parece ser insustentável.

Foucault (1985), ao falar sobre governamentalidade em um dos cursos ministrados no *College de France*, em 1º de fevereiro de 1978, discorre sobre a mudança da família, da metade do século XVIII, que passa da condição de modelo para a constituição de instrumentalização, no sentido de tornar-se instrumento para o governo da população. De acordo com Foucault:

Em outras palavras, até o advento da problemática da população, a arte de governar só podia ser pensada a partir do modelo da família, a partir da economia entendida como gestão da família. A partir do momento em que, ao contrário, a população aparece como absolutamente irreduzível à família, esta passa para um plano secundário em relação à população, aparece como elemento interno à população, e portanto não mais como modelo, mas como segmento. E segmento privilegiado, à medida que, quando se quiser obter alguma coisa da população - quanto aos comportamentos sexuais, à demografia, ao consumo etc. - é pela família que se deverá passar. De modelo, a família vai tornar-se instrumento, e instrumento privilegiado, para o governo da população e não modelo quimérico para o bom governo. Esse deslocamento da família do nível de modelo para o nível de instrumentalização me parece absolutamente fundamental, e é a partir da metade do século XVIII que a família aparece nesta dimensão instrumental em relação à população, como demonstram as campanhas contra a mortalidade, as campanhas relativas ao casamento, as campanhas de vacinação, etc. Portanto, aquilo que permite à população desbloquear a arte de governar é o fato dela eliminar o modelo da família (FOUCAULT, 1985, p. 288-289).

Os discursos construídos com ênfase nos valores morais familiares parecem enxergar a família com uma instituição em suspensão na sociedade, deixando assim perceber as muitas manobras que a utilizam como ferramenta para assegurar técnicas de controle e de poder exercidos pelas mídias, pelas ciências, pelo mercado financeiro, “... pelas várias pedagogias que circulam. Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas” (GOELLNER, 2008, p. 29).

Muitos e muitas homossexuais sofrem violentas pressões psicológicas por viverem crenças religiosas nas quais foram educados/as e que aprenderam que ser homossexual é pecado, é errado, merece castigo e condenação eterna. Muitas pessoas LGBTTT que passam por esse tipo de situação se veem levadas por atos de desespero, como se entregar à prostituição, já que não são aceitas naquele ambiente religioso que cresceram. E às vezes por culpa querem lhes impor uma suposta e mais aproximada, no sentido convencional, condição de pecadoras/res. Outros/as se entregam a martírios e a doenças psíquicas variadas, ou mesmo optam pelo suicídio, diante do extremo desespero e sofrimento por se sentirem rejeitadas, tanto pela família como supostamente por Deus. Segundo Borrillo:

... gays e lésbicas crescem e se desenvolvem em um ambiente que revela abertamente sua hostilidade ao homossexual. A internalização dessa violência, manifestada sob a forma de insultos, injúrias, enunciados depreciativos, condenações morais ou compaixão, conduz muitos homossexuais a lutar contra seus desejos, engendrando, não raro, graves problemas psicológicos. Culpa, ansiedade, vergonha e depressão são as principais manifestações desses problemas. O estereótipo ainda disseminado do homossexual incapaz de ter uma vida afetiva plena, sem família e crianças, e tendo que terminar seus dias em uma solidão insuportável, aliviada frequentemente pelo suicídio, assombra o espírito de diversos homossexuais (BORRILLO, 2009, p. 42).

Vários filmes relatam esse dilema familiar e religioso a que homossexuais se submetem, a exemplo do filme: *Prayers for Bobby*, drama produzido em 2009 por Russell Mulcahy, baseado em fatos reais, o qual conta a história de um jovem garoto, *Bobby* (Ryan Kelley), que se suicida aos vinte anos de idade em decorrência da pressão e sofrimento imposto por sua mãe *Mary* (Sigourney Weaver), uma religiosa extremada que segue uma interpretação bíblica que repudia as diferenças sexuais. Ela então quer curar seu filho, que em princípio tenta obedecê-la e acatar suas técnicas para curá-lo, mas ele percebe não se tratar de doença, sabe que não precisa ser curado, mas sim que sente desejo, carinho e afeto por homens, o que o realiza e faz feliz. O protagonista também descobre outras igrejas com interpretações bíblicas diferentes, que aceitam a homossexualidade, mas ainda assim não consegue se livrar do sofrimento de ser uma decepção para sua família, em especial para sua mãe, que rompe com ele dizendo que não vai ter um filho *gay*.

Essa história aqui tomada como exemplo representa muitas outras comumente encontradas entre famílias brasileiras, que por desconhecimento sobre a diversidade sexual e também por extremismos religiosos, condenam filhos e filhas homossexuais ao sofrimento, guetos, ou mesmo à morte.

Vale destacar que nesse filme baseado em fatos reais, a mãe *Mary*, depois da morte do filho, inconformada busca vários pastores para indagar aos mesmos se o filho vai para o inferno, já que ele era homossexual, e ela ainda está movida por seu fervor religioso. No entanto, o que ela descobre é o diário de seu filho *Bobby* e, por meio desse, uma igreja que ele frequentava, que possuía crenças diferentes das suas e que não condenava a homossexualidade como pecado. Ela se vê mais atônita e como forma de reparar seu engano, que ocasionou a morte de seu filho, torna-se uma ativista em prol dos diretos *gays*. Ao final do filme, declara: “Eu sei por que Deus não ‘curou’ o meu filho. Ele não o curou porque não havia nada de errado para ser curado” (MULCAHY, 2009, s. p.).

Os discursos religiosos contrários ao *kit anti-homofobia* tentam uma construção oposta a essa, pois querem insistentemente afirmar a noção unívoca da religião, fé, crença, valores, fazendo crer que todas/os as/os homossexuais são uma afronta a Deus, um pecado que deve ser punido em especial quando se pretende oferecer recursos pedagógicos que levem uma discussão contra a homofobia para as instituições escolares e possibilitem o debate e conhecimento sobre as diferenças sexuais e sobre a singularidade e diferença das pessoas, de como essas sentem desejos, afetos, assim como pessoas heterossexuais. Apenas elegem um/uma parceiro/ra do mesmo sexo para se relacionarem, o que não lhes retira a condição humana, os valores, a moral, a cidadania, a dignidade, pois, de acordo com Foucault:

Finalmente, outras diferenças dizem respeito ao que se poderia chamar *teologia* do sujeito moral: pois uma ação não é moral somente em si mesma e na sua singularidade; ela o é também por sua inserção e pelo lugar que ocupa no conjunto de uma conduta; ela é um elemento e um aspecto dessa conduta, e marca uma etapa em sua duração e um progresso eventual em sua continuidade. Uma ação moral tende à sua própria realização, além disso, ela visa, através dessa realização, a constituição de uma conduta moral que leva o indivíduo, não simplesmente a ações sempre conformes aos valores e às regras, mas também a um certo modo de ser característico do sujeito moral (FOUCAULT, 2010c, p. 36).

Em carta aberta endereçada à presidenta Dilma Rousseff, a ONG Feminista: Católicas pelo Direito de Decidir contesta o veto do *kit* por meio de argumentos que demonstram como os discursos religiosos não são universais e pertencentes às mesmas alianças discursivas analisadas anteriormente. Entre outras palavras, a carta aberta aponta:

Estamos estarecidas! A polêmica criada em torno do kit anti-homofobia e o recuo do governo federal ante as pressões vindas de alguns dos setores mais conservadores e preconceituosos da sociedade nos deixou perplexas [...] De que "costumes" estamos falando, senhora Presidenta? E de que "setores interessados"? Não se trata de "costumes", mas de direitos de cidadania que estão sendo violados recorrentemente em nosso país e em nome de uma moral religiosa conservadora, patriarcal, misógina, racista e homofóbica. Trata-se de direitos humanos que são negados a milhões de pessoas em nosso país! (CATÓLICAS CRITICAM..., 2011, s. p.).

Elegeu-se com intuito de ressaltar a construção desse dinamitar discursivo religioso, outro *corpus*, nesse caso apenas para corroborar as análises feitas anteriormente, pois os enunciados são dispersões dos discursos antes apresentados.

O *corpus* se refere a alguns comentários emitidos em respostas ao artigo de Emanuelle Bezerra, publicado em abril de 2011, no *site opinião e notícia*, nomeado com a enquete: “Você é a favor do kit contra homofobia do MEC?” (BEZERRA, 2011, s. p.). Para informar as/os internautas sobre o assunto, o artigo noticiou primeiramente o acontecimento *kit anti-homofobia*, divulgou os três vídeos que compõem o audiovisual *Torpedo*, e comentou a opinião de pessoas vinculadas a diferentes práticas discursivas, entre elas, um deputado, uma socióloga, uma educadora. E elucidou os posicionamentos favoráveis do Conselho Federal de Psicologia (CPF) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Posteriormente lançou a questão que pretendia descobrir qual a opinião dos/das internautas sobre a possibilidade de aprovação do *kit*.

No procedimento do recorte desses comentários buscou-se dar ênfase àqueles que versam sobre os enunciados da religiosidade, e destacar como os discursos se assemelham aos mesmos procedimentos analisados pelos pronunciamentos dos políticos Jair Bolsonaro e Magno Malta. Seguem abaixo 8 das 115 opiniões dadas em resposta ao artigo de Bezerra (2011).

Opinião de Santos Na data: 8 de abril de 2011 às 13:31

Sou totalmente contra este kit. Isto é um despeito e uma afronta às famílias estruturadas. Com a entrada deste material nas escolas, entrará também o desajuste familiar. Eu não sou contra a pessoa que tem este comportamento; sou contra as suas atitudes e sua falta de moral. No Princípio da criação Deus fez homem e mulher, macho e fêmea os criou e tudo que passar disso é aberração e falta de pudor [...]

Opinião de maria tereza (Rio de Janeiro) Na data: 8 de abril de 2011 às 14:41

... A meu ver os vídeos tem como objetivo levar os alunos a enxergarem o homossexualismo como algo totalmente normal e aceitável E NÃO O É. Respeito os homossexuais e de forma alguma discriminaria um deles, mas não sou obrigada a achar o homossexualismo natural e não quero que meus filhos considerem como algo normal uma aberração por imposição da sociedade. DEUS NÃO CRIOU HOMEM, MULHER E HOMOSSEXUAL. NÃO. DEUS CRIOU MACHO E FÊMEA E UNIU-OS FAZENDO-OS UMA SÓ CARNE [...]

Opinião de Elisa (Belo Horizonte, Minas Gerais) Na data: 9 de abril de 2011 às 2:04

Gente, EU JURO! No dia que um pai ou uma mãe olhar para seu filho ou filha em processo de crescimento e educação e, sonhando ou projetando para o futuro feliz dos mesmos e da família, disser: “Rezo para Deus mandar um companheiro para fazer meu filho feliz”, ou “Rezo para Deus mandar uma companheira para fazer minha filha feliz”, aplaudirei e incentivarei o tal de amor homossexual. Não é preconceito, como querem dizer os defensores da opção homossexual, mas tão somente respeito aos padrões sociais. [...] Os “Kits” que deveriam distribuir para todos os brasileiros é o da honestidade, do respeito a tudo e a todos, da cultura e da educação, do trabalho, do exercício da cidadania e outros desse gênero, a fim de que a espécie humana

deste Brasil se faça melhor, com fraternidade, solidariedade, amor, paz e todos os predicados que devemos possuir, os humanos, em franca evolução e ascensão aos desígnios de Deus [...]

Opinião de *clodomildo da silva* Na data: 11 de abril de 2011 às 9:29
deus e contra quen sou eu para ser afavor do kit [...]

Opinião de *OTAVIO GUERRA (Santa Maria, Rio Grande do Sul)* Na data: 14 de abril de 2011 as 15:07 [...]

... Deveria ser criado sim um kit de educação religiosa, por ser um valor deixado de lado, onde os ensinamentos de DEUS poderiam esclarecer as dúvidas de muitos jovens justamente na idade de 12 a 17 anos. [...] Espero que as autoridades sejam abençoadas em sabedoria, e não permitam que isso seja algo de mais discriminação. EU digo NÃO ao kit, há algo mais importante a se preocupar, uma vez que cada ser humano é livre pra fazer suas escolhas, deve se responsabilizar pelas mesmas.

Opinião de *magda luiza ferreira (Goiânia, Goiás)* Na data: 19 de maio de 2011 às 16:53 [...]

Sou a favor da distribuição do kit, pois as escolas devem ser laica e educar para a diversidade, e tem como papel formar cidadãos concientes de seus direitos e deveres.(e por que não respeitar o direito de todos sem excessão).

Opinião de *Sabrina* Na data: 22 de maio de 2011 às 23:2557

Eu sou contra,pois o que Deus criou homem nenhum faça mudar as leis de Deus,nem um homem pode mudar e principalmente a palavra de Deus não pode ser mudada pelo homem com as palavras do próprio homem o que está acontecendo com esse mundo? Sera que esta perdido? Mais jesus quando voltar isso ira mudar. Pois Deus criou homem e mulher e não outras coisas. sou contra contra e contra!!!

Opinião de *silmara (Ribeirão Preto, São Paulo)* Na data: 22 de maio de 2011 às 22:57

Contra [...] O livre arbítrio é um direito dado por Deus ao homem para decidir qual caminho deve tomar e não necessita de um governo fazendo apologia a homossexualidade nos nossos filhos que precisam de educação de qualidade [...] Não façam isso, respeitem nossos direitos de poder escolher o que e como fazer para intruir nossos filhos. A palavra de Deus nos dá o direito de escolher o bem ou o mal, a vida ou a morte; livre arbitrio é o que precisamos ter nesse momento em relação a esse kit, onde os pais são os responsaveis pela educação e formação dos seus filhos. [...] Povo de Deus, até quando vamos continuar passivos diante de tudo que temos visto? A igreja de Jesus na terra precisa se unir, se mostrar e só assim faremos verdadeiramente a diferença em nossa nação nesses ultimos dias. (BEZERRA, 2011, s. p).

2.2- O discurso psicológico

Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade, mas creio que na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial. (FOUCAULT, 1985, p.179-180).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) emitiu no dia 02 de fevereiro de 2011 um parecer favorável ao material *Kit anti-homofobia*, no qual destaca as qualidades do projeto. Afirma existir uma lacuna educacional no debate da diversidade sexual nas escolas, que será cumprida com o material. Defende que o *kit* “Representa material de vanguarda, pois são instrumentos de capacitação e formação continuada para o próprio professor, no sentido de referendar políticas educacionais e de saúde adotadas em âmbito nacional” (PARECER..., 2011, s. p.).

Por ser um longo parecer, destacar-se-ão apenas algumas partes que serão tomadas como *corpus* de análise, juntamente com outros dizeres de psicólogos/os, sobre o acontecimento em pauta. São elas:

O kit aborda aspectos psicológicos e pedagógicos, de modo a facilitar as discussões e a apreensão de novos conhecimentos por parte do professor, privilegiando o modelo participativo dialógico junto ao corpo docente. Tal metodologia didática é fundamental para garantir que os alunos e alunas em diferentes momentos do seu desenvolvimento possam interagir com o conteúdo de maneira singular, trazendo à tona os questionamentos próprios do seu entendimento da realidade e, em seguida, convida-os a avançar para novas formas de conhecimento sobre o tema. [...] O material do Projeto Escola Sem Homofobia é marcado por uma concepção epistemológica de compreensão dos indivíduos a partir das suas relações sociais, minimizando o fator biológico e explicações naturalizantes. Tal enfoque é extremamente importante e bem-vindo, pois provoca o enfrentamento necessário nas discussões acerca da constituição da subjetividade humana, desconstruindo concepções higienistas, geneticistas, hormonais e reprodutivistas que são divulgadas no âmbito de algumas religiões, pela mídia e pelo senso comum (PARECER..., 2011, s. p.).

Os enunciados que emergem nesse discurso são defensores das diversidades sexuais e da implementação nas escolas de um diálogo sobre as diferenças e sobre as práticas homofóbicas. No entanto, ainda que o CFP tenha por objetivo orientar, fiscalizar e disciplinar as práticas do/a psicólogo/a, nem todas elas são homogêneas e cumpridoras das determinações acatadas nesse conselho. O que é visto pelos diferentes posicionamentos das/os profissionais da área de psicologia.

Por exemplo, uma reportagem televisiva de Campo Grande/MS, exibiu entre outros discursos, o da psicóloga Denise Silva, que assim expõe:

Da forma como está sendo apresentada ela é mais negativa do que positiva, porque para você trabalhar com crianças, é, se o objetivo, se o foco é trabalhar o preconceito, né? O respeito em relação às diferenças, essa forma, essa didática, ou esse material, como querem chamar, ele não é adequada. (REPORTAGEM..., 2011, s. p.).

Na fala da psicóloga Susi Camacho, ela ressalta que “Nós temos aí vários aspectos que vão gerar polêmica e são discutíveis” (KIT GAY - PROGRAMA..., 2011, s. p.) Por sua vez, o psicólogo Valmor Borges destaca que “O que se observa é que um jovem nessa idade, nessa faixa etária ainda não tem maturidade suficiente para definir ou para perceber o que sente realmente” (CARTILHA SOBRE..., 2011, s. p.).

Outro discurso veiculou-se em uma entrevista para o programa *Nove Minutos*, da TV Tribuna, do Estado do Espírito Santo, concedida pela psicóloga Andréa dos Santos Nascimento, presidente do Conselho Regional de Psicologia do estado do Espírito Santo (CRP- ES). Nessa fala há uma explanação geral sobre o projeto *Escola Sem Homofobia*, o conteúdo educativo produzido e os objetivos pretendidos. Ela afirma que o material é:

... muito denso, muito complexo no sentido de esclarecer, dialogar, conversar sobre essas outras formas de expressão de sexualidade, na adolescência, na vida adulta, na verdade é preparar o jovem para discutir isso, sem preconceito, sem discriminação. É um olhar de conhecer, conhecer para conversar, e aí com isso construir um novo olhar, uma nova forma de lidar com essa questão da homossexualidade. [...] O kit em si [...] discute de forma teórica e didática a questão da sexualidade, a questão da identidade de gênero, o que é ser, o que a gente entende como ser mulher [...] ser homem [...] os papéis de feminino e masculino [...] e não agride de forma nenhuma, muito pelo contrário ele capacita adultos e adolescentes para a discussão [...] é um conteúdo bem responsável [...] De forma nenhuma ele agride e nem induz ninguém a prática alguma, ele discute os diversos comportamentos. (CRP 16 DISCUTE NO PROGRAMA..., 2012. s. p.).

Contudo, essa heterogeneidade de discursos dos/das psicólogos/as, deve ser considerada, não pelos sujeitos do enunciado, mas, antes, por quem é incitado/da a falar, pois, não se trata de meros pareceres, e sim de produções de discursos.

Constatam-se ainda, dois discursos predominantes nos enunciados sobre o discurso psicológico, e excludentes. O discurso oficial representado pelo CFP e pelo CRP-ES, e um discurso contestador desse, no sentido que há um rompimento com a oficialidade e um guiar por outra via. O que facilita mais uma vez a visualização do mecanismo do poder como idéia de capilaridade, ou “corpos periféricos múltiplos” (FOUCAULT, 2002), pois esse se constitui nas próprias relações, não se dá de cima para baixo, ainda que atue pela subversão do descumprimento de um discurso normatizador.

Mais que atuar como um poder subversor da norma do CFP, esse discurso produz discursos contrários ao material *kit anti-homofobia*, pois é instigado a emergir e, quando disseminado em veículos midiáticos, é recebido como discurso oficial, já que o psicólogo, a psicóloga, a exemplo dos/das aqui apontados/as, falam em nome de um

saber, de uma ciência psicológica. Quando emitem suas falas não são questionados/das pela discordância em relação ao CFP, antes, são incitados/das a falarem, o discurso é tomado como uma verdade da própria ciência e de seu *status* historicamente constituído. E assim ele produz subjetividades no seu exercício e prática de poder, sem necessitar da autorização do topo de uma cadeia hierárquica. É mais o anúncio de uma verdade imperativa, consentida pela via do poder que lhe foi dada, a qual não elabora explicações de seus enunciados. Por exemplo, na fala: “essa forma, essa didática, ou esse material, como querem chamar, ele não é adequada” (REPORTAGEM..., 2011, s.p.). Esse pronunciar: “não é adequado”, ao emergir do discurso de uma profissional autorizada a falar sobre condutas, desenvolvimento e comportamento humano, torna-se revestido por uma verdade quase inquestionável, já que a fala se processa em nome de um saber específico.

No entanto, há um silenciar sobre as próprias divergências teóricas e epistemológicas internas às próprias ciências. Como é o caso do discurso do psicólogo Valmor Borges, antes apresentado, que destaca que na faixa etária eleita para se trabalhar o material educativo, o/a jovem não está preparado/a por não ter maturidade suficiente para saber o que sente.

Esse é um viés cognitivo que a maioria dos estudiosos e das estudiosas do gênero e pluralidades sexuais não adotam, justamente por não abranger ou privilegiar a ampla e complexa constituição e reelaboração contínua a que todo ser humano está sujeito. Esse discurso parece não compreender que “A escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo” (SILVA; SOARES, 2008, p. 90).

Todo esse dinamitar discursivo permite a visualização de como o poder circula por entre as diferentes proposições, o que pode ser visto pelas categorias de análise aqui empreendidas. Apesar de estarem apresentadas em separado - apenas por fins didáticos - não se constituem concretamente de forma isolada, elas estão imbricadas umas nas outras, no sentido próprio do que é o discurso e o poder que se “exerce em rede” (FOUCAULT, 2002), expondo assim, a riqueza da pluralidade discursiva. Por exemplo, ao analisar o discurso psicológico, percebe-se como este se entrelaça com os discursos religiosos, biológicos, jurídicos, como é o caso da fala do psicólogo Valmor Borges, manifesta no Jornal da Record, emissora que mais veiculou matérias jornalísticas sobre o *kit*, com discursos fervorosamente contrários ao projeto no seu todo. Sabe-se que essa emissora é pertencente à Igreja evangélica Universal, ou seja, tem-se presente o discurso psicológico entrelaçado ao religioso e produzidos nos espaços da mídia.

De maneira que quem fala está diretamente relacionado às diferentes linhas que ora se juntam, ora se bifurcam em direções novas, para construção de novos saberes, pois de acordo com Deleuze “um dispositivo comporta linhas de forças”, ou ainda:

Dir-se-ia que elas vão de um ponto singular a outro, nas linhas de luz e nas linhas de enunciação; de algum modo, elas <<rectificam>> as curvas dessas linhas, tiram tangentes, cobrem os trajectos de uma linha a outra linha, estabelecem o vaivém entre o ver e o dizer, agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha. A linha de forças produz-se <<em toda a relação de um ponto a outro>> e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, ela está estreitamente enredada nas outras e é totalmente desenredável (DELEUZE, 2012, p. 1).

É claramente o dispositivo do poder no exercício de produção de saberes e no engendrar de novos dizeres, novos sujeitos que também propagarão seus discursos, construindo entendimentos variados sobre a diversidade sexual e de como essa deve ser pensada e conduzida nos espaços escolares. De acordo com Foucault “... o poder quando se exerce em seus mecanismos finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são acompanhamentos ou edifícios ideológicos” (FOUCAULT, 2002, p. 40).

As mídias televisivas de canais abertos e suas programações de alcance nacional, como é o caso de alguns jornais, programas de auditórios, humorísticos e novelas conseguem alastrar suas produções discursivas de modo muito eficiente e destacado, por terem um público assegurado em todo território brasileiro, algumas com alcance internacional. Já programações regionais evidentemente terão seu público restrito àquela região de acesso, como é o caso da fala da psicóloga Andréa Nascimento do CRP-ES, que concede uma entrevista para um jornal local. Embora seja um dos poucos discursos que conseguem elucidar detalhadamente os objetivos, conteúdos e temáticas cunhadas pelo projeto, sua fala é breve e restrita a um programa regional.

2.3- O discurso pedagógico

As manifestações de professoras/es, psicopedagogas/o e outras/os profissionais da área educacional representam um dos segmentos discursivos mais presentes no decurso do acontecimento *Kit anti-homofobia*, algo compreensível já que a aprovação ou não do material implica diretamente o exercício dessa prática pedagógica. O que para alguns/mas representa conquistas, ganhos, para outros/as configura-se como desafios ou

difíceis barreiras a serem transpostas, diante da dificuldade de se integrar o trabalho da sexualidade em suas ações educativas.

Para caminhar pela análise dos discursos pedagógicos elegeram-se quatro *corpus*, com discursos variados, os quais assim seguem:

Em declaração para o jornal Opinião e notícia – versão *online* - a socióloga especializada em sexualidade e coordenadora do Laboratório de Estudos de Gênero (LEG) da UFRJ, Anna Marina Barbara Pinheiro, considera que os argumentos do deputado Jair Bolsonaro são infundados:

Discordo absolutamente do deputado. Material pedagógico não estimula comportamento, em nenhum caso. Pode chocar, mas ninguém vai se tornar homossexual por discutir o assunto na escola. Este é o argumento mais raso que pode ser dado (BEZERRA, 2011, s. p.).

Para a socióloga existe uma carência do debate sobre a sexualidade na faixa etária estipulada pelo projeto, ou seja, 2º ciclo do ensino fundamental e ensino médio, e afirma: “Todo mundo nasce sexuado, mas a adolescência é a fase da explosão. Os adolescentes precisam ser educados sobre isso. Não adianta esperar que sejam instruídos só em casa. A escola tem um papel fundamental” (BEZERRA, 2011, s. p.). Esse entendimento tenta dismantlar os discursos vastamente difundidos nas mídias, de que o *kit* teria como meta estimular o comportamento homossexual dos/das estudantes, reforçado pela defesa de que abordagens sobre sexualidade devem ser feitas em casa (no espaço privado familiar). Contudo, esses discursos deixam de enfatizar que:

A função da educação não se reduz à transmissão formal de conhecimentos, sendo a escola um espaço público para a promoção da cidadania. O Estado democrático de direito assegura o reconhecimento da diversidade de valores morais e culturais em uma mesma sociedade, compreendida como heterogênea e comprometida com a justiça e a garantia universal dos direitos humanos e sociais. A vivência escolar permite a apresentação da realidade social em sua diversidade (DINIZ; LIONÇO, 2009, p. 9).

Na mesma matéria são apresentadas as considerações da professora Telma Coelho, que exerce a prática pedagógica há cerca de 30 anos, e está há seis no Colégio Estadual Presidente Antônio Carlos, na cidade do Rio de Janeiro. Ela corrobora a colocação da socióloga Anna Marina B. Pinheiro e diz que a escola não tem este poder. “Nenhum aluno que não tenha nenhuma tendência homossexual irá se transformar por ver um vídeo. O que pode acontecer é, após a exibição, um aluno homossexual se sentir mais livre para se assumir” (BEZERRA, 2011, s. p.). Afirma que este é um assunto

velado nas escolas, pois “Por mais que esteja claro que a pessoa é *gay*, os colegas não tocam no assunto. Só há brincadeiras entre aqueles que não são. Os homossexuais em geral são respeitados dentro de sala” (idem).

De acordo com a publicação da Folha de São Paulo, de 26 maio de 2011, “... a socióloga Miriam Abramovay, [...] também viu como um retrocesso o recuo do governo, e afirma ser um erro pensar que vídeos podem incentivar jovens a se tonarem homossexuais” (PINHO; GALLO; 2011, p. A8). Já a professora Débora Diniz afirma não entender a controvérsia em torno do *kit*:

O puritanismo que crê ser possível falar de sexo e sexualidades sem exibir práticas e performances foi respeitado pelo material do MEC. Bianca é uma voz desencarnada em um vídeo sem movimento. Não vemos Bianca em ação, conhecemos apenas o seu rosto. Só sabemos que Bianca existe, quer ir à escola e sonha em ser professora. Ela insiste que para ser professora precisa ir à escola. Mas ela depende da autorização dos homens homofóbicos de sua sala de aula, que ameaçam agredi-la. Bianca agradece às suas professoras e colegas que a reconhecem como uma estudante igual às outras. Sozinha, a escola pode ser um espaço aterrorizante [...] O verdadeiro material do MEC tem um objetivo claro: sensibilizar professoras e estudantes para a mudança de mentalidades. Uma sociedade igualitária não discrimina os fora da norma heterossexista e reconhece Bianca como uma adolescente com direitos iguais aos de suas colegas. Mas, diferentemente do fantasma conservador, a mudança de mentalidades não prevê uma subversão da ordem sexual – os adolescentes não serão seduzidos por propagandas sexuais a abandonarem a heterossexualidade. A verdade é que o material do MEC não revoluciona a soberania da moral heterossexista, mas contesta a falsa presunção de que a homofobia é um direito de livre expressão. Homofobia é um crime contra a igualdade sexual (DINIZ, 2011, s. p.).

Esses são enunciados que emergem de discursos defensores da inclusão do debate e reflexão sobre diversidade sexual e estudos de gênero na escola, ou seja, enunciados que caminham ao encontro do foco teórico explicitado no *kit*, por isso se constituem como defesa da utilização do material educativo. No entanto, vários outros e diferentes posicionamentos e discursos foram emitidos no meio educacional a respeito do material.

As ações pedagógicas são fundamentadas a partir de associações ou rupturas com *epistemes* “que formam o saber de uma época” (ARAÚJO, 2008, p. 59), a partir da compreensão de Foucault que define *épistémè*, como:

... eu definiria *épistémè* como o dispositivo, estratégico que permite escolher, entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poderá dizer: é falso, é verdadeiro. É o dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável (FOUCAULT, 1985, p. 247).

Outras práticas discursivas também realizam suas eleições, suas escolhas, mas a prática discursiva educacional é comumente reconhecida por suas distinções, ou mesmo divergências internas acentuadas. A falta de consenso epistemológico, teórico, metodológico, didático mobiliza as próprias atuações dessa prática, o que não representa algo negativo, já que a heterogeneidade enriquece as práticas, mas também favorece uma luta de poder por prevalência de alguns saberes em detrimento de outros. Não raro, algumas práticas estão menos preocupadas com problemáticas manifestas, como a homofobia, e mais voltadas para a defesa de suas convicções e *epistemes* a que se credenciam, ou mesmo filiam-se.

É justamente essa heterogeneidade discursiva que permite a compreensão sobre a trama em torno do *kit*, que possibilita seguir os fios dessa trajetória e levantar questionamento sobre ela e o que pronuncia sobre a diversidade sexual na contemporaneidade, ou de como essa é vista, pensada e produzida. Pois, de acordo com Fischer, “considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso” (FISCHER, 2001, p. 212).

Essa heterogeneidade discursiva referente aos enunciados propagados pelo discurso pedagógico é aqui expressa por meio do destaque do seguinte *corpus*:

O jornal Estado de São Paulo veiculou a seguinte matéria: “Decisão da presidente divide educadores. Especialistas divergem se é papel da escola ser a transmissora desse tipo de orientação aos adolescentes” (BALMANT, 2011, p. A18). Ainda de acordo com a matéria, o professor da faculdade de psicologia da PUC, Ari Reheld, afirma: “não dá para o Estado se colocar na posição de pai, tratando o povo como um filho imaturo. Não é seu papel influir na cultura de um povo e dizer quem tem a verdade, independente de qual seja ela” (idem). Para esse professor o vídeo possui qualidades, mas “Entre o vídeo ser bem feito e o conteúdo passar na escola há certa distância que precisa ser levada em conta” (BALMANT, 2011, p. A18).

Nesses enunciados percebe-se uma contradição impressa na própria realidade da educação escolar em sua amplitude, pois a maneira como os currículos se organizam, a fragmentação do ensino por séries, semestres, a distribuição de carga horária, o sistema avaliativo, os conteúdos eleitos, as didáticas de ensino utilizadas, as datas comemorativas anualmente e repetitivamente festejadas, todos esses segmentos são intervenções na cultura e na esfera da vida privada onde são exercitados.

Já em outra mídia a professora Hilda Crispim, assim se manifesta: “O problema na verdade não é sair do armário [...] essa frase deles é o momento agora, eles sair agora, por modismo, depois eles perceberem que o caminho não é esse” (KIT GAY NAS ESCOLAS..., 2011, s. p).

O discurso impresso nesse enunciado reafirma a presença exclusiva da heterossexualidade como único caminho certo para se viver uma orientação sexual e ressalta de forma sutil que o trabalho com a diversidade sexual configura-se em um modismo passageiro. Esse enunciado, provavelmente, advém da percepção de certo destaque da temática homossexual presente em algumas mídias, como telenovelas, debates em programas de entretenimento, divulgação de eventos promovidos pela AGLBT, como a Parada *Gay* da cidade de São Paulo, que alcança repercussão nacional em algumas mídias.

O que faz do enunciado compreensível em alguns aspectos - mesmo longe de representar um modismo - pois existe uma crescente aparição das homossexualidades nas mídias, ainda que sejam elaboradas ou propostas de forma a corroborar o padrão androcêntrico, normativo comum à heterossexualidade, noção que necessita ser constantemente desconstruída. Como afirma Iara Beleli:

Sem dúvida, a visibilidade de gays e lésbicas nas telenovelas, e de forma mais tímida na publicidade, é crescente. Mesmo as imagens sarcásticas – exibidas no passado recente e, certamente, não erradicadas –, de certa forma, ofereciam inteligibilidade a personagens gays e lésbicas, etiquetando esses sujeitos a partir de normas estabelecidas. Na mudança, o encapsulamento dos personagens gays e lésbicas em um modelo de família parece ser um recurso utilizado para aproximar ainda mais esses sujeitos das convenções estabelecidas (BELELI, 2009, p. 128).

Por sua vez, o professor Petterson Paim, afirma que: “O vídeo eu acho ele tinha que combater a questão do *bullying* contra os homossexuais e não incentivar as pessoas que tem alguma dúvida a serem homossexuais também” (KIT GAY NAS ESCOLAS..., 2011, s. p.).

Esse discurso tenta se aproximar da defesa do combate ao *bullying* homofóbico, contudo, ao mesmo tempo, traz um discurso antagônico, quando afirma que da maneira como foram produzidos os vídeos eles podem incentivar as pessoas que têm alguma dúvida. Deixa explícita a defesa inquestionável de uma hegemonia da heterossexualidade, ou seja: na menor dúvida, que prevaleça a norma, o correto, nessa perspectiva, a heterossexualidade.

Outro professor, Gleison Souza, entende que: “O vídeo é uma coisa, no dia-a-dia é muito diferente disso, então, é difícil tratar essa questão” (KIT GAY NAS ESCOLAS..., 2011, s. p.).

Esse discurso exemplifica a presença de muitos outros semelhantes, e reiteradamente encontrados no meio educacional, a dificuldade de se trabalhar com a temática Educação Sexual.

Para falar sobre essa dificuldade, Jimena Furlani retoma uma frase: “Que bicho é esse?” do livro infantil de Cida Lopes, e mostra como os temas sexo e sexualidade são vistos analogamente como bichos, monstros. A autora expõe:

Entendo que a metáfora que se apresenta nesta pergunta/título permite-me considerar que na Escola, “sexo”, “sexualidade” e, acrescento, “gênero”, são assuntos, ao mesmo tempo, de difícil abordagem e de completo fascínio. Mexem com o pavor e o pânico das/os educadoras/res mais conservadoras/es e desatentas/os, ao mesmo tempo em que aguçam e estimulam desejos e prazeres de um mundo, para muitos, pouco explorado, desconhecido ou ignorado (FURLANI, 2007, p. 275).

A psicopedagoga Quézia Bombonato, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia elabora o seguinte discurso sobre o *ki anti-homofobia*: “Foi muito inadequado, isso reflete o que e como está sendo vista a educação no nosso país [...] Será que também não estaríamos aí fazendo uma apologia de uma sexualidade precoce, qualquer que seja ela?” (PROJETO KIT..., 2011, s. p.).

É interessante observar como esse discurso é contraditório ao próprio saber elaborado pela psicologia, uma das disciplinas norteadoras da psicopedagogia. Pois, desde os estudos elaborados por Sigmund Freud, pai da psicanálise, - referencial teórico básico dos cursos de psicopedagogia - sabe-se que a sexualidade da criança está presente desde seu nascimento, não é restrita ao adulto, conhecimento tido muitas vezes por pessoas leigas. Como então compreender um enunciado que declara que o *kit* pode ser uma apologia de uma sexualidade precoce?

Uma possibilidade é pensar aquilo que esse discurso tenta ocultar. Quando o discurso polemiza a questão da sexualidade precoce, ele distorce o olhar para outros discursos, como a erotização infantil empreendida pelas mídias, pelo mercado, em diversas modalidades, como músicas, filmes, vestimentas, brinquedos etc., o que para muitas perspectivas teóricas, ou mesmo para mães, pais e pessoas responsáveis por crianças constituem-se em uma realidade a ser pensada ou desconstruída. No entanto,

esse debate não é o foco proposto pelo *kit anti-homofobia*, ele pode até fruir desse projeto, mas não é seu objetivo principal.

O discurso mais uma vez pretere a discussão do necessário combate à homofobia e cria, produz uma série de polêmicas centrada na temática da sexualidade, distorce o foco dos enunciados para longe da esfera oriunda do acontecimento.

Outra psicopedagoga, Maria Irene Maluf, também expõe um discurso contrário ao material, ao afirmar:

Quando você tem uma criança que não tem maturidade suficiente para entender um assunto, quando você desperta nela aquelas questões você está gerando angústia nela. Ela vai começar tentar entender, sendo muito imatura, não compreendendo ela vai começar a ficar angustiada sim. A cabecinha que deveria estar voltada para educação, para aprendizagem das letras, aprendizagem dos números, começa a tá voltada para questões da sexualidade que deveriam aparecer mais tarde (PROJETO KIT..., 2011, s. p.).

Esse discurso se constitui num viés de negação não apenas da diversidade sexual, mas da própria sexualidade ou de qualquer manifestação de afeto, desejo, singularidade. O que para Bell Hooks significa que “a paixão não tem lugar na sala de aula” (HOOKS, 2010, p. 115), já que a paixão ou afeto, quando presentes na sala de aula são interpretados numa conotação sexual, no sentido restrito do ato sexual. Ou ainda, tal enunciado pode ser compreendido como uma dificuldade, o enfrentar de uma barreira do/da próprio/a educador/ra que não parece se sentir na maioria das vezes, pronto/a, para transpô-la. O que para Débora Britzman significa que:

Por trás dessas preocupações estão as ansiedades da própria professora: de não estar preparada para responder as questões das estudantes e de que a aula se dissolva numa luta de poder entre o conhecimento das estudantes e o conhecimento da professora (BRITZMAN, 2010, p. 90).

A angústia que a psicopedagoga supõe que o material possa gerar na cabecinha dos/das alunos/as parece ser mais apropriadamente atribuível aos/as professores/as que relutam em se aproximar de temáticas que tratem sobre a sexualidade, ou mesmo vinculadas a essa. A angústia, antes de ser dos/das alunos/as, de qualquer idade, é produzida nos/nas mesmos/as, seja pela escola, por familiares, ou por uma ampla cultura que anuncia, propaga, exalta a todo o tempo o sexo, a sexualidade, os corpos, mas que, contraditoriamente, se intimida quando o assunto é Educação Sexual. Nesse momento os discursos se tornam introvertidos, retraídos e geralmente preferem deixar o assunto para mais tarde.

2.4- O discurso jurídico

Estamos na sociedade do professor-juiz, do médico-juiz, do educador-juiz, do “assistente social”-juiz; todos fazem reinar a universalidade do normativo; e cada um no ponto em que se encontra, aí submete o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos. A rede carcerária, em suas formas concentradas ou disseminadas, com seus sistemas de inserção, distribuição, vigilância, observação, foi o grande apoio, na sociedade moderna, do poder normalizador (FOUCAULT, 1986, p. 266).

Ao reler essas palavras do filósofo Michel Foucault, diante da proposta de tecer uma análise dos discursos jurídicos propagados sobre o *kit anti-homofobia*, uma ideia parece reluzir a partir das análises anteriormente já realizadas, que se aproximaria da suposição de que a maioria dos demais enunciados - apresentados ao longo desse capítulo - concentra uma grande dosagem do discurso jurídico, a exemplo do que afirma Foucault: “Estamos na sociedade do professor-juiz, do médico-juiz, do educador-juiz, do “assistente social”-juiz” (idem), ou seja, a ideia de que todos e todas querem fazer “reinar a universalidade do normativo” (idem).

Essa proliferação discursiva mobilizada em torno de um material educativo proposto para combater a homofobia em instituições escolares parece agir numa busca de preceituar uma normatividade da sexualidade, ou antes, ratificar aquela já existente nessas instituições, que é uma sexualidade convencional à norma, à heteronormatividade.

Ao passear por entre os diferentes enunciados emitidos em função do acontecimento *Kit*, foi possível também encontrar algumas enunciações, específicas de profissionais da área do Direito. Tomar-se-á como *corpus* de análise, o discurso de um promotor, de um advogado e de um juiz. No entanto, sem abandonar a perspectiva antes apontada, de que a grande maioria dos discursos emitidos sobre o assunto em pauta se encontram também inseridos, carregados do discurso jurídico, ou deles pouco se difere.

De acordo com o promotor de infância e juventude, Sérgio Harfauche, “A criança ela não tem uma formação suficiente para esse tipo de definição. E isso cabe mais uma vez à família e isso parece uma invasão, até mesmo do espaço da escola e principalmente da família” (REPORTAGEM SOBRE O KIT GAY..., 2011, s. p.).

Interessante observar essa noção de invasão dos espaços escolar e familiar, ou seja, uma suposição de que o *kit* seria um passe para uma invasão homossexual nas escolas. É um discurso bem próximo do linguajar bélico, que incita pensar que existe

uma guerra na qual o inimigo precisa ser afastado para a preservação familiar e manutenção da ordem estabelecida nas escolas, por meio de um “poder disciplinador” Foucault (1986), em que cada gesto, olhar, postura é controlado pelas técnicas disciplinares escolares, como os horários fragmentados, tarefas e prazos de entrega, conteúdo pré-selecionados. Uma ordem simétrica e calculada, garantidora da submissão dos corpos em sala de aula, por meios das barreiras, dos limites impostos, na tentativa de controlar possíveis invasões, ou ainda, com objetivo de convocar falas, incitar dizeres, por exemplo, com a dinâmica dos aclamados círculos em sala de aula, - tido como inovadoras didáticas - os quais são perspicazes formas de controle, pois quanto mais o sujeito discursa, se expõe, mais é possível exercer um controle, e assujeitá-lo pela sua própria fala.

O advogado Olavo Peregrina Junior – presidente da Comissão de Direito da Família, Infância e Juventude - OAB de Bauru-SP, pronunciou-se da seguinte forma: “O que gera alguma preocupação, até uma divulgação do ministro Haddad na imprensa, dizendo que uma das cartilhas contém uma cena de sexo entre dois homens, o que parece ser bastante inadequado para uma discussão em sala de aula” (BRASIL..., 2011, s. p.).

Nesse enunciado vê-se a tentativa de mais uma vez criar uma ojeriza em torno da hipótese da presença de um conteúdo pornográfico no *kit*, também utilizada pelo senador Magno Malta - análise do tópico religioso -, o que diante dessa recorrência obriga o retomar das análises dos vídeos realizadas no capítulo 1, por meio das quais se pode verificar que em nenhum momento há cenas de uma intimidade sexual entre os/as personagens, assim como não existe a cartilha que alguns discursos tentam insistentemente em “fabricar”, com o auxílio do rememorar da Cartilha do Ministério da Saúde de 2008, antes mencionada.

Salta aos olhos a existência de uma manobra que vincule a homossexualidade à sexualidade desregrada, à promiscuidade e à depravação. Produzindo assim, por meio desses argumentos, uma verdade que reforça o discurso da necessidade de preservação dos valores morais e familiares da invasão ameaçadora das homossexualidades.

Em outro discurso, o Juiz Federal William Douglas, titular da 4ª Vara Federal de Niterói - Rio de Janeiro e Professor Universitário, inicia sua fala com proposições em defesa dos direitos homossexuais, no entanto, mais adiante declara que o *kit* é prejudicial e ineficaz em sua proposta. Segue o *corpus*:

Respeitar o homossexual é dever cristão, além de contingência da democracia. Vale lembrar que Jesus evitou o apedrejamento de uma pecadora. Em seguida, disse para que abandonasse o pecado, mas não deixou que fosse aviltada. Assim, falta aos cristãos entender que respeitar direitos e escolhas não significa compactuar com o que a Bíblia chama de pecado, mas sim seguir o exemplo de Cristo.

Do outro lado, os ativistas, onde têm maioria, agem com igual intolerância. Nesse passo, o exagero de quem preparou o kit prestou um desserviço ao combate à homofobia, uma vez que o conteúdo choca e afronta a maioria da população. E, lembremos, maioria também é gente. O kit, como estava, era uma invasão na forma que cada família tem de educar seus filhos. Impedir sua distribuição foi gesto de coragem da Dilma, respeitando os direitos humanos dos cristãos, judeus e muçulmanos no Brasil. Maiorias também têm direitos humanos.

O “kit gay” e a tentativa de criminalizar a fé afastam os religiosos moderados, afrontados com uma campanha teofóbica e heterofóbica. É uma tirania às avessas. Isso faz com que a maioria dos cristãos, de índole pacífica, precise se mobilizar para que seus filhos não sejam objeto de apologia de opção sexual. Pior, parte dos ativistas gays chama o direito de opinião dos “bíblias” de homofobia, em exagero que lembra Narciso, que “acha feio tudo que não é espelho”. Combater a discriminação é uma coisa, o “kit gay” é outra (DOUGLAS, 2012, s. p.).

A construção desse discurso inicia-se pela defesa de uma democracia, descrita como garantidora dos direitos de todos/as, sejam homossexuais ou heterossexuais. Nas minúcias em que o discurso se constitui, pontuam-se as infrações cometidas contra essa suposta ordem democrática. De um lado, os extremismos religiosos com o desrespeito às pessoas homossexuais; do outro, o excesso, intolerância, tirania dos/as ativistas LGBTTTT contra religiosos/as. Percebe-se, mais uma vez, a presença do interdiscurso, pois utiliza-se amplamente o discursivo religioso para fundamentar uma formação discursiva que em princípio refere-se ao discurso jurídico.

Diante das proposições desse enunciado, faz-se preciso lembrar que, comumente o Direito é reconhecido como prática sancionadora da verdade, de determinações, julgamentos e deliberações, no entanto pouco se percebe que o Direito se instala a partir da sujeição do indivíduo que o instituiu, o qual se torna refém das armadilhas que ajudou a construir. Esse discurso que parece em partes defender os direitos das pessoas LGBTTTT também as quer aprisionar por meio de um poder disciplinar, nesse caso, exercido pelo dispositivo judiciário, de acordo com o entendimento de Foucault:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior <<adestrar>>; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. <<Adestra>> as multidões confusas,

móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina <<fabrica>> indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. E são eles justamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificá-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos. O aparelho judiciário não escapará a essa invasão, mal secreta. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 1986, p. 153).

Os discursos jurídicos sobre o *kit* parecem apenas vir em defesa de um poder disciplinador, eficientemente já instalado nas instituições escolares, uma vez que essas rotineiramente mantêm, criam, reelaboram, mecanismos e dispositivos de adestramento de alunas e alunos nos seus espaços.

Nada se passa nessas instituições sem que haja a presença do esquema panóptico, compreendido aqui, a partir da definição de Foucault:

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e olhar de um vigia captam melhor a sombra, que finalmente protegia (FOUCAULT, 1986, p. 177).

Esse dispositivo é exercido por todos e todas nos espaços escolares, já que “pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder.” (ibid., p. 178). É exercido por professoras/es, diretoras/res, mas também por alunos/as, mães, pais, comunidade escolar, sociedade no sentido mais amplo, por meio das múltiplas instâncias de controle, como as mídias, as ciências. E, a exemplo do próprio acontecimento *kit*, que de alguma forma tem nesse ziguezaguear discursivo uma manifestação de como são praticados os controles de poder nas escolas, os quais são facilitados pelo esquema panóptico.

Os discursos jurídicos surgem para reivindicar sua parte nessa “... máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 1986, p. 178).

Uma questão parece se instalar: por que a homofobia não é combatida nas instituições escolares? Pois, se existe um dispositivo que tudo controla e vê, pode-se

imaginar que existe uma visibilidade das práticas homofóbicas nesses espaços, elas não são ocultas ou despercebidas.

Contudo, a partir dessas considerações, vê-se que o material educativo *kit anti-homofobia* parece funcionar menos como instrumento de combate à homofobia e mais como um dispositivo que enaltece a heterossexualidade como norma.

Como o próprio filósofo elucida, “A visibilidade é uma armadilha” (FOUCAULT, 1986, p. 177), nesse caso, parece que a própria visibilidade das diferenças sexuais nas instituições escolares tem se referendado nesse discurso jurídico da sanção normalizadora, que no lugar de combater discriminações e violências, atua em nome de outras defesas, valores, normas, em nome de uma heteronormatividade. Parece não existir uma preocupação com uma sociedade homossexual ameaçada, pois, segundo Foucault:

O panóptico, ao contrário, tem um papel de amplificação; se organiza o poder, não é pelo próprio poder, nem pela salvação imediata de uma sociedade ameaçada: o que importa é tornar mais forte as forças sociais – aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral pública; fazer crescer e multiplicar (FOUCAULT, 1986, p. 183).

2.5- O discurso biológico

Helena disse: 28 de dezembro de 2010 às 18:36 ... o que aprendemos na escola é – e deve ser – tão somente a questão orgânica do corpo humano: genética, sistema reprodutivo, hormonal, etc. E, quando estudamos a natureza do ser humano, não temos como fugir contexto macho-fêmea. Ou os homossexuais vão querer provar que a opção deles também vai de encontro às determinações naturais? Afinal, a natureza estabeleceu a sexualidade com o único fim de perpetuar as espécies. [...] Portanto, podemos afirmar que a natureza criou um sistema auto-sustentável de vida e que, a não ser por meios artificiais, os homossexuais impedem o propósito da natureza, de modo que não tem como fugir da questão da antinaturalidade [...]. Assim, a escola devemos apresentar tão somente aquilo que é natural, ou seja, aquilo que vem da natureza [...] A não ser que os homossexuais consigam provar cientificamente que a sua opção sexual promove o propósito da natureza – perpetuação da espécie – o assunto não deverá jamais ser tratado em uma escola, pois que tange um assunto de foro íntimo, e não de conhecimento científico [...] Deixem que as escolas cumpram seus verdadeiros fins – contratando bons professores, melhorando as estruturas, valorizando os profissionais – e que as famílias cuidem do que lhe compete...

Pascoal disse: 2 de fevereiro de 2011 às 18:18 Ninguém é induzido a ser gay... Ou se é gay ou não é!!! [...] A homossexualidade precisa ser compreendida urgentemente como natureza... agora os excessos... existem em todos os níveis de sexualidade.. e é ae que esta o papel da educação.

Gilberto disse: 6 de fevereiro de 2011 às 11:11 Homem transando com homem é no mínimo muito nojento. São patologias cerebrais e hormonais que caracterizam o homossexualismo. [...]

Givanildo Fontana disse: 8 de abril de 2011 às 9:37 Não tem como aceitar, homossexual com todo o respeito é um problema comportamental crônico, não importa a quantidade, precisamos combater com todas as nossas forças numa direção para acabar com este crescimento. [...]

M. Cysneiros disse: 12 de abril de 2011 às 20:03 Uma pergunta: Eu conheço genes masculino e feminino, por acaso existe genes gay? Não sou preconceituoso e devemos aceitar o outro, agora achar que isso é normal, não é mesmo! Deus não criou o genes homossexual! [...]

andré disse: 29 de abril de 2011 às 17:31 Pessoal.... gay nasce gay. Não adianta lutar contra a natureza: tem cachorro gay, cavalo gay, macaco gay. É genético. Se a criança nasceu gay, vai se aceitar melhor. Se não nasceu, não vai virar gay por causa disso. É importante ensinarmos o valor do respeito pelos diferentes, e evitar toda essa violência simbólica e física contra os gays. (CUTRIM, 2011, s. p.).

Os excertos acima comportam enunciados que transitam entre o discurso biológico, psicológico, psiquiátrico. O que pode ser visto pelo entendimento das homossexualidades como constituidoras de uma afronta à sexualidade natural (macho/fêmea), ou como patologias cerebrais e hormonais, desvio de comportamento, ou advindas de uma dada carga genética que comportam os genes homossexuais.

Ao observar tais proposições, vê-se que essas transitam por algumas áreas de saber, como psicologia, psiquiatria, genética, mas todas se referenciam ou emergem de um saber biológico, naturalizante e essencialista. Este constrói uma explicação causal para a homossexualidade, bissexualidade, lesbianidade, travestilidade, transexualidade, saber que transita entre, produzi-la como afronta a uma naturalidade dicotômica, - lida por macho/ fêmea, homem/mulher - ou por uma explicação biologicista que atribui uma ordem da nascença para as homossexualidades, que afirma: ele/ela nasceu assim, não há mais o que ser feito para inverter essa realidade posta corporalmente, biologicamente.

Esse viés discursivo é utilizado como uma produtividade estratégica de poder que enreda o/a homossexual para um espaço no qual ele é posto como refém, assujeitado/a por uma ordem natural, devendo assim, apenas seguir seu caminho preso/a às amarras desse determinismo biológico.

Ainda que esse discurso tente por vezes sair em defesa dos direitos homossexuais, a exemplo das falas acima listadas, emitidas pelos/as internautas Pascoal e André, há um risco por deixar-se capturar por todo um sistema pré-discursivo, que produz uma visão contrária à historicamente empreendida pelo movimento feminista,

movimento gay, lésbico ou LGBTTTT, arquitetada numa busca por reconhecimento de direitos, igualdade de oportunidades, respeito diante das diversidades e diferenças, num território social e cultural oposto àquele advindo dos saberes biológicos, essencialistas ou naturalizantes. De acordo com Dinis:

Na tentativa de se desviar do discurso moralista, que via a homossexualidade como desvio de caráter, falhas no processo educativo familiar ou resultado de patologias hormonais, enfatiza-se cada vez mais a idéia de que o sujeito nasce homossexual ou heterossexual, desculpabilizando-o do comportamento homossexual, já que não seria uma questão de escolha, mas de determinação. Tal justificativa tem impulsionado mesmo algumas pesquisas biológicas que investem na procura dos genes que definem a orientação sexual (DINIS, 2008, p. 485).

Já para Louro os discursos defensores de uma sexualidade naturalmente dada colaboram para que se torne “sem sentido argumentar a respeito de uma dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído” (LOURO, 2010, p. 11). Aponta ainda que tal entendimento “se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma” (idem).

No primeiro enunciado acima listado, os dizeres voltam-se para a questão do trabalho ou ensino da temática sexualidade nas escolas. A internauta afirma: “... o que aprendemos na escola é – e deve ser – tão somente a questão orgânica do corpo humano: genética, sistema reprodutivo, hormonal etc.” (CUTRIM, 2011, s. p.). Articula sua fala a partir de uma vivência que se propaga e repete na maioria das escolas brasileiras, ou seja, não existem aulas sobre educação sexual, mas uma prevalência do discurso sistema reprodutor. Algumas escolas começam a modificar suas práticas pedagógicas nesse sentido, mas ainda é uma tímida iniciativa, o que pode ser confirmado pelas próprias palavras de educadores/ras, conforme visto pela análise do discurso pedagógico.

Esse discurso constitui-se também como amostra de tantos outros semelhantes, encontrados em função dessa pesquisa, por meio dos diferentes *sites* da Internet, *blogs*, mídias etc., percorridos nesse esmiuçar dos arquivos referentes ao acontecimento *kit anti-homofobia*.

Eles mostram a ausência de uma Educação Sexual que fuja aos estereótipos dicotômicos de gênero, ou das atribuições da sexualidade encerradas a uma função reprodutiva, em demérito de uma sexualidade múltipla, em constante constituição, que não seja vista unicamente como ato sexual. Mas também como o prazer do contato, do toque, do olhar, do olfato, dos afetos construídos, das múltiplas possibilidades de gozos,

dos jogos sexuais infinitos e não necessariamente ato, coito sexual, mas jogos prazerosos, presentes cotidianamente na vida de crianças, adultos, adolescentes, idosos, os quais estão fora e dentro da escola, mas absolutamente dentro da escola, como forma de romper, de subverter as asperezas, os conhecidos enrijecimentos dos espaços escolares.

De maneira que, falar da sexualidade enquanto reprodução humana é apenas uma forma de ocultar, distanciar-se de uma realidade constante, presente, já que a sexualidade está em todos os lugares, ela é vivida, elaborada, produzida, construída e reconstruída a todo o momento. Quando o/a professor/a resume a temática da sexualidade à reprodução humana, ele sepulta os movimentos, a maleabilidade própria da sexualidade e com isso consegue gerar olhares desconfiados, inseguros, confusos, perdidos e muitas vezes decepcionados. O que certamente se consegue é ofuscar o brilho da curiosidade direcionada a pensar, abstrair, elaborar, construir ou desconstruir compreensões sobre a complexidade de si mesmo como sujeito e do outro, não como fenômeno encerrado pela natureza, mas reelaborado nas inúmeras possibilidades dadas cultural e socialmente.

A respeito dessa discussão Furlani afirma que:

... o principal papel da educação sexual é, primeiramente, desestabilizar “as verdades únicas”, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas (FURLANI, 2008, p. 69).

Não por acaso esses discursos ainda ressurgem em função de acontecimentos como o *kit*, pois esses não afloram por uma clareza e crítica isolada, são antes frutos de um dispositivo da sexualidade e educação que historicamente vem produzindo afirmações sobre o corpo normal, a sexualidade adequada, o modelo ideal a ser preservado. De acordo com Dinis:

A educação foi marcada por uma concepção do sujeito baseada em proposições herdadas da Psicologia da Aprendizagem e da Psicologia do Desenvolvimento, repletas de descrições normativas e naturalizadas, legitimadas pela Biologia, e particularmente por uma determinada leitura darwinista da evolução, fazendo com que o olhar sobre a diversidade fosse ordenado e sistematizado em uma escala hierárquica de desenvolvimento (DINIS, 2008, p. 481).

2.6- O discurso leigo

Fernando disse: 21 de maio de 2011 às 3:05

PROJETOS

Imaginemos as ridículas cenas,
 Engravatamos (*engravatados*) e suas trenas,
 Medindo o tamanho da língua.
 Enquanto pobres e negros,
 Cidadãos sem sossegos,
 E velhos esquecidos morrem à míngua.
 Pobres pais, pobres mães,
 Amordaçados como cães,
 Pela lascívia de quem deveria responder;
 Pelo voto que votamos,
 Pelos impostos que pagamos,
 Pelo respeito que deveríamos ter.
 Pobres meninos, tão inocentes,
 Nem sabem ainda o que é ser gentes,
 E ainda espalham este torpor,
 Homem com homem, mulher com mulher,
 Religião, preconceito, raiva, ódio, fé,
 Miséria, homofobia, heterofobia, rancor.
 Pensaram em tudo: poder, finanças,
 Só esqueceram-se delas, as crianças,
 Vilipendiadas, ignoradas, terceirizadas;
 Como kit lixo ma (*nas*) sala de aulas,
 Manipuladas em suas jaulas,
 Como projetos de trapalhadas.
 (CUTRIM, 2011, s. p., grifo nosso).

O mergulho pela busca de um *corpus* dos discursos leigos sobre o *kit anti-homofobia* permitiu vários encontros diante de uma amplitude de pronúncias emitidas em sua maioria em *sites e blogs* na Internet. Dentre todo esse emaranhado dar-se-á destaque para alguns desses enunciados, numa tentativa de mostrar por quais discursos transitam e o que revelam sobre os entendimentos construídos em relação à diversidade sexual na contemporaneidade.

Inicialmente foi possível visualizar a presença do interdiscurso em pleno exercício, pois todos os enunciados apresentam dizeres já expressos no jogo de ditos instalados em função do acontecimento *kit anti-homofobia*. Também ressurgem de outros contextos históricos por meio de saberes discursivos que são resgatados, reanunciados, reeditados como forma de sustentar novas declarações, numa espécie de teia, de junção e contradições. Movimento feito não apenas pelos discursos leigos, mas também pelos demais discursos aqui eleitos como categorias de análise. De acordo com Courtine, o interdiscurso se refere aos “... objetos que esse sujeito enunciatador se apropria para deles fazer objetos de seu discurso...” (COURTINE, 2009, p. 74).

Tais enunciados não podem ser interpretados como a tradução de uma simples manifestação isolada, particular do/da enunciator/ra, dada a presença de uma multiplicidade de dizeres oportunizados por uma positividade interna à própria trama do discurso. Compreende-se por positividade a atribuição dada por Foucault, para quem:

A positividade de um discurso caracteriza-lhe a unidade através do tempo e muito além das obras individuais, dos livros e dos textos. Se ela não revela quem estava com a verdade, pode mostrar como os enunciados “falavam a mesma coisas”, colocando-se no “mesmo nível”, no “mesmo campo de batalha”. Ela define um espaço limitado de comunicação (mais extenso, entretanto, do que o jogo de influências entre um autor e outro). Toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva (pouco importa se os autores se conhecem ou não, se percebem a trama que os enreda) se comunica pela forma de positividade de seus discursos. A positividade desenvolve um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos (GREGOLIN, 2004, p. 39-40).

Como afirma Foucault, a positividade não determina quem está com a verdade, mas mostra que os dizeres por vezes falam das mesmas coisas e se situam nos mesmos territórios de confrontos. O que pode ser visto pela retomada de discursos que historicamente vêm sendo produzidos sobre a sexualidade por meio de relações assimétricas de poder.

Apresentar-se-ão alguns *corpus* selecionados a partir das interlocuções de pessoas leigas, emitidos em *sites* da Internet como manifestação em relação ao projeto *Escola Sem Homofobia*.

No *corpus*: “Imaginemos as ridículas cenas, engravatamos (*engravatados*) e suas trenas, medindo o tamanho da língua” (CUTRIM, 2011, s. p., grifo nosso), encontra-se uma recorrência pontual ao discurso do ex-secretário do MEC, André Lázaro, propagado repetitivamente por diferentes mídias, a respeito da possibilidade da exibição de um beijo lésbico cogitado para ser veiculado na primeira versão construída do audiovisual *Torpedo*, o terceiro dos vídeos analisados no capítulo 1.

O ex-secretário André Lázaro, em uma sessão de novembro de 2010 na câmara dos deputados, assim se manifestou:

E só para contar uma história, que acho que vale a pena, uma das dificuldades era, um dos materiais didáticos, um dos filmes, tinha um beijo na boca, e a gente ficou - um beijo lésbico na boca - a gente ficou uns três meses discutindo até onde ia - até onde entrava a língua - risos... (PROPOSTA DE KIT..., 2011, s. p.).

Essa fala do ex-secretário aborda a dificuldade para se elaborar um material que trate sobre diversidade sexual e o cuidado necessário demandado ao se elaborar um vídeo com esse teor, que busque não chocar ou escandalizar aqueles/as que foram governados a partir das normatizações heterossexuais. No entanto, o que assombrou foi a informalidade de André Lázaro, ao comentar tranquilamente uma das etapas da construção dos vídeos que compõem o material *kit anti-homofobia*.

A informalidade do ex-secretário foi então usada como trunfo para criar um reboliço em torno do pronunciar: profundidade da língua em um beijo lésbico, numa tentativa de desconstruir a seriedade das reivindicações da comunidade LGBTTT.

Para expor a dificuldade de elaboração de um vídeo que trate sobre diversidade sexual, André Lázaro relata que várias discussões com profissionais especialistas na temática foram realizadas para decidir se manteria ou não um beijo lésbico no audiovisual torpedado.

Vê-se, por meio do *corpus* de análise, que a insistência no reeditar dessa fala revela mais que um choque ou oposição ao discurso emitido, ela oportuniza o reaver de um discurso sobre o processo histórico de normalização e institucionalização da própria sexualidade, de toda uma construção “sob o signo de uma lógica da concupiscência do desejo” (FOUCAULT, 2010a, p. 88-89), numa “... caça à verdade do sexo, à verdade no sexo”(idem). Ou seja, o que possibilita o discurso de inquietude diante da profundidade da língua em um beijo lésbico, é mais que uma polêmica em torno do *kit anti-homofobia*, mas, antes se refere a todo um dispositivo da sexualidade que atua na vida das pessoas a regular suas mais diferentes condutas.

No fragmento: “Enquanto pobres e negros, cidadãos sem sossegos, e velhos esquecidos morrem à míngua. Pobres pais, pobres mães, amordaçados como cães”. (CUTRIM, 2011, s. p.), percebe-se o retomar do discurso que faz uso da defesa de outras minorias historicamente discriminadas e alijadas de direitos políticos e sociais, como o movimento em defesa dos direitos étnicos raciais, o movimento de trabalhadores, ou o movimento feminista. Não exatamente para validar as necessárias reivindicações feitas por esses movimentos, mas para usá-las como suporte que afaste, oculte ou minimize a legitimidade da luta contra a homofobia, numa justificativa de que há assuntos mais importantes para serem pensados, o que é expresso pelas últimas enunciações do mesmo *corpus*: “Como kit lixo ma (nas) sala de aulas, manipuladas em suas jaulas, como projetos de trapalhadas” (CUTRIM, 2011, s. p.), ou esse outro *corpus*: “Gal [...] Para investir na Educação nunca se tem VERBA... Escolas com bibliotecas,

ou melhor Sala de Leitura, fechadas por falta de funcionário e pouquíssimos livros” (idem), ou ainda:

A questão não é ser gay a questão aqui é a porra do kit nas escolas, com tanta gente passando fome. Se vc tivesse passado necessidade vc nem daria prioridade a sua opção sexual e sim na melhoria de vida. A questão não é o homossexualismo e sim o dinheiro que ta sendo gasto em coisas fúteis. naktsvilks há 2 meses (RESPOSTA AO..., 2011, s. p.).

A noção que compreende as diversidades sexuais como modismo também perpassa pelos discursos leigos. Conforme apresenta a seguinte elocução:

... tem muita gente que vai nessa onda de ser bi ser gay ser qualquer coisa, isso passa de condição a ser algo legal, algo da moda assim como bebida entre jovens, etc .sua retardada do caralho, isso influencia a querer algo asism, nao a tratar como igualdade, isso passa de algo para informar a algo totalitario, vai estuda burra do kct, satoviski há 4 meses (RESPOSTA AO..., 2011, s. p.).

Tanto esse discurso, como o pedagógico, em que também compareceu essa enunciação, permitem observar que o/a interlocutor/ra consideram as diferenças sexuais como algo momentâneo, passageiro, próprio do universo *fashion*.

No entanto, no lugar de uma constatação esse discurso antes fabrica uma concepção de inconsistência das diversidades sexuais, ao emoldurá-las nessa perspectiva de transitoriedade, como se tratassem apenas de fases passageiras, análogas ao universo da moda, o que ocasiona um ardil, por diluir a busca por reconhecimentos das diferentes formas de se viver a sexualidade, sem submeter-se a enfrentamentos tormentosos.

Ao mesmo tempo o discurso mostra-se escorregadio, ao deixar escapar uma preocupação com a crescente visibilidade das diversidades sexuais, pois se existe um movimento que barra, proíbe, veta um projeto proposto como ferramenta de reflexão sobre as diferenças sexuais e combate à homofobia nas escolas, o mesmo movimento oportuniza um espaço de evidência dessa realidade muitas vezes despercebida. Parece ser contra tal evidência que alguns discursos, a exemplo do destacado acima, tentam se estabelecer.

Mas, eles também contribuem, contraditoriamente, com o rompimento de visões que restringem as homossexualidades (feminina e masculina), transexualidades, bissexualidades, travestilidades, como práticas meramente sexuais, o que pode ser deduzido pela afirmação: “isso passa de condição a ser algo legal” (RESPOSTA AO...,

2011, s. p.), ou seja, uma preocupação como já apontava Foucault, de “... que indivíduos comecem a se amar” (FOUCAULT, 2011, p. 2), alegando assim que as relações distintas das heterossexuais não podem ser vistas como duradouras ou válidas.

Essa preocupação, no entanto, não se dá no vazio, mas fruto da constatação da existência de espaços, concepções e políticas que começam um tímido processo de maior reconhecimento da legitimidade das relações afetivas homossexuais, tanto quanto dos relacionamentos heterossexuais. Ainda que a homofobia seja exacerbada no Brasil, o discurso que pretende trancafiar as diferenças homossexuais em espaços privados ou em subterfúgios parece ser cada vez mais insustentável.

Essa ideia pode ser corroborada no encontro de vários discursos favoráveis ao material educativo em questão, os quais se empreendem como defensores de uma vivência plena das diversidades sexuais. Em destaque, seguem alguns desses enunciados:

Pâmella disse: 10 de dezembro de 2010 às 23:56

Eu trabalho em uma escola estadual em São Paulo e apóio que destinem recursos para estimular a aceitação da diversidade. Vários adolescentes ficam desestimulados devido ao preconceito que sofrem sem amparo algum de qualquer educador. Os impostos são pagos pelos homossexuais também e ninguém recusa-se a receber o valor integral dos impostos porque eles têm menos direitos que os outros cidadãos. Alguns católicos, evangélicos e espíritas se consideram arautos da verdade absoluta e escolhidos que estão acima dos demais, quando o que sua doutrina original prega é respeitar a dignidade do próximo e não ceder à presunção humana desejando subjugar-lo por ter menor poder. [...] Com tantos casos de agressão surgindo em São Paulo, estimular que a homossexualidade seja escondida para agradar os que de alguma forma se ofendem com as práticas alheias (que já não são explícitas pelo medo que as rodeia) não passa de imbecilidade. Homossexualidade não é doença, crime nem justificativa pra cercar os direitos de uma minoria que é calada pelo ódio destas pessoas que deveriam amar o próximo e se justificam “odiando seu pecado” para justificar atos vis contra estas pessoas. Escola é para auxiliar a formação da cidadania, se não for para isso, serve apenas para criar um exército de seguidores de dogmas de alguma instituição que funcionam mecanicamente, sem notar que estão sendo irracionais. [...] Parabéns à iniciativa do governo! [...]

Igor Camilo disse: 1 de março de 2011 às 5:38

Meu deus, quantos comentários homofóbicos! E pensar que pouco tempo atrás pensava que só uma pequena parte da população pensava assim. Que mentalidade pobre e atrasada... Homossexuais têm tanto direito de se casarem com quem quiserem tanto quanto os heterossexuais. Não vejo razão para serem tratados diferentes (CUTRIM, 2011, s. p.).

O primeiro enunciado elabora argumentos que buscam contestar algumas das justificativas contrárias ao projeto. Por exemplo, contrapõe-se aos discursos religiosos

avessos ao projeto *Escola Sem Homofobia* e também aos muitos dizeres veiculados sobre o valor total gasto no projeto, o qual se aproximaria de 3 milhões.

É preciso ressaltar que essa questão da verba funcionou como peça importante no ataque ao material. Discurso que serviu para produzir uma noção de que o valor elevado não justificaria a considerada causa supérflua, os/as defensores/as dessa vertente alegam que o governo deveria investir em setores realmente necessitados, como saúde, educação - esse projeto a partir desse enunciado, não é tido como um projeto educacional - assistência social, entre outros.

Por sua vez o discurso: “Os impostos são pagos pelos homossexuais também e ninguém se recusa a receber o valor integral dos impostos porque eles têm menos direitos que os outros cidadãos” (CUTRIM, 2011, s. p.), constitui-se como tentativa de evidenciar aspectos da relação de igualdade e diferenças vivenciadas por pessoas LGBTTT, pois essas, de igual forma que heterossexuais, cumprem com deveres civis, como pagamento de impostos, mas são tratadas diferentemente e de forma desigual no que se refere ao usufruir de alguns direitos básicos, como frequentar uma escola pública sem sofrer humilhação, agressões físicas ou, ainda, sem ser obrigadas a abandonar os estudos diante dessa realidade.

A internauta também justifica que deixar de efetivar o projeto *kit anti-homofobia* diante de uma realidade que o clama, só faz sentido se for para “agradar os que de alguma forma se ofendem com as práticas alheias” (CUTRIM, 2011, s. p.).

O segundo enunciado, da citação anterior, ao exclamar: “Meu deus, quantos comentários homofóbicos!” (idem), expressa uma surpresa diante da quantidade de explanações homofóbicas encontradas, o que foi possível também constatar ao percorrer distintos discursos. Embora não seja intenção desse trabalho quantificar dados, é notória a percepção da prevalência de discursos contrários ao projeto, ou ainda, a realização de possíveis outras discussões sobre a diversidade sexual em instituições escolares.

Ainda, nesse mesmo enunciado, comparece uma concepção enraizada ao modelo heterossexual como parâmetro regulador de todas as relações afetivas, o que é sutilmente veiculado no dizer: “Homossexuais têm tanto direito de se casarem com quem quiserem tanto quanto os heterossexuais”. Parece existir uma dificuldade de conceber uma relação afetiva homossexual desarticulada dos ideais heteronormativos, o que configura motivo de questionamentos.

Defender as diversidades sexuais de maneira a formatá-las aos padrões heteronormativos pode se constituir numa armadilha, construída como forma de

cooptar, assujeitar às diferenças, enredando-as nos mesmos mecanismos do dispositivo da sexualidade aos quais historicamente a heterossexualidade se submete.

Todo esse labirinto discursivo proporcionado pelos discursos religiosos, psicológicos, pedagógicos, biológicos, jurídicos, leigos permite um movimento reflexivo sobre como enfrentar a homofobia nos espaços escolares, num contexto onde os discursos ainda se elevam de forma a incitar concepções e produções das diferenças sexuais num processo que as fixam como anormais, pervertidas, respeitáveis suportáveis, indignas, contagiosas, modismos, estranhas.

A construção desse material educativo, assim como de todo o dinamitar discursivo desencadeado, indicam a necessidade de se buscar sempre novos enfrentamentos capazes de atuar subversivamente contra as marcas identitárias, atribuídas aos sujeitos, que “tornam alguns mais (ou menos) subordinados aos mecanismos de exclusão, sexismo, homofobia, discriminação e preconceito” (FURLANI, 2008, p. 80).

Se o *Kit anti-homofobia* parece ter sido preso nessa rede dos poderes, tudo indica que somente situando-se no interior desses jogos de poder, e construindo uma analítica dessas relações, é possível escapar a dispositivos como esse.

As análises realizadas ao longo dessa pesquisa buscaram aproximar-se desse sentido subversivo, destrinchando alguns dos arranjos construídos pelos jogos de poder e saber que fazem do *kit anti-homofobia* um estratégico dispositivo de assujeitamento das diferenças sexuais, das pessoas LGBTTT, alcançado por aquilo que ele incita, fabrica, produz, pois, ao mesmo tempo em que arquiteta normalizações para o corpo, afeto, desejo retoma antigos saberes e elabora novas conjecturas, ainda mais atualizadas, inovadoras, com um poder ainda mais refinado, disposto a armar uma defesa contra quem se quer subjugar.

Assim, seria preciso buscar um abrigo, naquilo que constitui o próprio dispositivo, como na canção de Cazuza¹⁴: “buscar um abrigo no peito do meu traidor”, somente assim, perto do inimigo, esmiuçando-o, talvez seja possível buscar novas formas, novas experiências de existência e construção de uma subjetividade às avessas daquela sutilmente colocada por esse perspicaz jogo, nesse caso, revestido pelo poder do discurso e de suas produções.

¹⁴ *Faz parte do meu show*, composição de Cazuza com parceria de Renato Ladeira. Gravada no álbum: Ideologia, pela PolyGram, em 1988.

É imprescindível lembrar que para Foucault (2009) o discurso é construído por meio de lutas, jogos de poder e arranjos variados.

TRAÇADOS FINAIS: DE *TSUNAMI* A ONDAS CALMAS?

A norma é saturante, ou seja, ela não admite exterior, fazendo de todos um caso seu: normal ou anormal. O anormal, portanto, está na norma, está no abrigo da norma, ainda que seja tomado como um aposto do normal (VEIGA-NETO, 2011, p. 75).

Olhares apressados, ou descontextualizados, poderiam tomar esse acontecimento como o alçar do vôo que não decolou perante o mau tempo formado. Um *tsunami* passageiro que em princípio resultou-se em forte ressaca, mas, posteriormente, nada mais deixou, além de ondas calmas a refrescar as areias brancas à margem da praia.

Nesse prisma, é preciso considerar que as gigantes ondas produzidas pelo acontecimento *kit anti-homofobia* não se formaram no vácuo do tempo, ao contrário, assim como os *tsunamis* são originados, entre outros fatores, de colisões, choques sísmicos entre placas tectônicas, ou erupções vulcânicas. De modo análogo a desencadeada polêmica é fruto de uma histórica luta de reivindicações lideradas pelo movimento Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) em prol dos direitos da diversidade sexual, contra a homofobia, contra as inúmeras configurações de violência e crimes a que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais são submetidos/as em diferentes espaços sociais brasileiros. Entre esses, os ambientes escolares, nos quais as pessoas não heterossexuais são margeadas em seus direitos de estudantes e cidadãs.

O material *kit anti-homofobia*, juntamente com o projeto *Escola Sem Homofobia*, traçou um ziguezaguear marítimo que se mostrou em alguns momentos composto por ondas gigantes, mas em outros, apenas por parcas ondas, que ainda assim não deixaram de balançar as águas e produzir aí seus mais diferentes desenhos, como espumas na água do mar, que se fazem, desfazem, refazem, em constante devir.

Não é coerente pensar o *kit* como um acontecimento findado às margens da praia, pois no território das lutas travadas em favor das diversidades sexuais no Brasil há essa contínua presença das impactantes colisões que liberam energias capazes de reconfigurar o cenário dos diversos jogos de poder e saber, os quais engendram sempre novas produções de verdades. Nesse caso, vistas pelos contornos do dispositivo *kit anti-*

homofobia que, para além de constituir-se como instrumento de combate à homofobia, opera no sentido de fabricar subjetividades.

Assim, as análises realizadas não buscaram apontar respostas valorativas sobre o material educativo, situando-se contra ou a favor, mas antes pensá-lo como um dispositivo de poder e, nesse sentido, interrogar por seus possíveis alcances em relação à sujeição das diferenças sexuais, pois, de acordo com Fischer (2012), toda forma de poder reveste-se de uma preocupação com o bem-estar da população, mas com intuito de melhor guiar, governar. Para a autora:

... um poder preocupado com o bem-estar da população e a saúde de cada um em particular, um poder que se reveste de ‘bondade’ e sincera dedicação a toda a comunidade, mas que não tem condição de se exercer senão munindo-se de toda a informação sobre cada grupo, sobre o que pensam e sentem todos os indivíduos e como eles podem ser mais bem dirigidos (FISCHER, 2012, p. 56).

Buscou-se observar em que medida alguns discursos que propõem apoio à diversidade sexual e se posicionam contra ações discriminatórias não contribuem para a construção e legitimidade de práticas homofóbicas quando, por exemplo, em nome de boas intenções pretendem colocar uma/um homossexual na linha, no caminho certo, o que configura “uma tentativa de submeter os homossexuais a uma espécie de vigilância protetiva” (BORRILLO, 2009, p. 29).

Percorrer o objeto de estudo proposto, ou seja, os diferentes discursos expressos na mídia brasileira, referentes à repercussão da possibilidade de aprovação do material educativo *kit anti-homofobia*, oportunizou o encontro com surpreendentes vertentes desse acontecimento, alcançadas pela análise dos audiovisuais desencadeadores de toda polêmica.

Desse encontro é possível destacar três principais aspectos que compuseram o dispositivo *kit anti-homofobia*. O primeiro deles refere-se ao fato de que esses audiovisuais sobre a lesbianidade, bissexualidade e travestilidade, embora se proponham a constituir ferramentas didáticas suscitadoras de um debate sobre as diversidades sexuais nas instituições escolares e a funcionarem, dessa forma, como estratégia no combate das práticas homofóbicas, são esvaziados de uma maior autenticidade que possa referir-se às diferenças. As histórias são fabricadas de forma a retirar a presença lésbica, bissexual, travesti, ou antes, há uma certa pasteurização das diferenças, em que os germes responsáveis pela fermentação ou efervescências das diferenças são retirados de cena.

O que se vê nos audiovisuais é aquilo que os discursos pretendem fazer existir, armar, fabricar. Ou seja, uma constituição normalizável dos corpos, arquitetada na apresentação de uma travesti presa aos mesmos padrões hegemônicos atribuídos à mulher heterossexual. Ou uma relação lésbica, em certa perspectiva, romantizada, dessexualizada, atrelada aos moldes de uma heteronormatividade burguesa, branca e cristã. Uma lesbianidade a incitar ou servir ao fetichismo machista dos homens heterossexuais. E, ainda, uma bissexualidade construída num discurso vazio, em que a estratégia é o uso de uma racionalidade que busca enaltecer ou preservar a supremacia da heterossexualidade.

Pela análise realizada dos audiovisuais, apesar de certo objetivo ou empenho para se construir um debate sobre as diferenças sexuais, notam-se essas muitas linhas em que as diferenças são silenciadas, ou antes, fabricadas para falarem mais dos arcaicos padrões heterossexistas do que das homossexualidades.

Todavia, talvez seja preciso sublinhar o fato de que a construção em si de um material educativo que se proponha a defender as diversidades sexuais constitui-se em uma tarefa inovadora e árdua, uma vez que a lesbianidade, bissexualidade, homossexualidade, travestilidade não se constituem em identidades fixas, manipuláveis, fáceis de serem capturadas pela ordem do discurso, pois essas se compõem em formas de existência e experiências em devir.

Somando-se a essa conjectura é sobretudo necessário considerar que o projeto de produzir um material educativo para ser utilizado em instituições escolares, potencialmente reconhecidas por suas práticas de controle, de disciplinarização, normalização, fabricação de corpos dóceis, maleáveis, moldáveis, de produções de subjetividade pautadas no assujeitamento, faz dessa proposta um desafio, fortemente cerceado pela tessitura do exercício de poder e saber que circula historicamente nas instituições escolares, já que a escola funciona substancialmente como máquina disciplinar e regulamentadora da vida. De acordo com Alfredo Veiga-Neto:

Não é demais insistir que, mais do que qualquer outra instituição, a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna (VEIGA-NETO, 2011, p. 70).

E, para além do poder disciplinar, na escola circula também o biopoder, que se trata de uma nova tecnologia de poder, que Foucault afirma surgir na segunda metade do século XVIII, um poder que “se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao

homem ser vivo [...] ao homem-espécie” (FOUCAULT, 2002, p. 289), um poder regulamentador da vida, da população, um “poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante...”, um poder que faz uso de uma tecnologia que visa o equilíbrio global, ou “... algo como uma homeóstase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos.” (ibid., p. 297).

Nesse contexto a sexualidade ocupa domínio central, pois passa a funcionar como perfeito elo articulador entre corpo e população, sendo que, de acordo com Foucault, “A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação” (FOUCAULT, 2002, p. 300).

A esse respeito, Alfredo Veiga-Neto (2011) afirma que o que articula os mecanismos disciplinares, os quais atuam sobre o corpo, com os mecanismos regulamentadores, que atuam sobre a população, é a norma. De acordo com o autor:

A norma se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado quanto à população que se quer regulamentar; ela efetua a relação entre ambos, a partir deles mesmos, sem qualquer exterioridade, sem apelar para algo que seja externo ao corpo e à população em que está esse corpo. [...] A norma é o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto de indivíduos; por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e o conjunto. E, ao se fazer isso, chama-se de anormal aqueles cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque *dês-via*, tira do rumo, leva à perdição (VEIGA-NETO, 2011, p. 74-75).

A partir dessa perspectiva, e ao considerar a escola como potencial instituição de aplicação das normas, parece razoável avaliar que o dispositivo *kit anti-homofobia*, produzido para uso das instituições escolares, teria a sua funcionalidade relacionada com a criação de normas, que se aplicariam tanto ao corpo de lésbicas, gays, transexuais, bissexuais, como à população LGBTTTT.

Nesse ínterim, considera-se que o *kit* já nasce aprisionado a essas teias e jogos de poder, afinal trata-se de um material elaborado no bojo das normatizações pedagógicas, ou seja, sob a tutela e constante apreciação do MEC, ainda que esse pai renegue o filho, que decididamente participou da concepção, e recuse a emitir sua certidão de nascimento, mediante o veto presidencial. Nesse caso, ironicamente, esse pai é mãe, a mãe que recusa o filho e mostra, assim, que essa específica condição materna também

não é essencializada, natural, mas construída histórica, social e culturalmente, nos campos minados do poder.

Essa consideração é um paradoxo, pois é curioso o fato de que no governo da primeira presidente mulher do Brasil, que defende ser chamada de *presidenta*, como forma de manifestar seu orgulho e defesa em relação ao movimento feminista, em defesa das mulheres, que historicamente foram alijadas em seus direitos, essa mesma mulher vê-se na posição de vetar um material educativo destinado a realizar uma discussão sobre outras consideradas minorias sociais, nesse caso, as pessoas homossexuais. Um paradoxo, decorrente das relações de poder múltiplas e transitórias, que de acordo com Foucault:

... em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (FOUCAULT, 1985, p. 179).

Outra possível consideração se encontra justamente no segundo aspecto a se destacar. Embora esse filho tenha nascido nu - por assim ter sido produzido -, desvestido de maiores matizes da diversidade sexual, é necessariamente contra esse vazio, essa ausência de qualquer estranheza que os discursos se arquitetam. Pois a maioria dos enunciados produzidos a partir desse acontecimento: os discursos psicológicos, leigos, pedagógicos, biológicos, jurídicos, religiosos, políticos, fazem murmúrio a partir de um material, em si despido de qualquer força chocante, no literal sentido de que nada, ou pouco há nesse material que possa colidir com os valores e normas da heterossexualidade.

Diante dessa constatação, um terceiro aspecto emerge. O que esse dispositivo produz, já que não é fundamentalmente um material educativo que expresse as diversidades sexuais? Em larga medida, parece que ele acaba constituindo-se como uma tocha que se inflama em favor da heterossexualidade. Possível de ser percebida tanto pelos audiovisuais, por meio da análise realizada no primeiro capítulo, como também dos diferentes discursos propagados em relação ao *kit anti-homofobia*, analisados no segundo capítulo.

Afinal, os discursos analisados no segundo capítulo, entre outros enunciados, falam de um material que pretende fazer das escolas verdadeiras academias de homossexuais. Afirmam existir uma minoria barulhenta que pretende sobrepor-se a uma

maioria absoluta de heterossexuais. Conjecturam a possibilidade da criação de um terceiro sexo com uma lei. Asseguram que o material contém linguagem vulgar e imagens pornográficas. Sustentam que há uma afronta aos valores de família, ou ainda, que se trata de uma desconstrução da família. Reforçam a convicção de que nenhum pai ou mãe deseja ter um filho ou filha homossexual. Alegam que o material estimula a homossexualidade, pedofilia e pederastia. Defendem que as homossexualidades são opções sexuais, ou, modismo, aberração, doença, perversão. Asseguram que o material é uma apologia à sexualidade precoce, ou uma maneira de despertar nas crianças, que não possuem maturidade devida, um assunto angustiante. Atribuem às homossexualidades um caráter de problema comportamental crônico, ou rotulam essas de serem afrontas à sexualidade natural, biológica, reprodutiva.

Todo esse labirinto de dizeres demonstra o quanto o “enunciado discursivo vale como se fosse um objeto a ser disputado, algo desejável, uma vez que veiculam, constituem, distribuem saber e poder” (ARAÚJO, 2004, p. 244).

A partir desses enunciados, percebe-se que os discursos voltam-se não necessariamente para o *kit*, para seu conteúdo, já que o estranho ali não se encontra, os discursos se armam para produzir uma verdade que atue em favor da heteronormatividade e remeta, assim, às diferenças sexuais para distantes praias desertas.

A explosão discursiva sobre o acontecimento *kit anti-homofobia* justamente enaltece a expressão do próprio enredamento do poder que, de acordo com Araújo, é um poder relacional, microfísico, que “não opera exclusivamente pela dominação, pela emasculação de forças, pela imposição de alto e baixo, senão que cria, inventa, produz...” (ibid., p. 237).

Um *tsunami* que traz diversas ondas discursivas, mas as placas tectônicas responsáveis por esse abalo sísmico não são o material em si, pois esse pouco oferece para despertar tal pânico moral. Antes, as linhas desencadeadoras são formadas a partir daquilo que o material produz ao cogitar proposições sobre a diversidade sexual, pois no desenredar do acontecimento, o que esse dispositivo consegue é reaver antigos conflitos, é arquitetar normatizações mais uma vez destinadas a balizar o Sexo da Nação: a heterossexualidade.

Tem-se como exemplo a estratégia de reafirmar o discurso da hegemonia familiar, com a afirmação: “Eu duvido qual pai que tá esperando um filho agora e diga o seguinte: Ah! Se ele for *gay* será o orgulho da família” (KIT GAY - PROGRAMA...,

2011, s. p.). Um dizer recorrente nos enunciados produzidos pelos discursos religiosos, ou seja, de uma verdade cristalizada a partir dos ideais da heteronormatividade.

Igualmente, é um discurso comum no interior de muitas famílias com filhas/filhos homossexuais, não necessariamente porque essas não possam ter orgulho de ter uma/um filha/o homossexual, mas porque a cultura ocidental tem propagado apenas uma vertente da sexualidade, tida como normal, aceitável, as outras são as estranhas. Ocasiona-se um desconforto em aceitar a homossexualidade dos/as filhos/as, pois isso não é convencional, não são dignas de ser exibidas no ambiente social, não são legitimadas, pois “criamos permissões e proibições no que diz respeito aos saberes produzidos sobre a sexualidade e sobre os modos como ela aparece ou é cerceada na construção da família enquanto uma instituição social” (VIANNA; RAMIRES, 2009, p. 74).

Assim, embora pareça que todo o vendaval não passou de uma onda que recaiu sobre si mesma e morreu na praia, é preciso considerar que essa onda continua a se movimentar e certamente nem todas suas dobras foram alcançadas. O dispositivo, dada a sua própria constituição, continua a operar de modo contínuo, produzindo e deixando suas marcas.

De tal modo, é pertinente considerar que novas e desconhecidas colisões se formam a cada momento nos territórios dos jogos de poder e saber que situam a diversidade sexual, o que remete a sempre novos caminhos a se trilhar, muitas fendas a serem observadas. Uma vez que muitos emaranhados dessa tessitura certamente não foram destrinchados, apontam para a necessidade de seguir por novas rotas de análises.

Quiçá, voltar um pouco antes nos arquivos do acontecimento e buscar trilhar outros ziguezagueares, por exemplo, tentando questionar outras vias constituídas por esses jogos de poder e saber, que operam em constante produção de verdades a respeito das diferenças.

Talvez possa se pensar em traçar uma nova analítica das relações de poder que possam interrogar pela construção histórica do contexto das políticas públicas destinadas a pensar a diversidade sexual na interface da Educação. Buscar traçar linhas de análises que possam interrogar pelo entendimento dado às diferenças, no interior da elaboração dessas políticas públicas. Lançar-se, por exemplo, no questionamento da possível existência de uma idéia de tolerância ou acolhimento das diferenças, ou sutilezas para a produção de uma diversidade sexual em semelhança ao padrão heteronormativo, pois, caso haja, poder-se-ia afirmar que o dispositivo *kit anti-*

homofobia constitui-se apenas em uma linha ramificada de um dispositivo anterior, macro, e ainda mais potente.

Esse campo de poder e saber seria o eixo circular de uma histórica produção de concepções, pareceres, verdades sobre a diversidade sexual no Brasil, em especial, situada no âmbito da educação. Assim, essa só pode ser enfrentada ou subvertida mediante sua análise.

Essas indagações parecem seguir o balançar do mar, que ora joga à praia, ora devolve às águas salgadas, ininterruptamente. Assim, certamente essa pesquisa constitui-se apenas no início de uma viagem que exige continuidade. Novamente o olhar clama por outras paisagens, novas direções, um enfrentamento a ser realizado em novas e futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, p.575-585, 2001.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 108-123.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas*, Dossiê Foucault, Campinas, n. 3, Dezembro, 2006.

_____. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: EFPR, 2008.

BALMANT, Ocimara. Decisão da presidente Dilma divide educadores. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27, maio, 2011, A18.

BARBOSA, Pedro Luis Navarro- O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; BARBOSA, Pedro Luis Navarro (Org.) *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, Vanice; BARBOSA, Pedro. (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 45-62.

BELELI, Iara.]“Eles[as] parecem normais”]: visibilidade de gays e lésbicas na mídia. *Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, Natal. Jan.-jun. 2009. Vol. 3, n. 4, p. 113-130.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BEZERRA, Emanuelle. *Você é a favor do kit contra homofobia do MEC?* Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/politica/voce-e-a-favor-do-kit-contrahomofobia-do-mec/> Acesso em: Jun. 2011.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Débora (Org.). *Homofobia e educação – um desafio ao silêncio*. Brasília: EdUnB, 2009, p. 15-46.

BRASIL. *Câmara dos deputados DETAQ*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=335.1.54.O%20%20%20%20&nuQuarto=20&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:57&sgFaseSessao=PE%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=24/11/2011&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP->

COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE/ECOS. *Escola sem Homofobia*. Disponível em: <http://www.ecos.org.br/index2.asp> Acesso em: março de 2012.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, vol. 3, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CRP 16 DISCUTE NO PROGRAMA “NOVE MINUTOS” SOBRE O PROJETO ESCOLA SEM HOMOFOBIA. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Fha4oLLc7rl> Acesso em: Fev. de 2012.

CUTRIM, John. *Kit Gay nas escolas gera polêmica: Material didático mostra história de lésbicas e adolescente que virou travesti*. Disponível em: <http://blog.jornalpequeno.com.br/johncutrim/2010/12/05/kit-gay-nas-escolas-gera-polemica-material-didatico-mostra-historia-de-lesbicas-e-adolescente-que-virou-travesti/> Acesso em: maio de 2011.

DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo*. In: Deleuze, Gilles. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Passagens, Lisboa, 1996. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf> Acesso jun. 2012.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34. Autêntica, 1992.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Kit*. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/kit/> Acesso em: Ago. 2011.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educação e Sociedade*. v. 29. n. 103. p. 477-492. mai./ago. Campinas, 2008.

_____. *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf> Acesso em Ago. 2011.

DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (Org.) *Homofobia e educação – um desafio ao silêncio*. Brasília: EdUnB, 2009. p. 47- 71.

DINIZ, Débora. *Conteúdo Inadequado: Kit-Polêmica*. Disponível em: http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3586&catid=219&Itemid=154 Acesso em: Jul. de 2011.

DOUGLAS, William. *Pedras, Gays e Bíblias*. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 24 jun. 2011.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), p.9-79. 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1996.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114. Nov. P.197-223. 2001.

_____. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *A história da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2010b.

_____. *A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010c.

_____. *Da Amizade como modo de vida*. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em 16 out. 2011.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. vol. 14.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. vol. 16.

FRANCO, Bernardo Mello, *Haddad vai sofrer com 'kit gay', diz bispo da Universal*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1048833-haddad-vai-sofrer-com-kit-gay-diz-bispo-da-universal.shtml> Acesso em: Fev. 2012.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007.

_____. Educação sexual – possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 66-81.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 28-40.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 23-44.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Antropologia em primeira mão, Florianópolis: UFSC - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, nº 26, p. 29-46. 1998.

‘HADDAD É O CANDIDATO DO KIT GAY’, DIZ BOLSONARO EM CARTAZ. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2012/noticias/0,,OI5602162-EI19136,00-Haddad+e+o+candidato+do+kit+gay+diz+Bolsonaro+em+cartaz.html> Acesso: março de 2012.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 113-123.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 367-444.

KIT GAY II – DILMA ASSINA DECRETO. 1/1. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Jf9P_jP2S70&list=PL7D89DAC2958B5FD2&feature=mh_loz Acesso em: Nov. de 2011.

KIT GAY NAS ESCOLAS: COMBATE AO PRECONCEITO OU APOLOGIA AS PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS? Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UNG3Cw9oT0&list=PL7D89DAC2958B5FD2&index=73&feature=plpp_video Acesso em: Set. de 2011.

KIT GAY – PROGRAMA DO RATINHO – 13/12/2010. Parte 1/2. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=7IV9NyZX8EQ&list=PL7D89DAC2958B5FD2&index=64&feature=plpp_video Acesso em: Maio de 2011.

_____. PARTE 2/2. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=qCD6Vzh0IVM&list=PL7D89DAC2958B5FD2&index=34&feature=plpp_video. Acesso em: Maio de 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*. Vol.9, n.2, p. 541-553, 2001.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008a.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 41-52 .

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 19 - n. 1, p. 49-60, Jan./Jun. 2007.

_____. Pra que time ele joga?: a produção da identidade homossexual em um vídeo educativo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 1, p. 49-59. 2009.

MAIO, Eliane Rose. *O nome da coisa*. Maringá: UNICORPORE, 2011.

MISKOLCI, Richard. “Comentário sobre A epistemologia no armário”. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp, n. 28, p. 56-63. 2007a.

_____. Pânicos morais e controle social. Reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, jan.-jun. 2007b.

MONTEIRO, Tânia; MOURA, Rafael Moraes. Não faremos propaganda de opções sexuais, diz Dilma sobre o kit polêmico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27, maio, 2011, A18.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

MOTT, Luiz. *Homo-Afetividade e direitos humanos*, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf> Acesso em 04 abril de 2011.

MULCAHY, Russell. *Prayers for Bobby*. [Filme]. Produção e direção de Russell Mulcahy. EUA, 2009. DVD, 88 min.

NOTA OFICIAL SOBRE O PROJETO ESCOLA SEM HOMOFOBIA. Disponível em: <http://www.ecos.org.br/projetos/esh/notaoficial.pdf> Acesso em: Dez. de 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. O exemplo de Agrado: imagem, técnica e autenticidade. *Educar*, Curitiba, n. 26, p. 53-65, 2005.

PARECER PROJETO “ESCOLA SEM HOMOFOBIA”. Disponível em: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/noticias/noticiaDocumentos/parecer_tecnico_projeto_escola_sem_homofobia.pdf Acesso em: jun. de 2011.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 235-263.

PINHO, Ângela; GALLO, Ricardo. Entidades ‘criticam’ retrocesso do governo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2011, 26 mai. 2011. A8.

PROJETO KIT GAY PARA ESCOLAS PÚBLICAS - DOMINGO ESPETACULAR (22-05-2011). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=KlspuulsepE&list=PL7D89DAC2958B5FD2&index=47&feature=plpp_video Acesso em: Ag. De 2011.

PROPOSTA DE KIT GAY NAS ESCOLAS PIRA RELIGIOSOS. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=p2RQeFpSCEY> Acesso em: Nov. de 2011.

REPORTAGEM SOBRE O KIT GAY – TV CAMPO GRANDE. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Y745hfUqS70&list=PL7D89DAC2958B5FD2&index=12&feature=plpp_video Acesso em: Jan. de 2012.

RESPOSTA AO KIT GAY. Disponível em: http://www.youtube.com/all_comments?v=TeGkRdGLTBI&page=1 Acesso em: Nov. de 2011.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Sexualidade e Educação sexual: apontamentos para uma reflexão*. São Paulo: Cultura acadêmica Editora, 2002.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*. N. 05, p. 17-44. 2010.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001.

_____. Gênero e sexualidade para o consumo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 149-159.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p.19-54. 2007.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2003.

_____. Para pensar as relações entre religiões, sexualidade e políticas públicas: proposições e experiências. In: CORRÊA, Sonia e PARKER, Richard (Org.) *Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*. Rio de Janeiro: ABIA, 2011.

SENADOR MAGNO MALTA CONTRA KIT “ESCOLA SEM HOMOFOBIA” – “KIT GAY”. MP4. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B483zweaFqY> Acesso em: Maio de 2011a.

_____. Disponível em: http://www.youtube.com/all_comments?threaded=1&v=GPXRlXbSxBk Acesso em: Maio de 2011b.

SILVA, Rosimeri Aquino da Silva; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 82-107.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2009. P. 109-154.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa, et al.(Org.) *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 181- 198.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; TOLEDO, Livia Gonsalves. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*. UERJ. Ano 10, n.3, p. 729-749. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VIANNA, Cláudia; RAMIRES, Lula. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. In: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Débora (Org.). *Homofobia e educação – um desafio ao silêncio*. Brasília: EdUnB, 2009. p.73- 97.

VÍDEOS DO KIT ANTI-HOMOFOBIA. *Encontrando Bianca*. Disponível em: <http://www.dceunicamp.org.br/blog/2011/06/05/videos-do-kit-anti-homofobia/> Acesso em: 10 jun. 2011a.

_____. *Probabilidade*. Disponível em: <http://www.dceunicamp.org.br/blog/2011/06/05/videos-do-kit-anti-homofobia/> Acesso em: 10 jun. 2011b.

_____. *Torpedo*. Disponível em: <http://www.dceunicamp.org.br/blog/2011/06/05/videos-do-kit-anti-homofobia/> Acesso em: 10 jun. 2011c.

VIDEO KIT- GAY: TRÊS FILMES DO VAZAM NO YOUTUBE. Disponível em: <http://forum.antinovaordemmundial.com/Topico-video-kit-gay-tr%C3%AAs-filmes-do-vazam-no-youtube> Acesso em: Jul. de 2011.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autêntica. P.35-82.